

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

FERNANDA COSTA DE LIMA ALMADA

LACAN, POE E OS EFEITOS DE FEMINIZAÇÃO PELA CARTA/LETRA:

SEMBLANTE, SILÊNCIO E GOZO

Belo Horizonte

2014

FERNANDA COSTA DE LIMA ALMADA

**LACAN, POE E OS EFEITOS DE FEMINIZAÇÃO PELA CARTA/LETRA:
SEMBLANTE, SILÊNCIO E GOZO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração:
Estudos Psicanalíticos

Linha de pesquisa: Conceitos fundamentais em psicanálise; Investigações no campo clínico e cultural

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Maria Rosa Vieira Luchina

Belo Horizonte

2014

150 Almada, Fernanda Costa de Lima
A4441 Lacan, Poe e os efeitos de feminização pela carta/letra
2014 [manuscrito] : semblante, silêncio e gozo / Fernanda Costa de
Lima Almada. - 2014.
98 f.
Orientadora: Márcia Maria Rosa Vieira Luchina.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1.Psicologia – Teses. 2.Psicanálise – Teses. 3.Literatura -
Teses. I. 1. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PPG
PSICO
LOGIA
UFMG

FOLHA DE APROVAÇÃO

Lacan, Poe e os efeitos de feminização pela carta/letra: semblante, silêncio e gozo

FERNANDA COSTA DE LIMA ALMADA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 21 de fevereiro de 2014, pela banca constituída pelos membros:

Marcia Maria Rosa Vieira Luchina

Prof(a). Marcia Maria Rosa Vieira Luchina - Orientador
UFMG

Ram Avraham Mandil

Prof(a). Ram Avraham Mandil
UFMG

Cristina Moreira Marcos

Prof(a). Cristina Moreira Marcos
PUC-MG

Belo Horizonte, 21 de fevereiro de 2014.

Ao Conrado e ao Pedro, meus dois amores.

AGRADECIMENTOS

Ao Conrado e ao Pedro. Sem vocês não haveria estes escritos.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional.

À Márcia Rosa, pelas orientações precisas e pela leitura rigorosa.

Ao Ram Mandil, pela importante contribuição em diversos tempos deste trabalho.

À Maria Josefina Fuentes, pelos comentários preciosos em um momento fundamental.

À Cristina Marcos, pela pronta disponibilidade ao trabalho.

Ao Jésus Santiago, pelos comentários e interlocuções.

Ao meu avô Cláudio, por sua presença inspiradora e por todas as letras que já me endereçou. E à minha avó Beatriz, por sua forma singular de ter-me despertado o gosto por contos fantásticos.

Ao meu avô Porfírio, pelo incentivo. E à minha avó Lourdes, pelas lembranças.

Ao tio Renato, tia Meg, Rê, Pat e Fi, pela presença e pela força.

À minha linda Clara, pelos momentos de suavidade e pelo amor que me desperta.

Aos meus sogros, cunhados e sobrinho, pelos momentos de descontração.

À Virgínia, pela amizade heroica do cotidiano.

À amiga Ariana, cujo nome já situa minha gratidão: fio que orienta um percurso.

À Júlia, Mônica e Priscila, pela amizade doce e certa.

À Fabiana, Letícia e Izabel, pela torcida.

À Karenina por estar comigo desde sempre.

Às queridas Mvs, uma a uma.

À Hérika, cuja competência e amizade contribuíram de forma decisiva.

À Tereza, pelo carinho.

À Zezé, Jandira, Andréia e Jussara, pelos cuidados.

Aos colegas de mestrado, pelos ótimos momentos.

À Anamaris, por ter feito do meu encontro com a psicanálise irresistível.

À Elisa Alvarenga e ao Henri Kaufmanner, por sustentarem o lugar de causa, cada um à sua maneira, de forma tão viva e decidida.

E à CAPES, pelas condições para realizar a pesquisa.

...tudo o que já está lá [em o “Seminário sobre ‘A Carta Roubada’”] está não somente peneirado e ligado, mas feito dos significantes disponíveis para uma significação mais elaborada, aquela em suma, de um ensino, o meu, que posso chamar de sem precedentes, sem outro precedente senão o próprio Freud – justamente na medida em que ele define a vez anterior de tal maneira que é preciso ler a estrutura em suas impossibilidades.

(Lacan, 1971/2009, p. 91)

RESUMO

Almada, F. C. de L. (2014) *Lacan, Poe e os efeitos de feminização pela carta/letra: semblante, silêncio e gozo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Este trabalho visa investigar os efeitos de feminização pela carta/letra, noção extraída por Jacques Lacan do conto “A Carta Roubada”, de Edgar Allan Poe, tendo como ênfase a apreciação que lhe conferiu este psicanalista no princípio da década de 1970. Neste contexto, apresentaram-se duas interpretações para aqueles efeitos: uma orientada pelo semblante fálico e outra que prioriza a noção de letra.

Para nos auxiliar nessas vertentes de leitura, abordamos o caso clínico da mascarada e o dandismo como formas diferentes de articulação entre gozo e semblante. Sobre estas foi possível concluir que, onde a mascarada só pode dizer da castração, de um limite do semblante, o dândi pode indicar uma impossibilidade, o ponto de silêncio nos semblantes.

Por fim, esta investigação pretende demonstrar a contribuição da feminização pela carta/letra para uma importante transição nas concepções de feminino e de letra no ensino lacaniano, bem como evidenciar o estilo de Lacan ao transmitir suas ideias sobre um gozo opaco, que “não fosse” dos semblantes.

Palavras chaves: Lacan; efeito de feminização; carta/letra; semblante; gozo.

ABSTRACT

Almada, F. C. de L. (2014) *Lacan, Poe, and the effects of feminization by the letter: semblant, silence and jouissance*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

This work aims to investigate the effects of feminization brought about by the letter, idea extracted by Jacques Lacan from Edgar Allan Poe's short story, "The Purloined Letter". Our emphasis will be the examination of the psychoanalyst's reading of this short story in the early 1970's. Two interpretations of the aforementioned effects will be presented: one orientated by the phallic semblant, other privileging the notion of letter.

To aid in these readings, we will approach both a clinical case involving the notion of masquerade and dandyism, considered as different forms of articulation between *jouissance* and semblant. Regarding the latter, one can conclude that masquerade can only refer to castration, to a limit of the semblant, whereas the dandy can signal an impossibility, a point of silence in the semblants.

Finally, this dissertation intends to demonstrate the contribution of the effects of feminization by the letter to an important transition in Lacan's conception both of the feminine and of the letter, as well as revealing his style throughout the transmission of the idea of an opaque *jouissance* that does not relate to semblants.

Keywords: Lacan; effect of feminization; letter; semblant; *jouissance*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
I. FEMINIZAÇÃO PELOS SEMBLANTES.....	14
I.1. Lacan e o efeito de feminização pela <i>letter</i>.....	15
I.2. Leituras do falo e do feminino em “A Carta Roubada”.....	18
I.3. “A Carta Roubada”, o falo e a mascarada.....	26
<i>I.3.a. A mascarada: o caso clínico.....</i>	<i>28</i>
I.4. Feminização: apassivação, falo e gozo.....	32
<i>I.4.a. O tratamento simbólico do falo e a apassivação dos homens de ação.....</i>	<i>32</i>
<i>I.4.b. A mascarada para além da apassivação: o falo e o gozo.....</i>	<i>37</i>
I.5. A feminização pelo semblante e pelo “que não fosse”.....	39
<i>I.5.a. Semblante, gozo e efeito de feminização.....</i>	<i>40</i>
<i>I.5.b. Efeito de feminização: “ninguém nunca falou”!.....</i>	<i>43</i>
II. LETRA E FEMINIZAÇÃO: SEMBLANTES QUE ROMPEM, SEMBLANTES QUE TREMEM.....	47
II.1. Pluralidade de leituras: “O que a letra não é”.....	48
II.2. A ambiguidade da natureza da letra: efeitos de feminização pela <i>letter/litter</i>.....	53
II.3. A feminização pela carta/letra: gosto dândi?.....	58
<i>II.3.a. A invenção do dândi.....</i>	<i>59</i>
<i>II.3.b. O dandismo nos dias de hoje.....</i>	<i>65</i>
II.4. Gozo dândi, Lacan e “A Carta Roubada”	66
<i>II.4.a. Dândi: semblantes e gozo.....</i>	<i>66</i>
<i>II.4.b. O dandismo e “A Carta Roubada”</i>	<i>68</i>
II.5. O silêncio, “A” mulher e as letras	71
CONCLUSÃO.....	75
REFERÊNCIAS.....	78
ANEXO.....	83

INTRODUÇÃO

Na alcova real, uma carta comprometedora é subtraída de uma pessoa da mais alta estirpe. É a partir desta cena, a do roubo da carta a uma Rainha, que se desenrola toda a trama de “A Carta Roubada” (1845), conto célebre do escritor americano Edgar Allan Poe.

Amplamente reconhecido por sua produção literária de contos e poemas, Poe é considerado pelos críticos como o precursor do romance policial contemporâneo (cf. Todorov, 1939, p. 55). “A Carta Roubada” é o terceiro conto da trilogia pioneira que, juntamente com “Os Crimes da Rua Morgue” (1841) e “O Mistério de Maria Roget” (1842), apresenta Dupin, protótipo do detetive amador, como protagonista. Mendes (2001) confirma a importância dessas histórias, por exemplo, ao indicá-las como inspiração para as conhecidas aventuras de Sherlock Holmes, de Conan Doyle.

Além dessa inegável relevância para a literatura, “A Carta Roubada” também teve influência sobre outras áreas. Campos como a filosofia, a linguística, a cibernética e a psicanálise foram sensíveis ao seu impacto¹. Apesar desse variado alcance, nosso interesse pelo conto concentrar-se-á naquela última, a partir de um recorte preciso: os comentários que lhe rendeu o psicanalista francês Jacques Lacan a propósito dos efeitos de feminização discernidos nos personagens que detêm aquela “carta roubada”. Missiva que, como tais efeitos sugerem, ganha na leitura lacaniana, um lugar de destaque e atribuições bastante singulares. Dentre essas peculiaridades, já introduzimos uma essencial. Lacan (1956/1998) faz uso da equivocidade de sentido que a palavra carta comporta, tanto em sua língua materna como na de Poe. Pois *letter*, na língua inglesa, e *lettre*, na francesa, significa ao mesmo tempo carta e letra. O que sugere uma relação entre a feminização e a letra. Mas qual seria ela? E o que seriam aqueles efeitos?

Estas perguntas se fizeram presentes desde nosso primeiro contato com a exegese lacaniana do conto de Poe, levada adiante na década de 1950. E, não obstante a complexidade e a riqueza desses comentários, aqueles efeitos da carta/letra distinguiram-se em nossa leitura pelo seu caráter enigmático. Pois, mesmo que Lacan tenha descrito-os detalhadamente, o próprio psicanalista sugere que estes são apenas parcialmente explicados por suas teses da

¹Como comprovam o filósofo Jacques Derrida (2007), em “O carteiro da verdade”, o linguista Jean-Claude Milner (1985), em “*Retour à la lettre volée*”, e o comentário do psicanalista Jacques Lacan (1955/1985) sobre este texto de Poe, a respeito do qual ele reconhece que “os cibernéticos faziam algum caso” (p. 226), para, em seguida, situar sua importância por tratar-se de uma “novela absolutamente sensacional, que poder-se-ia até considerar como fundamental para um psicanalista” (Lacan, 1955/1985, p. 226).

época. Ou seja, tal feminização restava à sombra do que podia ser esclarecido pelas teorias do significante, privilegiadas por Lacan naquele momento de seu ensino.

Vale lembrarmos que esta não foi a primeira vez na história e nem na psicanálise que o feminino ganha ares misteriosos. Sigmund Freud (1932-33/1996) já o fez notar nas primeiras décadas da psicanálise, ao afirmar que aquele campo “mais do que qualquer outro faz jus ao interesse... Através da história, as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade” (p. 114). Neste contexto, Freud (1932-33/1996) também demonstra seu embaraço, considera suas elaborações incompletas e recomenda a quem desejasse saber mais sobre o tema que indagasse à própria experiência, aos progressos científicos ou buscasse resposta nos escritores, nos “poetas” (p. 134).

Nesse sentido, é interessante observarmos que é exatamente de um conto literário que Lacan extrai algo do feminino que se apresenta como efeito de uma carta, que também é uma letra. Assim, nossas indagações sobre a feminização pela carta/letra ganham ainda mais força por remeterem a um contexto mais amplo: a complexidade da noção de feminino em psicanálise e suas relações com os escritos literários, com a letra.

Em nossa concepção, tais questões permanecem enigmáticas até a retomada dos efeitos de feminização pela carta/letra na década de 1970, quando Lacan (1971/2009) relê o conto de Poe conferindo um destaque para aquela noção. Por isso, este trabalho enfatizará tais elaborações em *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse do semblante*² (1971). Neste, consideramos que aqueles efeitos desdobram-se em duas diferentes ênfases de leitura: uma orientada pelo semblante fálico e outra que prioriza a noção de letra e de escrita. Foram essas interpretações que orientaram a divisão de nossos capítulos.

Desta forma, no primeiro capítulo, nos conduzimos pela afirmação de Lacan (1971/2009) de que, em “O seminário sobre ‘A Carta Roubada’”³, ele se referia ao falo e que “ninguém nunca falou melhor dele” (p. 88). Observação que nos fez indagar qual seria a novidade à qual Lacan se referia nessa frase, já que desde Freud (1932-33/1996) o feminino é abordado a partir do falo. O que, aliás, como vimos, não levou Freud a conclusões satisfatórias.

Para contextualizarmos tal concepção clássica sobre o feminino, investigamos as elaborações da psicanalista Marie Bonaparte (1958) sobre tal aspecto em “A Carta Roubada”. Com isso, não pudemos deixar de mencionar os comentários do filósofo Jacques Derrida (2007), para quem as teses de Bonaparte antecipam e convergem para o mesmo ponto dos

² Doravante *Seminário 18*.

³ A partir deste momento, iremos nos referir ao “O seminário sobre ‘A Carta Roubada’” como “O seminário...”

efeitos de feminização em Lacan. Argumento usado pelo filósofo para criticar Lacan e negar qualquer inovação deste psicanalista sobre o tema.

Diante desses questionamentos, o estudo do caso clínico da mascarada, publicado pela psicanalista Joan Riviere, teve uma importante contribuição. A partir deste, esclareceu-se que, na década de 1950, Lacan (1958/1998) compartilhava com a perspectiva freudiana do feminino como apassivação, sendo esta uma das possibilidades de leitura dos efeitos de feminização pela carta/letra. Contudo, também foi possível notarmos que, não obstante essa concordância com Freud, Lacan já distinguia-se por encontrar na linguística recursos para apresentar o falo como um significante. Especificidade lacaniana, que, como veremos, descarta qualquer semelhança entre as teorias de Lacan e Bonaparte, o que nos permitiu questionar Derrida.

Contudo, para além dos esclarecimentos sobre os comentários de Derrida, ainda restavam pontos a serem clarificados. Um deles foi levantado pelo estudo da mascarada, que demonstrou como algumas questões dessa paciente não se resolviam pelo tratamento simbólico do falo. Da mesma forma, ainda não sabíamos qual era a inovação da proposta lacaniana, já que, até então, esta consistia em uma releitura das teses freudianas. Novidade que só foi esclarecida ao estudarmos o *Seminário 18*. Um dos novos elementos que esta pesquisa apresentou à nossa discussão foi que Lacan (1971/2009), ao observar a dimensão do gozo naquele seminário, passa a abordar o falo como um semblante. Assim, pode-se pensar em um gozo fálico, como aquele que é coordenado por um semblante e, portanto, capaz de articular algo da linguagem no campo do dizer. Algo, mas não tudo! Pois, como veremos, sob os efeitos de feminização, os personagens calam-se. Aqui, a frase de Lacan que orienta nossa investigação no referido capítulo ganha um novo sentido: se “ninguém nunca falou” (Lacan, 1971/2009, p. 88), é porque a feminização localiza um limite ao dizer. A referência ao feminino nesse caso reportar-se-ia menos a um mistério do que a uma impossibilidade dos semblantes em dizerem tudo sobre o gozo.

A nosso ver, essa é a grande novidade: Lacan foi além do enigma do feminino, pôde ler as impossibilidades da estrutura e concluir sobre a inexistência de um significante para abarcar tudo do gozo, ou para dizer d’A mulher. Assim, no final desse capítulo, chegamos a uma transição na concepção de feminino, tal como sugere Lacan (1971/2009), ao afirmar que a “mulher, insisto, essa que não existe, é justamente a letra – a letra como significante de que não há Outro, S (de A barrado)” (p. 102).

Aqui, Lacan parece franquear um importante passo para a psicanálise e, ao mesmo tempo, localizar um desafio. Podemos indagar: como teorizar algo que resiste a um saber

coordenado por semblantes? Ou ainda, como conduzir um tratamento que tem como principal instrumento o dizer, se este, por estrutura, tem seus limites?

No segundo capítulo, concentramo-nos, assim, nas possibilidades que Lacan, ainda no *Seminário 18*, apresenta para esse impasse. Na nossa concepção, tal proposta pode ser percebida pela mudança de leitura do psicanalista em relação à feminização. Pois, ao se deparar com os limites do semblante fálico, Lacan afirma que irá refletir sobre aqueles efeitos, enfatizando a dimensão de escrito da carta/letra. Ou seja, confere uma relevância à noção de letra. Interesse que permeia todo o *Seminário 18* e tem seu ápice na aula de 12 de maio de 1971, na “Lição sobre ‘*Lituraterra*’” (1971), que foi publicada à parte em *Outros Escritos*, com o nome de “*Lituraterra*” (1971). Estes trabalhos, tomados a partir de nosso objeto de estudo, orientaram o percurso desse capítulo.

Naquelas elaborações sobre *Lituraterra*, mesmo que de forma alusiva, Lacan convoca Derrida e Bonaparte para participarem do debate sobre a letra e a literatura. Assim, mais uma vez, fez-se necessário percorrer as concepções da psicanalista e do filósofo que relacionavam-se à temática proposta. Também foi essencial retomar a concepção de Lacan sobre a letra presente em “O seminário...”, pois o próprio psicanalista retoma suas referências da década de 1950 para formalizar uma nova apreciação dessa noção.

Desta forma, assim como acompanhamos a mudança na concepção de feminino, Lacan indica uma nova definição de letra. Esta é apresentada como um litoral que é capaz de articular duas matérias heterogêneas e, com esse artifício, acolher um gozo que irrompe dos semblantes. Tese que mais uma vez ressalta as divergências de Lacan em relação à Derrida e à Bonaparte, tanto no que concerne aos conceitos teóricos como ao tipo de abordagem da literatura. Quanto a essa última, se ela interessa para Lacan é porque a dimensão litorânea da letra permite uma leitura nas impossibilidades dos semblantes. Por exemplo, no conto de Poe, Lacan pôde ler nos efeitos de feminização que fazem calar, o furo no saber e os efeitos de gozo. Aqui, os efeitos de feminização passam a denotar um lugar de acolhimento de gozo, ainda que opaco aos semblantes.

Com isso, nos indagamos se conseguiríamos cernir qual seria o gozo acolhido pela escrita de “A Carta Roubada” e investigamos a curiosa hipótese de Laurent (2010), para quem, tratar-se-ia de um gozo dândi. Assim, foi preciso pesquisar o dandismo para tentar entender o que caracterizaria tal gozo e verificar se poderíamos lê-lo no conto de Poe. Reconhecimento que pôde ser feito quando percebemos que o dandismo indicava um gozo que, embora continuasse articulado ao semblante, fazia um uso destes bem distinto daquele vigente na mascarada. Por dominar a “arte do silêncio”, o dândi faz tremer os semblantes e

com seu gozo vacila as generalizações do falo, evidenciando sua dimensão de semblante. Assim, onde a mascarada só indica um limite, o dândi transmite uma impossibilidade, o ponto de silêncio nos semblantes.

Por fim, os efeitos de feminização, tal como recuperado no *Seminário 18*, parecem ter contribuído para pensarmos as leituras e relações entre o feminino e a letra, em especial, a formalização e as derivações da impossibilidade de dizer e escrever “A” mulher. As elaborações de Lacan em torno daquele efeito demonstram um estilo original de enfrentar tal desafio e de não se perder diante do enigma do gozo feminino. Em sua leitura sobre “A Carta Roubada” ele inventou uma maneira singular de deduzir e de transmitir um saber sobre o que “não fosse” dos semblantes.

1. FEMINIZAÇÃO PELOS SEMBLANTES

Lacan interessou-se por “A Carta Roubada”⁴, de Edgar Allan Poe, em alguns momentos de seu ensino, e extraiu deste conto importantes elementos para fazer avançar as formalizações da psicanálise. Centrar-nos-emos, pois, em um dos pontos dessas suas elaborações: os efeitos de feminização pela carta/letra.

Esses efeitos foram pensados pela primeira vez na década de 1950, em uma aula de 26 de Abril de 1955 em *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise* (1954-1955). Tais elaborações ganharam uma versão escrita, um tempo depois, sob o título “O seminário sobre ‘A Carta Roubada’” (1956)⁵, que se tornou célebre e teve sua relevância destacada pelo próprio autor na “Abertura desta coletânea” (1966) dos *Escritos*. Neste se faz notar a importância de “O seminário...” por ter “o privilégio de abrir sua sequência, a despeito de sua diacronia” (Lacan, 1998, p. 10).

Mesmo que o efeito de feminização tenha sido nomeado na década de 1950, foi ao retomá-lo em *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse do semblante*⁶ (1971) que Lacan ampliou suas contribuições sobre essa noção. Desta forma, nosso trabalho enfatizará a releitura lacaniana sobre tal efeito na década de 1970.

Neste primeiro capítulo, nos orientaremos pela afirmação de Lacan de que em “O seminário...”, ao se referir à carta e aos seus efeitos sobre os personagens do conto, tratava-se de um comentário sobre o falo. É a partir desta perspectiva que Lacan inclui “A Carta Roubada” na discussão do *Seminário 18*. Nas suas palavras:

⁴ O conto encontra-se à disposição em anexo, na sua versão original em inglês. Trata-se de uma história policial em que o astuto e destemido Ministro D. furtou uma carta suspeita de uma Rainha. Esta, na ocasião do roubo, encontrava-se na presença do tal Ministro D. e do Rei e acreditou ter escondido a epístola ao virá-la sobre a mesa com o sobrescrito para cima e a mensagem ocultada. O Ministro D., com fins de chantagem política, desconfiou que a dama escondia um segredo e roubou a carta sob seu olhar. Ela, a princípio, não se defendeu, ficou imóvel, pois temia despertar a atenção do Rei, que nada percebeu. Posteriormente, a Rainha convocou secretamente a polícia para reparar-lhe o dano. Diante do insucesso da mesma, foi o detetive Dupin que, bem pago pela própria polícia, encontrou a carta. Dupin descreve como descobriu a epístola nos aposentos do Ministro D. e atenta para o modo como este o recebeu: “bocejando, espreguiçando-se, ocioso como de costume e demonstrando-se achar no mais extremo tédio” (Poe, 2001, p. 184). Contudo, Dupin não se deixou enganar por esse comportamento lânguido e descobriu que o Ministro D. escondeu a missiva de forma bastante similar à Rainha. Desta forma, o detetive recuperou a carta e, em seu lugar, deixou um simulacro desta contendo um verso retirado da tragédia grega de Crébillon: “Un dessein si funeste, s’il n’est digne d’Atrée, est digne de Thyeste [Um desígnio tão funesto, se não é digno de Artrée é digno de Thyeste]” (Poe, 2001, p. 186- tradução nossa). Estes versos foram endereçados ao Ministro D. e tinham a intenção de identificar Dupin como o autor daquele ato, transformando o serviço mercenário e bem pago do detetive em um ato de vingança (cf. Poe, 2001, p. 171-186).

⁵ Tal como indicado na Introdução, iremos nos referir ao “O seminário sobre ‘A Carta Roubada’” como “O seminário...”.

⁶ Como proposto na Introdução, doravante *Seminário 18*.

Da página 30 à página tal, vocês verão o que falo da veiculação da carta, da maneira como o ministro a furta da Rainha, ou como Dupin se reveza com o ministro, e que consequências traz o fato de ser o detentor dessa carta... Essa carta, que é aquilo de que falo da página tal à página tal, vocês verão que fui eu que a escrevi. Será que eu sabia o que estava fazendo? Bem, não vou lhes dizer.

O que estou falando é do falo. E até diria mais: ninguém nunca falou melhor dele (LACAN, 1971/2009, p. 87-88 – grifos nossos).

Assim, essa retomada já se inicia com uma novidade, pois originalmente, em “O seminário...”, não encontramos a palavra falo uma só vez. Contudo, ao relê-lo, Lacan é categórico em apresentar o falo como uma chave de interpretação. Isso nos interessa, pois, nesse contexto, o falo torna-se um dos elementos fundamentais para pensarmos os efeitos de feminização.

Nesse sentido, podemos indagar qual é a perspectiva da novidade lacaniana, dado que abordar o feminino a partir do falo e da castração é uma formulação freudiana e, portanto, clássica na psicanálise. Todavia, ao estudarmos essa orientação tradicional, irá evidenciar-se, sim, uma dimensão inovadora da contribuição lacaniana.

Para chegarmos a essa elaboração, inicialmente desdobraremos a referência de Lacan, em “O seminário...”, sobre o que ele falou da “página tal à página tal” e “que consequências traz o fato de ser o detentor dessa carta...” (Lacan, 1971/2009, p. 87-88).

I.1. Lacan e o efeito de feminização pela *letter*

Na década de 1950, ao comentar o conto de Poe, Lacan ocupa-se em transmitir que o fundamental para a psicanálise não pertence ao campo do imaginário. Pelo contrário, o que orienta a experiência de uma análise e que determina a compulsão à repetição é o simbólico. Assim, ele esclarece que o recurso ao conto de Poe tem como objetivo

Ilustrar... a verdade que brota do momento freudiano que estamos estudando, ou seja, que é a ordem simbólica que é constituinte para o sujeito, demonstrando-lhes numa história a determinação fundamental que o sujeito recebe do percurso de um significante (LACAN, 1956/1998, p. 14).

Para introduzir a dimensão do simbólico, Lacan (1956/1998) destaca a polissemia da palavra carta na inglesa, *letter* e, na língua francesa, *lettre*⁷. Como vimos, tanto a língua materna de Poe quanto a de Lacan permitem um duplo significado dessa palavra: ela pode significar tanto carta como letra. Assim, na concepção deste psicanalista, a carta/letra

⁷ Por isso, a partir deste momento, adotaremos a versão brasileira dos *Escritos* que traduz *lettre* por carta/letra, no intuito de conservar tal ambiguidade de sentido.

funcionaria como um significante que produz seus efeitos por si só, de forma independente da mensagem da missiva.

Ou seja, não seriam os significados, mas os deslocamentos da carta/letra e a relação que os personagens estabelecem com ela que determinariam a posição subjetiva desses. Essas características permitem a Lacan (1956/1998) equiparar a carta/letra ao “inconsciente do neurótico” (p. 38). Ele o demonstra a partir do conto: a Rainha e o Ministro D., apesar de serem personagens de características radicalmente distintas, quando detêm a missiva, suas reações têm exatamente a mesma estrutura: uma ação que, diante do olhar do outro, esconde.

No conto, esses personagens viram a carta para baixo, escondendo-lhe a mensagem e enganando a si próprios de que, assim, aquela se encontra ocultada. O que permite que Lacan (1956/1998) compare-os a uma avestruz que esconde apenas a cabeça e, desta forma, acredita-se encoberta. Ato que demonstra seu fracasso, pois, após esconder a carta, tanto a Rainha como o Ministro D são descobertos e roubados. A repetição apresentada por esses dois personagens é interpretada por Lacan (1956/1998) como análoga aos efeitos do significante sobre o sujeito e correlata ao “automatismo de repetição” (p. 18).

Lacan (1956/1998), referindo-se a esse ato do Ministro D., que repete a posição da Rainha, comenta que aquele revestiu-se dos “atributos da mulher e da sombra... propícios ao ato de esconder” (p. 35). E é a partir dessa alusão à sombra que Lacan introduz os efeitos feminizantes. A psicanalista Márcia Rosa Vieira (1998) faz uma leitura deste trecho de “O seminário...”:

Quem quer que caia de posse da carta/letra, diz Lacan, deixando indicada aí certa ambiguidade, entra no cone de sombra... “numa posição essencialmente feminina”, o detentor da carta sofre um efeito de feminização... Três momentos podem ser descritos no tocante a isso: a posição da Rainha e os *signos de uma posição feminina, a feminização do Ministro* e a feminização de Dupin (p. 44 – grifos nossos).

Começemos por analisar a feminização do Ministro D.. Lacan (1956/1998) descreve a “ambiência” do seu escritório (p. 39), sua “atitude amolecida” (Lacan, 1955/1985, p. 255) e, ainda, a carta/letra, enquanto em sua posse, exalando “o mais singular *odor de femina*” (Lacan, 1956/1998, p. 35).

Localizemos como essas transformações no Ministro D. e na carta/letra aparecem no conto de Poe. Sobre o Ministro D., é Dupin quem descreve seu comportamento lânguido: “Encontrei D. em casa, bocejando, espreguiçando-se, ocioso como de costume e demonstrando-se achar no mais extremo tédio” (Poe, 2001, p. 184).

Em relação à carta/letra, Lacan (1955/1985) apresenta os aspectos da “feminização da carta” (p. 255). Esta aparece em “A Carta Roubada” no seguinte trecho: “Ostentava [a carta]

um grande selo negro, levando bem claramente o sinete de D., e estava endereçada, com letra feminina e bem miúda, ao próprio D, o ministro” (Poe, 2001, p. 184).

Lacan (1956/1988) apoia-se nesses exemplos para interpretar as mudanças causadas pela carta/letra como uma demonstração da disjunção entre o “signo da mulher” (p. 35) e o ser do Ministro D.. Ele, que a princípio era viril e astuto, reveste-se de um excesso de signos femininos.

Vejamos o que acontece com Dupin. Este, genial e impassível detetive, munido de seus óculos escuros, após desvelar o esconderijo da carta/letra nos aposentos de D. e tomá-la em seu poder, também sofre seus efeitos. Lacan (1956/1998) descreve como Dupin experimenta “uma raiva de natureza manifestamente feminina” (p. 44) ao vingar-se do Ministro D. e ao ocupar “a posição... antes ocupada pela Rainha e pelo Ministro” (p. 42).

O psicanalista extrai essas observações do último diálogo de “A Carta Roubada”, entre Dupin e o narrador, quando o detetive demonstra sua passionalidade em relação à contenda: dizendo-se “partidário da senhora em questão” (referindo-se à Rainha), caracteriza o Ministro de “*monstrum horrendum*, um homem sem gênio e princípios” e, ainda, declara que, ao recuperar a carta/letra tinha um objetivo pessoal de vingança (cf. Poe, 2001, p. 185-186).

Desta forma, ao considerar a posição da Rainha como paradigmática, Lacan (1955/1985) transmite uma concepção sobre a mulher e o feminino a partir da qual ele nomeia os “signos de uma posição essencialmente feminina” (p. 255). Esses signos, ele os reconhece na Rainha, no Ministro ou em Dupin: trata-se de uma certa não ação em contraponto a uma explosão passional. Nesse sentido, podemos citar a imobilidade ou languidez, o silêncio sobre a carta/letra e o ato de escondê-la, contrastando com o escândalo e com uma raiva audaciosa.

É esse contraste que Lacan utiliza para dizer que a posição da Rainha é correlata ao jogo de luz e sombra em relação à Lei e ao Rei. Por um lado, ao receber uma carta supostamente ilegítima, a Rainha rompe o pacto com o Rei, transgride. Por outro, ela tenta esconder essa carta. Nesse sentido, Vieira (1998) indica que Lacan “coloca o feminino do lado do que é propício ao encobrimento, à dissimulação; do lado do que é apenas parcialmente iluminado pelo significante, i.e., assimilável à ordem simbólica” (p. 47). Então, para Lacan (1956/1998), a mulher:

...faz valer seu ser, fundando-o fora da lei que continua contendo-a, por efeito das origens, em posição significante, ou até de fetiche. Para estar à altura do poder desse signo [o da mulher], basta manter-se imóvel à sombra dele, aí encontrando..., como a Rainha, o controle do não-agir (p. 35).

Vimos que as reflexões lacanianas sobre “A Carta Roubada” nos anos 1950 têm como enfoque teórico uma leitura a partir do registro simbólico e da insistência da repetição. Por outro lado, percebemos que, com o “efeito de feminização”, Lacan localiza algo sobre o feminino que não pode ser completamente explicado a partir da articulação dos significantes. Desta forma, os efeitos de feminização situam-se, antes, como algo opaco, uma sombra que poderia ser iluminada pelo simbólico. Assim, na década de 1950, esses efeitos permaneceram enigmáticos. Desta maneira, para entendermos melhor essa feminização pela carta/letra, teremos que avançar em suas possibilidades de leitura.

I.2 Leituras do falo e do feminino em “A Carta Roubada”

Apesar de não ser nosso objetivo fazer um acompanhamento exaustivo das noções de feminino e de falo em Freud e seus discípulos, tampouco do modo como Lacan as retomou, consideramos importante situar leituras da noção psicanalítica de falo para interpretar o conto “A Carta Roubada”. Com isso, visamos localizar o que poderia ser a novidade da leitura lacanianana, novidade assinalada quando, nos anos 1970, Lacan diz que na sua leitura do conto de Poe ele falava do falo. Tal como perguntamos antes, se abordar a feminilidade a partir da referência ao falo e à castração é uma tese freudiana (portanto, clássica para a psicanálise), onde estaria a inovação lacanianana?

Para tratar essa questão, iniciemos com Freud. Em “Organização genital infantil” (1923), ele destacava que a principal característica da sexualidade nos humanos:

...consiste no fato de que para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é a primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo* (FREUD, 1996, p. 158– grifo do autor)

Por isso, concordamos com Mandil (2003) quando ele observa que a primazia do falo em Freud não corresponde à uma imagem do pênis ou a uma presença real, mas a um símbolo. Este pode gerar no homem a angústia por sua perda (castração) e, na mulher, as reivindicações de sua presença (a *Penisneid*).

Essa *Penisneid*, Freud a retoma na “Conferência XXXIII” sobre a “Feminilidade” (1932-33). Para ele, ao se descobrir castrada, a menina e, mais tarde, a mulher, se situaria em relação ao falo, buscando se orientar em direção a ele. Seriam três variações nesse sentido: “uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação no caráter no sentido de um

complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal” (Freud, 1932-33/1996, p. 126).

A primeira, consistiria em, ao se ver castrada, experimentar uma inveja do pênis, fato que levaria a uma posição de menos-valia das mulheres e a uma perda de satisfação sexual. A segunda, seria uma recusa à castração e, portanto, à feminilidade, resultando em uma identificação com aquele que detêm o falo; culminaria portanto em uma masculinidade ou, em outros termos, em uma mascarada fálica. E, por último, a feminilidade normal, na qual a menina, ao crescer, procuraria no parceiro um substituto do pai como aquele que, ao dar-lhe um bebê, estaria dando-lhe o falo. Nesse sentido, Freud (1932-33/1996) afirma que, mesmo na feminilidade normal, “o antigo desejo masculino de posse do pênis ainda esta ligeiramente visível” (p. 128). Conclui, por conseguinte, que talvez, diante da problemática da sexualidade da mulher, pudéssemos “... identificar esse desejo de pênis como sendo, *par excellence*, um desejo feminino” (Freud, 1932-33/1996, p. 128). Isso significaria que a feminilidade normal implicaria a busca ativa de fins passivos.

Não podemos negar que, com essa hipótese extraída da clínica, Freud dá um passo fundamental para a compreensão do feminino em sua relação particular com o falo e com a castração. Contudo, vale ressaltar que ainda na referida “Conferência XXXIII” o próprio Freud (1996) é cauteloso quanto a seus avanços, declarando que, por fim, considera sua tese “incompleta” (p. 134). Vale reproduzir a fineza dessa observação freudiana:

Mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual. É verdade que essa influência se estende muito mais longe; não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos. Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes (FREUD, 1932-33/1996, p. 134 – grifos nossos).

Assim, podemos pensar que nas elaborações de Freud (1932-33) o falo e a castração aparecem como operadores fundamentais para esclarecermos a sexualidade feminina. Porém, eles não esclarecem todas as questões. Resta um campo de opacidade, um *continente negro*⁸,

⁸ No texto “A questão da análise leiga – conversações com uma pessoa imparcial” (1926), Freud (1926/1996) apresenta os principais tópicos da psicanálise para aqueles que ainda não estavam iniciados na mesma, com o objetivo de argumentar que não-médicos (os “leigos”) pudessem praticar a análise. Dentre esses tópicos, Freud (1926/1996) aborda o tema da relevância da sexualidade infantil na formação das neuroses. Inclui o adendo de que, no campo feminino, isso se torna ainda mais complexo, pois “sabemos menos acerca da vida sexual de meninas do que de meninos. Mas não é preciso nos envergonharmos dessa distinção; afinal de contas, a vida sexual das mulheres adultas é um ‘continente negro’ para a psicologia. Mas para aprendermos que as meninas sentem profundamente falta de um órgão sexual que seja igual em valor ao masculino; elas se consideram por causa disso inferiores, e essa ‘inveja do pênis’ é a origem de todo um grande número de reações femininas características” (Freud, 1926/1996, p. 205-206).

um para além do sexual, que segue enigmático. Esperaríamos este avanço do lado dos escritores e poetas? Dos cientistas?

De fato, não faltaram seguidores de Freud que tentaram lançar luz sobre esse continente misterioso, ainda mantendo as discussões em torno do falo⁹. Um deles nos interessa particularmente por ter apresentado sua versão sobre o tema a partir de uma leitura de “A Carta Roubada” de Edgar Allan Poe (assim, o conselho de freudiano de se indagar os escritores não deixa de ser seguido). Trata-se das contribuições de Marie Bonaparte no livro *Edgar Poe, sa vie, son oeuvre: étude analytique* (1958).

A relação de Freud com Bonaparte é assinalada pela pena do próprio psicanalista vienense no prefácio deste mesmo livro. Neste, ele a reconhece como “amiga e discípula” e elogia o seu trabalho de interpretação, pois, segundo ele, através dos estudos de Bonaparte “podemos compreender agora em que medida as características da obra desse escritor foram determinadas pela natureza especial do mesmo” (Freud 1933/1996, p. 252).¹⁰ Todavia, Freud (1933/1996) não deixa de observar que “investigações como esta não se destinam a explicar o caráter de um autor, porém mostram quais as forças motrizes que o moldaram e qual o material que lhe foi oferecido pelo destino”¹¹ (p. 252).

Com esse prefácio já introduzimos importantes dados deste livro e de sua autora, Marie Bonaparte. Sobre ele destacamos alguns pontos. Primeiro: Freud apresenta claramente sua proximidade afetiva¹² e o reconhecimento da produção de Bonaparte como sua discípula. Segundo: os comentários de Freud já deixam entrever o tom da produção. Trata-se de uma obra extensa (três volumes) dedicada a uma leitura psicobiográfica do autor. Nesta, ela interpreta a produção literária de Poe a partir de seus dados biográficos. O estudo sobre “A Carta Roubada” situa-se no segundo volume: *Les “contes”: les cycles de la mère*¹³.

⁹ A psicanalista Marie Bonaparte, no livro *Female sexuality*, lista mais de 15 artigos, citando nomes como Abraham, Helene Deutsch, Karen Horney, Melanie Klein, dentre outros famosos psicanalistas que se debruçaram sobre o tema da sexualidade feminina (cf. Bonaparte, 1953, p. 5).

¹⁰ Vale observarmos que essa citação é extraída do prefácio de Freud ao livro de Bonaparte. Como este pequeno texto faz parte das *Obras Completas* do psicanalista, escolhemos essa fonte para usar uma tradução já estabelecida daquele prefácio.

¹¹ Não podemos deixar de assinalar nesse comentário freudiano certa ambiguidade ligada a uma preocupação de que “investigações como esta não se destinam a explicar o caráter de um autor”. Como entender essa frase diante de um livro que usa a vida de Poe para interpretar sua produção literária? Seria uma ressalva de Freud ao livro? Destacamos a estranheza desta frase no contexto, embora não possamos recuperar a intenção de Freud, tampouco fornecer alguma conclusão.

¹² É um dado histórico que a psicanalista teve uma importante contribuição para a preservação da obra de Freud (em especial de suas cartas a Fliess) e um papel decisivo em salvá-lo do nazismo.

¹³ O primeiro é dedicado à vida e à interpretação dos poemas de Poe, a partir de sua biografia (*La vie et ses poèmes*). Já o terceiro é uma análise dos contos a partir da história de Poe com seu pai (*Les “contes”: les cycles du père*).

De acordo com a crítica literária Shirley Staton (1987), os contos de Poe são interpretados por Bonaparte de forma a revelar “the poet’s unconscious motivating fantasy [a fantasia inconsciente motivadora do poeta]” (Staton, 1987, p. 208), fantasias de desejo por sua falecida mãe. Na concepção de Bonaparte, esse desejo recalcado, bem como o concomitante medo da castração dominariam a escrita de Poe (cf. Staton, 1987, p. 208). Desse modo, “A Carta Roubada” situar-se-ia como um dos contos em que o tema central seria a castração da mãe, assim como o desejo de refalicização desta: “Há outros contos de Poe nos quais se exprime... a falta do falo materno e a reprovação à mãe por tê-lo perdido. Em primeiro lugar, por mais estranho que isso possa parecer, ‘A Carta Roubada’” (Bonaparte *apud* Derrida, 2007, p. 492)¹⁴.

Assim, para Bonaparte (1958), a análise de “A Carta Roubada” demonstra o sofrimento de Poe pela castração do pênis da mãe e o desejo do filho de reparar-lhe o dano através da devolução deste que, no conto, é simbolizado pela carta. Ainda nesta história, vimos que Dupin recupera tal epístola dos aposentos do Ministro D., devolve-a para a Rainha e é pago por isso. Vejamos o que a psicanalista Bonaparte pensa desse trecho:

E não ficamos surpresos que Dupin, encarnação do filho, ao declarar “suas simpatias políticas” se diga “partidário da dama em questão”... Dupin restitui à mulher a carta-símbolo, isto é, o falo que lhe faltava.

Reencontramos aqui a equivalência ouro = pênis. A mãe dá ao filho, em troca do pênis que ele devolve, ouro (BONAPARTE *apud* Derrida, 2007, p. 495).¹⁵

Aqui é importante abrirmos um parêntese. De certa forma, essa interpretação remete à leitura freudiana de que o desejo de pênis seria uma particularidade do desejo feminino. Contudo, embora exista essa convergência, é fundamental marcarmos uma divergência. Vimos que, em Freud, o pênis adquire seu valor simbólico de falo. Nesse ponto, Bonaparte (1958) se debruçou sobre o tema da feminilidade apresentando uma leitura do falo freudiano, não como um símbolo, mas em uma dimensão biológica, orgânica. O seu livro, *Female Sexuality* (1953), apresenta claramente essa tendência, que ela também acredita ser a tendência de Freud.

Para Bonaparte, as opiniões dos psicanalistas quanto à feminilidade se dividem em duas grandes correntes. A primeira acredita na primariedade das questões biológicas, com

¹⁴ Adotamos a tradução já estabelecida deste trecho a partir de sua citação por Derrida. No original: « Il est d’autres contes de Poe où s’exprime... le regret du phallus maternel et le reproche à la mère de l’avoir perdu. En premier lieu, quelque étrange que cela puisse paraître, La lettre volée » (Bonaparte, 1958, p. 580).

¹⁵ Novamente utilizaremos a tradução já estabelecida deste trecho a partir de sua citação por Derrida. No original: « Et nous ne sommes pas surpris que Dupin, incarnation du fils, en déclarant ‘ses sympathies politiques’, se dise ‘partisan de la dame en question’... Dupin, restitue à la femme la lettre-symbole, c’est-à-dire le phallus qui lui manquait. On retrouve ici l’équivalence or = pénis. La mère donne au fils, en échange du pénis qu’il lui rend, de l’or » (Bonaparte, 1958, p. 582).

outros fatores exercendo uma influência secundária. Enquanto a segunda, acredita em causas psicogênicas. Em sua distribuição, a psicanalista se situa, tanto como a Freud, na primeira tendência. Nomes como Ernest Jones, Melanie Klein e Karen Horney estariam na segunda ¹⁶ (cf. Bonaparte, 1953, p. 6).

Diante da leitura de Bonaparte sobre “A carta roubada”, retomamos a questão relativa à novidade apresentada por Lacan, quando, no *Seminário 18*, ele afirma que em “O seminário...” estava “falando do falo” (Lacan, 1971/2009, p. 88). Vimos que Bonaparte faz uma leitura da carta como o pênis que precisa ser restituído à mulher, castrada do mesmo. Então, qual seria a novidade introduzida por Lacan ao relacionar o conto de Poe ao falo? Será que a concepção de Lacan sobre a feminização pela carta/letra em sua relação com o falo e a castração em “A Carta Roubada” vai na mesma direção da leitura de Bonaparte?

O filósofo Jacques Derrida, em “O carteiro da verdade” (“Le facteur de la vérité”), capítulo do livro *O cartão-postal: de Sócrates a Freud e além* (2007), também se perguntou sobre as convergências e divergências das leituras de Bonaparte e Lacan em relação a esse conto. Ressaltamos, porém sua posição crítica diante das elaborações de Lacan acerca do conto de Edgar Allan Poe, uma vez que o filósofo se dedica a uma “leitura desconstrutora” (cf. Vieira, 1998, p. 87).

Ainda vale observarmos que, embora saibamos da complexidade das discordâncias entre Derrida e Lacan quanto à interpretação do conto de Poe, aqui não é nosso objetivo acompanhar essa discussão. Interessam-nos especificamente nesse capítulo as críticas de Derrida que abordam tanto a leitura de Bonaparte quanto a de Lacan em relação ao falo.¹⁷ A

¹⁶Nas palavras de Bonaparte: «I shall only emphasize here that in treating the cardinal problem of the masculinity complex in women, psychoanalysts authors are animated by two main and opposite trends. Some like Freud... and myself, assign it primarily biological roots, though it may be secondarily reinforced by other factors. Others... consider it stems from later and mainly psychogenic causes...» (Bonaparte, 1953, p. 6).

¹⁷ Sabemos que a questão do falo é apenas um dos enfoques da crítica derridiana a “O seminário...”. Pois podemos reconhecer na discussão do filósofo e do psicanalista outros aspectos que também são fundamentais. Por exemplo, para Derrida, a questão central do conto de Poe é a dimensão da escrita e, portanto, a carta/letra é interpretada a partir desta referência. Já Lacan, como vimos a propósito de “O seminário...”, valoriza na carta/letra seu valor simbólico, e, portanto, não destaca nesse contexto sua dimensão de letra, de escrito. Contudo, como veremos, ao retomar o conto de Poe no *Seminário 18*, essa discussão amplia-se e ganha uma nova perspectiva e novo fôlego.

A dissertação de Vieira, *Poe, Lacan e Derrida: o destino da letra* (1998), permite traçarmos um panorama das divergências entre Derrida e Lacan. Ela esclarece que, quando “O carteiro da verdade” foi apresentado como um seminário em novembro de 1971, já existia um percurso de encontros e desencontros entre o psicanalista, o filósofo e suas respectivas teorias. Mas, embora saibamos que suas discordâncias não se restringiram a “A Carta Roubada”, Vieira (1998) expõe como o conto de Poe incitou ambos ao debate. A história deste foi remontada por ela: seis meses antes desta conferência de Derrida, Lacan dedicara três lições (VI, VII e VIII) do *Seminário 18* a uma retomada de “O seminário...”: “Curiosamente, na V lição deste mesmo seminário, abordando a questão da escrita e da linguagem, Lacan convoca Derrida ao debate, e isso quando menciona os ‘astutos da arquitetura’. Assim, Lacan interroga as teses sustentadas por Derrida... de modo alusivo...” (Vieira, 1998, p. 138). Aproximadamente seis meses depois, Derrida profere “O carteiro da verdade”, que não só

importância dessa problematização está em fornecer novos elementos que relacionem e distanciem as leituras de Bonaparte e de Lacan do conto de Poe, em especial no que tangem ao feminino. Nesse ponto, acreditamos que Derrida contribui com elementos que nos fazem avançar em nossa pesquisa sobre a feminização pela carta/letra.

Para Derrida (2007), à primeira vista, Lacan parece ter avançado em relação à Bonaparte em seus comentários sobre “A Carta Roubada”: ele teria rompido “com o semantismo e o psicobiografismo ingênuos” e teria feito uma “elaboração de uma lógica do significante” (p. 470). Contudo, em uma reflexão mais apurada, Derrida constata que Lacan, de fato, não conseguiu dar um passo adiante.

Além disso, no capítulo “Ponto de vista: A verdade no lugar da sexualidade feminina”, o filósofo afirma que, ao escrever “O seminário...” (1956), Lacan teria se servido dos comentários de Bonaparte (1958), sem nomeá-la (cf. Derrida, 2007, p. 491). Para comprovar essa acusação, ele compara a leitura dos dois psicanalistas. Tomaremos aqui uma dessas articulações, que apresenta o caminho do raciocínio de Derrida ao comparar Bonaparte e Lacan. Trata-se de elaborações acerca da cena em que Dupin, ao visitar o Ministro D. em seu gabinete, encontra a carta/letra.

Essa observação nos interessa, pois é exatamente neste momento que reconhecemos em Lacan a referência aos primeiros efeitos de feminização. Recordemos: trata-se dos comentários de Lacan não só relativos à feminização do Ministro D. como sobre a carta que aparece como um imenso corpo de mulher, ambos caracterizados por exalar o mais peculiar *odor de femina*.

Vejamos o que diz Bonaparte sobre este momento:

Notaremos em primeiro lugar que a carta, verdadeiro símbolo do pênis materno, “pende”, a seu turno, acima do átrio da lareira, assim como penderia o pênis da mulher – se essa tivesse um! – acima da cloaca figurada aqui, como nos outros contos precedentes, pelo símbolo frequente da lareira. Há aqui uma verdadeira prancha da anatomia topográfica, à qual nem mesmo o botão (*knob*), o clitóris, falta (BONAPARTE *apud* Derrida, 2007, p. 494)¹⁸.

questiona a presença central do falo em “O seminário...”, como a ausência da discussão sobre o tema do escrito. Entretanto, como veremos, Lacan (1971/2009) já comentara esses dois pontos no *Seminário 18*. Ambos serão destacados nesta dissertação, sendo que, neste primeiro capítulo, concentrar-nos-emos no falo e, no segundo, nas questões que remetem à escrita e à letra.

¹⁸ Mais uma vez nos valeremos da tradução estabelecida deste trecho a partir de sua citação por Derrida. No original: « ...Nous remarquerons d’abord que la lettre, véritable symbole du pénis maternel, “pend” à son tour au-dessus de l’être de la cheminée, tout comme pendrait le pénis de la femme – si celle-ci en avait un! – au-dessus du cloaque figuré ici, comme les conte précédents, sous le symbole fréquent de la cheminée. Il y a là une véritable planche d’anatomie topographique, à laquelle le bouton (*knob*), le clitoris ne manque même pas » (Bonaparte, 1958, p. 581).

A propósito dessas observações, Bonaparte (1958) destaca em nota de rodapé um erro de Baudelaire ao traduzir, nesta cena, a posição da missiva para o francês¹⁹. No original, Poe descreve que a carta/letra posiciona-se embaixo (“beneath”) do painel da lareira.²⁰ Assim, a imagem da epístola pendendo sob o arco daquela remeteria a um pênis e comprovaria a tese de Bonaparte (1958) de que tal cenário corresponderia ao desejo de Poe em refaliciar sua mãe (pois a carta/letra apareceria no lugar onde um pênis falta em uma mulher). Contudo, na versão de Baudelaire, “*beneath* (embaixo) é traduzido por *acima*” (Bonaparte *apud* Derrida, 2007, p. 493 – grifos no original)²¹. Este erro, além de criar uma imagem diferente daquela proposta por Poe, não confirmaria a posição de Bonaparte. Por isso, para esta psicanalista é essencial recuperar o texto original do autor. Derrida (2007) comenta esta preocupação de Bonaparte, entendendo que, para ela: “a castração da mulher (da mãe) é o sentido último, o que quer dizer ‘A Carta Roubada’” (p. 491).

A partir desta citação de Bonaparte, Derrida (2007) nos lembra que Lacan faz um comentário que nos remete imediatamente à visão da carta pendendo sob a lareira, tal como destacado pela psicanalista. Nas palavras de Lacan (1956/1998):

Vejam! Entre as ombreiras [*jambages*] da lareira, eis o objeto ao alcance da mão, que o arrebatador só precisa pegar... A questão de saber se ele a apanha sobre o abrigo, *manteau*, como traduz Baudelaire, ou sob o abrigo da lareira [*sous le manteau de la cheminée*]²², como diz o texto original, pode ser abandonada sem interferências da cozinha [E mesmo da cozinheira – frase incluída por Lacan em nota de rodapé] (p. 40).

Nesse ponto, Derrida (2007) entende que Bonaparte e Lacan, embora tenham estilos diferentes: “interpretam segundo um mesmo querer-dizer: a castração da mãe como um sentido último e lugar próprio da carta” (p. 508). Assim, é a castração da mãe que, para Derrida, apresenta a Feminilidade como o lugar da Verdade para a psicanálise. Com isso, o falo teria um lugar transcendental e a mulher, como aquela castrada do falo, seria o lugar da verdade²³. Permaneceria em Lacan um “falocentrismo”:

¹⁹O escritor Charles Baudelaire foi grande entusiasta e disseminador da obra de Edgar Allan Poe, sendo inclusive responsável pela tradução de sua obra para o francês (o que inclui “A Carta Roubada”). No próximo capítulo, nos deteremos um pouco mais naquilo que pode ter causado em Baudelaire tanto encanto pela produção de Poe.

²⁰A tradução para o português, nesse ponto, se aproxima mais do original: “Afiml meus olhos, circulando o quarto, caíram sobre um barato porta-cartões de filigrana e papelão que pendia, oscilando, amarrado por uma suja fita azul, de um pequeno prego de bronze, justamente sob o meio da cornija da lareira” (Poe, 2001, p. 184).

²¹Mais uma vez nos valeremos da tradução estabelecida deste trecho a partir de sua citação por Derrida. No original: « ... *beneath* (*au-dessous*), y est rendu par *au dessus*» (Bonaparte, 1958, p. 581- grifos no original).

²²Aqui temos duas notas que se referem à tradução. Uma é que *jambages* também significa pernas. A outra é que *sous le manteau de la cheminée* significa tanto secretamente como “sob a tampa do fogão” (Lacan, 1956/1998, p. 40).

²³Um parêntese aqui sobre o termo “transcendental” e “verdade”: Para Derrida (2007) a posição transcendental é “o privilégio de um termo no interior de uma série de termos que ele torna possível e que ele supõe... Tal é o falo no papel da lógica do significante” (p. 524). Assim, para o filósofo, transcendental é o falo como aquele que

Todo falocentrismo é articulado a partir de uma *situação*... determinada em que o falo é o desejo da mãe enquanto ela não o possui. Situação a partir da qual se elabora o que se chama de uma “teoria sexual”: o falo não o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza, mas ele simboliza ali, em mais alto grau e em primeiro lugar, o pênis (DERRIDA, 2007, p. 528).

Assim, para Derrida, a interpretação de Lacan não só é tributária de Bonaparte, mas, embora aparente um avanço, acaba concluindo sobre o mesmo ponto. Por isso ele sugere que é bem possível que Lacan, na época em que redigiu “O seminário...”, tenha tido contato com o texto de Bonaparte e, talvez, as elaborações desta tenham influenciado na localização de Lacan dos efeitos feminizantes. Mas não podemos dizer que Lacan e Bonaparte convergem na leitura sobre o falo ou sobre o feminino a partir do conto de Poe.

Já em “O seminário...”, o próprio psicanalista, como Derrida (2007) destaca, ironiza a atenção que Bonaparte prestou à localização pendente da carta/letra. Em seu comentário, Lacan (1956/1998) esclarece que, no seu entendimento, isso não tem a mínima importância.

Além disso, se Lacan não cita nominalmente Bonaparte em “O seminário...”, vinte anos depois, ao retomar aquele texto no *Seminário 18*, em “Lição sobre *Lituraterra*”, ele deixa bem claro que leu Marie Bonaparte e critica a abordagem psicobiográfica que ela fez dos contos de Poe. Para Lacan (1971/2009), ao tentar explicar o texto literário interpretando o escritor a partir de sua biografia, Bonaparte realiza uma “faxina” que deixaria escapar o essencial.²⁴

garante o lugar da falta e da castração e torna-se a verdade, protegendo, deste modo, toda a teoria lacaniana sobre a lógica do significante. É o que garante a carta do despedaçamento: “nesse sentido, a castração-verdade é o contrário do despedaçamento, seu antídoto mesmo: o que falta ali em seu lugar tem seu lugar fixo, central... O falo, graças à castração, permanece sempre em seu lugar... Ele é indivisível ali, e logo, indestrutível, como a carta que está em seu lugar” (Derrida, 2007, p. 488). Introduzimos aqui essa discussão. Para que ela avance, é preciso observar não só as divergências entre Lacan e Derrida sobre o falo a propósito de “A Carta Roubada”, mas também suas discordâncias em torno da escrita. Por esse motivo, nos aprofundaremos nesse debate no capítulo seguinte, quando enfocaremos aquela temática.

Sobre a verdade, Lacan tem em Heidegger uma referência declarada em “O seminário...” (cf. Lacan, 1956/1998, p. 24). Neste seminário, como bem assinala Derrida (2007, p. 486), a verdade está conectada ao filósofo Martin Heidegger e seu conceito de *αληθεια* [*aletheia*]. Como definem Alemán e Larriera (1996) “...esta versión heideggeriana de *aletheia* es que la verdad sólo se manifiesta como des-ocultamento en la medida que se retiene como ocultamento. Este ocultamento esencial al desocultamento, este ocultamento del que se arranca y al cual se enfrenta lo que se desoculta, es un enigma, es un misterio” (p. 77). O que podemos traduzir por “... esta versão heideggeriana de *aletheia* é que a verdade só se manifesta como des-cobrimento na medida que se retém como encobrimento. Este encobrimento essencial ao des-cobrimento, este encobrimento do qual se retira e ao qual se enfrenta o que se encobre, é um enigma, é um mistério”. Assim, podemos definir *aletheia* como “o jogo de encobrimento e revelação da verdade” (Vieira, 2010, p. 169). Esse encobrimento nos remete imediatamente à posição da Rainha de esconder a carta que, depois, vemos repetida em uma das características feminizantes do Ministro D.

²⁴ Aprofundar-nos-emos na crítica de Lacan (2009) à Bonaparte (1958) no segundo capítulo. Pois, assim como comentamos a propósito da contenda entre este psicanalista e Derrida sobre o falo, também aqui é preciso primeiro acompanharmos as elaborações de Lacan sobre “A Carta Roubada” que enfocam o escrito, a letra, para depois levantarmos a discussão sobre as conexões entre psicanálise e literatura que pode ser estabelecida entre aqueles dois psicanalistas.

Então, Lacan não concordaria com Derrida quando este faz uma equivalência entre as suas concepções e aquelas de Bonaparte em relação ao conto de Poe. Como vimos, Bonaparte se debruçou sobre o tema da feminilidade apresentando uma leitura do falo não como um símbolo, ou como um significante, mas em uma dimensão biológica, orgânica. Vimos que isso contraria as próprias afirmações de Freud em “Organização genital infantil”, embora em outros textos do próprio Freud essa diferença não fique tão explícita.

Assim, é importante contextualizarmos que interpretações da tese freudiana sobre a feminilidade, como as de Bonaparte, podem parecer, hoje, para quem é mais próximo da leitura lacaniana, um equívoco óbvio. Entretanto, na época em que Freud fez circular tais elaborações, leituras como as de Bonaparte não eram raras. E, ainda hoje, aquelas teses de Freud servem, inclusive, como um ideal de maturação genital ou como um índice de feminilidade normal desejada.

Adiantamos que a relevância e a novidade da contribuição lacaniana nesse campo implica uma oposição radical a esse tipo de leitura, o que já contraria as críticas derridianas e ressalta a diferença entre as concepções de Lacan e Bonaparte acerca do feminino em “A Carta Roubada”.

Contudo, após percorrermos outras leituras sobre o efeito de feminização, mantemos nossa pergunta: como podemos entender a proposta de Lacan ao afirmar que, em “O seminário...”, ele falava sobre o falo e que ninguém nunca falou melhor dele? Como podemos pensar a feminização pela carta/letra nessa perspectiva?

I.3. “A Carta Roubada”, o falo e a mascarada

Para tratarmos a questão proposta, nos valeremos de um comentário do psicanalista francês Eric Laurent (2010) sobre o efeito de feminização pela carta/letra em sua leitura dessas questões no seu texto “‘A Carta Roubada’ e o voo sobre a letra”²⁵.

Laurent (2010) retoma o efeito de feminização e destaca o fato de que aqueles que detêm a carta sofrem o paradoxo de também serem afetados pela mesma. Assim, o Ministro D., que inicialmente caracteriza-se como um homem ativo, sofre uma apassivação:

²⁵ O título original em francês é “*La lettre volée et le vol sur la lettre*”. Na tradução perde-se a possibilidade de equivocidade de duas palavras. Na primeira, trata-se do jogo de palavras utilizado por Lacan e já comentado: *lettre* significa tanto carta quanto letra. O segundo, podemos atribuí-lo a Laurent, que, nesse título, utiliza a pluralidade semântica da palavra *vol*, que quer dizer voo e roubo.

se põe, digamos, a preocupar-se com sua aparência. O ministro sem escrúpulos... preocupa-se com sua gravata, com suas atitudes... zombando dos homens de ação (LAURENT, 2010, p. 69).

Nesse sentido, Laurent (2010) destaca o fenômeno de apassivação como uma das possibilidades de leitura do efeito de feminização. Como vimos, isso é correlativo à posição freudiana de buscar ativamente fins passivos, no sentido da incessante busca feminina pelo falo. Essa ênfase permite que Laurent articule aquele efeito à figura da mascarada feminina, uma referência clássica da clínica psicanalítica. Desta forma, para Laurent (2010), o efeito de feminização tem

... um primeiro sentido freudiano, pois, para Freud, a posição feminina consiste em buscar ativamente fins passivos – é a mascarada feminina. Em um primeiro sentido é a apassivação dos homens de ação (p. 70).

Com isso, a mascarada passa a nos interessar sobremaneira. Primeiro, porque possibilita que articulemos nossa pesquisa à clínica. Isso é importante, pois, na concepção de Lacan (1964/1985), a psicanálise não é uma *episteme*, mas “uma práxis”²⁶ (p. 14). Assim, consideramos que a mascarada feminina nos permitirá avançarmos teoricamente sem perdermos de vista o que é essencial da experiência analítica.

Segundo, porque a mascarada coloca em evidência a tradicional relação psicanalítica entre o feminino e o falo. O trabalho sobre essa questão nos ajudará a pensar as leituras lacanianas da feminização pela via da mascarada, avaliando as convergências e divergências, se for o caso, a propósito dos efeitos de feminização pela carta/letra, uma vez que Lacan sugere haver neles uma novidade quanto a relação entre feminino e falo.

Já antecipamos que, para Laurent (2010), pensar a mascarada a partir daquela posição freudiana ainda não nos permite decifrar o “grande enigma disso tudo... que é, afinal de contas, a posição da Rainha: o que ela quer com tudo isso, o que quer a mulher?” (p. 70). De acordo com esse psicanalista, para avançarmos nessa questão, é preciso pensar em uma segunda interpretação dos efeitos de feminização: “nem os sentidos do conto, nem os efeitos de significação ou o próprio relato, tudo o que se diz no conto, nada disso dá conta da posição de *gozo*, do enigma da feminização induzido pela carta” (Laurent, 2010, p. 70 – grifo nosso).

Em vista disso, inicialmente, nos deteremos no caso clínico. Em seguida, nossas articulações sobre os efeitos de feminização e a mascarada feminina serão divididas em dois

²⁶ “O que é uma práxis? Parece-me duvidoso que este termo não possa ser considerado como impróprio no que concerne à psicanálise. É o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, que põe em condição tratar o real pelo simbólico” (Lacan, 1964/1998 p. 14).

momentos de leitura. No primeiro, iremos cernir as conexões com a “apassivação” descrita por Laurent. No segundo, a partir do mesmo caso clínico, veremos quais são as possíveis elaborações concernentes à dimensão do gozo²⁷.

1.3.a. A mascarada: o caso clínico

A noção de mascarada feminina foi apresentada pela primeira vez em um artigo de 1929²⁸, intitulado “A feminilidade como máscara”. Segundo Roudinesco e Plon (1998), a autora, Joan Riviere, foi analisada por Ernest Jones e por Freud. Tornou-se psicanalista e interessou-se especialmente pelos trabalhos de Melanie Klein, cuja posição a vemos sustentar no artigo em questão. Vale marcar que, embora Freud nunca tenha citado este trabalho nas suas contribuições sobre o feminino²⁹, Lacan deu-lhe destaque, comentando-o por mais de uma vez em relação à função da máscara no tratamento da questão do feminino.

Em “A feminilidade como máscara”, a hipótese principal de Riviere (2005) é anunciada no início do texto: pretende-se demonstrar “que as mulheres que desejam a masculinidade podem colocar uma máscara de feminilidade para evitar a ansiedade e a vingança temida pelos homens” (p. 14). Sua argumentação é fundamentada em exemplos de sua experiência, dentre os quais destaca-se um caso clínico que nos permitirá articularmos o feminino com a questão fálica.

²⁷ Façamos aqui um parêntese sobre o gozo no contexto de nossa pesquisa. É interessante pensarmos que o texto de Freud, com o qual Lacan dialogava quando escreveu pela primeira vez sobre “A Carta Roubada”, era exatamente “Além do princípio de prazer” (1920). Neste texto, a partir da compulsão à repetição na clínica e de outros elementos da observação cotidiana, Freud é levado a concluir que existe uma tendência no humano que ultrapassa o objetivo do prazer. Com isso, ele formula o célebre dualismo entre pulsão de morte e pulsão de vida. Para Roudinesco e Plon (1998), embora Freud não mencione o gozo neste texto, ele está ligado a ideia da repetição e do autoerotismo que se articulam àquelas pulsões.

Lembremos que, em “O seminário...”, Lacan (1998) dialoga com aquele texto de Freud e trata a ideia da repetição a partir da lógica do significante. Ainda segundo Roudinesco e Plon (1998), é em *O Seminário, livro 7: A ética em psicanálise* que “Lacan estabelece uma distinção essencial entre prazer e gozo, residindo este na tentativa permanente de ultrapassar os limites do princípio do prazer. Esse movimento, ligado à busca da coisa perdida [*das Ding*] é causa de sofrimento; mas tal sofrimento nunca erradica por completo a busca de gozo” (p. 300). Contudo, esses autores ainda assinalam que essa tese terá acréscimos importantes nos anos de 1969-1970 a 1972-1973, quando Lacan constrói a articulação do gozo à lógica da sexuação. É exatamente no contexto dessa construção que se encontra o *Seminário 18*.

²⁸ Vale ressaltar que nessa época Freud já havia publicado artigos sobre o feminino (como “Organização genital infantil”), mas suas elaborações sobre o tema ainda estavam em construção (por exemplo, ainda não havia publicado sua “Conferência XXXIII” sobre a “Feminilidade”).

²⁹ Ainda segundo Roudinesco e Plon (1998), no verbete sobre Joan Riviere, podemos pensar em uma possível hipótese para essa posição de Freud: ao interessar-se pelas elaborações kleinianas, Joan Riviere teria tentado convencer Freud do valor daquelas. Esse haveria se recusado categoricamente e haveria tomado o partido de sua filha, Anna Freud, que, assim como Melanie Klein, se dedicava à psicanálise com crianças. No entanto, Freud não se manifesta publicamente sobre essa posição para não dividir o movimento psicanalítico. Podemos pensar, assim, que, embora não tenha se posicionado publicamente contra Joan Riviere, Freud também não manifestou-se sobre seu artigo que favorecia Melanie Klein em detrimento de Anna Freud.

Adiantamos que, para Riviere, assim como foi ressaltado por Laurent a respeito dos efeitos de feminização, tanto o parecer mulher quanto os signos femininos têm relevância para sua concepção de máscara. A psicanalista apresenta o que poderia, em sua teorização, funcionar como índices de “um desenvolvimento feminino completo” (Riviere, 2005, p. 14). Tratar-se-ia de mulheres “excelentes esposas e mães, donas de casa competentes, que manteriam uma vida social e cultural e não careceriam de interesses femininos, como, por exemplo, em sua aparência pessoal” (Riviere, 2005, p. 14).

O caso clínico em debate trataria de um tipo “especial de mulheres intelectuais” (Riviere, 2005, p. 14). Esse tipo traria uma questão: essas mulheres apresentavam todos os índices de um desenvolvimento feminino completo, porém demonstravam também um posicionamento profissional masculino³⁰. Essa mulher, especificamente, aparentava ser bem sucedida em quase todos os campos de sua vida: tinha êxito no trabalho, uma vida social e cultural ativas, mantinha ótimos laços e uma boa adaptação à realidade. Além disso, não tinha como se queixar de seu marido. Mantinha com o mesmo relações satisfatórias tanto no campo afetivo como no campo sexual. Tudo parecia perfeito, não fosse por um detalhe de sua vida profissional.

A paciente apresentava uma intensa ansiedade após apresentações em público, situações com as quais era frequentemente confrontada. Contudo, isso não estava ligado ao seu desempenho, pois essas palestras eram realizadas com desenvoltura. Mesmo assim, após cada apresentação, a paciente sofria intensamente por não saber se teria cometido alguma impropriedade e era tomada por uma intensa “necessidade de reconhecimento” (Riviere, 2005, p. 15). Isso acontecia de forma direta, quando ela tentava obter elogios da sua atuação profissional. E, indiretamente, quando, de forma mais ou menos velada, por meio de flertes e coquetismo, visava um reconhecimento de sua posição feminina a partir de atenções sexuais. Essa estratégia da paciente desdobrava-se em dois tempos: um masculino e outro feminino. Assim, para Riviere (2005), seus problemas situavam-se na incongruência do comportamento feminino com o restante de sua postura (masculina) profissional.

Riviere (2005) esclarece esses dados analisando a posição edípica da paciente e sua relação com o pai. A psicanalista identificara uma grande rivalidade e identificação a esse, cuja profissão era também marcada por um destaque intelectual. Para a psicanalista, ao

³⁰ É importante assinalar que, para a autora, até aquela época, trabalhos que incluíssem objetivos intelectuais eram exercidos masculinamente. Se não por homens, por mulheres que “não faziam segredo de seu desejo de ser um homem” (Riviere, 2005, p. 14).

assumir-se como profissional e intelectual, era como se a paciente tivesse castrado o pai e tomado seu lugar.

Dessa forma, a partir de suas elaborações, o sentido daquela ação revelou que a paciente desejava o reconhecimento de sua masculinidade por outros homens, colegas de profissão e substitutos do pai, ressentindo-se com a possibilidade de pensar que não era igual a eles. Por outro lado, ao exibir sua masculinidade na forma de sua desenvoltura profissional, temia vingança por sua ostentação viril e protegia-se usando “a máscara da subserviência feminina” (Riviere, 2005, p. 22). Assim, a partir deste caso, Riviere confirma a primeira tese do artigo, aquela de que as mulheres que desejam a masculinidade podem colocar uma máscara feminina para evitar a vingança dos homens. Essa interpretação foi confirmada pela paciente através de sonhos e fantasias.

Por conseguinte, a feminilidade nesse caso seria assumida como defesa. Nas palavras da autora:

A feminilidade, portanto, podia ser assumida e usada como máscara, tanto para ocultar a posse da masculinidade, como para evitar as represálias esperadas, se fosse apanhada possuindo-a. Tal como um ladrão que revira os bolsos e pede para ser revistado a fim de provar que não furtou os bens roubados (RIVIERE, 2005, p. 17).

Para além da questão edípica com o pai, existem dois outros pontos fundamentais que Riviere (2005, p. 21) utiliza para confirmar sua interpretação, embora, como veremos, esses elementos possibilitem outras leituras. Trata-se da relação da paciente com sua mãe e de sua posição diante do que a psicanalista nomeia como “gozo” e “prazer”.

Primeiro, abordaremos a relação da paciente com a mãe. Essa, assim como a relação com o pai, era marcada por rivalidade e por uma postura masculina. Após ter roubado também o pênis da mãe, ela triunfaria sobre a mesma. Essa leitura poderia ser confirmada pelo intenso prazer de sentir-se superior à mesma nas tarefas domésticas e intelectualmente. Contudo, após constatar a castração da mãe, a paciente via-se obrigada a devolver-lhe o pênis roubado do pai. Nesse sentido ela usava “a masculinidade assim alcançada, *colocando-se a serviço da mãe*” (Riviere, 2005, p. 20 – grifos no original). Esse comportamento era expandido para mulheres desamparadas às quais ela sacrificava-se para prestar assistência. Segundo a autora, nesses casos, tratava-se de “*ter o pênis para devolver*” (Riviere, 2005, p. 20 – grifos no original).

Se, a princípio, reconhecemos uma posição em relação à mãe semelhante àquela ocupada diante do pai, Riviere assinala um detalhe fundamental que as diferencia. Para a paciente:

...a tarefa de resguardar-se contra a vingança feminina é mais difícil que do homem; seus esforços para aplacar e reparar, por meio da restituição e uso do pênis a serviço da mãe, jamais bastavam; esse recurso foi manipulado até a morte, e algumas vezes quase a levou à morte (RIVIERE, 2005, p. 21).

A autora destaca, ainda, mais um dado importante para nossa pesquisa. A paciente tinha uma determinação tão firme em experimentar “o gozo e o prazer” sexual que “mandou que o hímen fosse dilatado ou rompido por uma médica” (Riviere, 2005, p. 17). Assim, segundo a psicanalista, “ela temia a impotência exatamente como um homem” (Riviere, 2005, p. 17). O efeito foi que, de fato, “seu prazer sexual era completo ou frequente, com orgasmo; mas surgia o fato de que a gratificação daí obtida era de natureza tranquilizadora e de restituição de algo perdido e não... de puro deleite” (Riviere, 2005, p. 17).

Assim, podemos concluir que o comportamento da paciente desdobra-se em dois tempos diferentes. No primeiro, trata-se de ter o pênis e sustentar uma masculinidade. No segundo, tratar-se-ia de disfarçar essa posição, de esconder o que tem. Para isso, a paciente apresentaria uma máscara de mulher castrada; não apresentaria mais a posse do pênis, mas os signos de uma mulher. A feminização, para essa paciente, manifestar-se-ia em encenar ter e ceder o pênis, em um ciclo que se fecha e se repete.

Desta forma, para Riviere (2005), não é a utilização da máscara como véu que é incompatível com a feminilidade. Mas, antes, o uso que a paciente faz dessa máscara. No caso, a feminilidade funcionava mais como uma estratégia em relação aos seus conflitos e diante da ansiedade do que como uma forma privilegiada de gozo. A máscara se apresentava como um véu que escondia a posição masculina. Nas palavras da psicanalista:

A capacidade feminina existia nessa mulher... mas, devido a seus conflitos, não representava seu desenvolvimento principal e era usada muito mais como um artifício para evitar a ansiedade do que como uma forma primária de prazer sexual” (RIVIERE, 2005, p. 17).

Com essas observações, já é possível articular mais claramente as contribuições de Riviere para a discussão da feminização pela via da carta/letra. Para colocar a questão em nossos termos: podemos dizer que a máscara, tal como apresentada por Riviere, feminiza? Nesse caso, o que seria uma feminização? A paciente em questão não nos captura em uma ilusão? Ou seja, naquela condição, ela não apresenta apenas um disfarce de mulher castrada, revestindo-se dos apelos femininos?

Ao retomarmos o efeito de feminização, a paciente de Riviere não deixa de evocar o Ministro D.: homem viril que, ao tentar esconder a carta/letra, feminiza-se, revestindo-se dos signos da mulher, dentre os quais Lacan (1956/1998) convoca exatamente os atributos da

sombra, “tão propícios ao ato de esconder” (p. 35). Assim, tanto no caso desse personagem como naquele da paciente em questão, poderíamos nos perguntar se, na feminização, as aparências enganam.

Lembremos que Dupin, enquanto astuto, não deixou de considerar esse ponto. Diante de um Ministro lânguido e feminizado, o detetive, como quem quer quebrar um encanto, munuiu-se de óculos verdes, por saber ser D. “a criatura humana mais realmente energética que existe, mas só quando ninguém o vê” (Poe, 2001, p. 184). Para Dupin, o véu dos signos femininos pretendiam, com seu jogo de esconder, nos ludibriar, ou seja, camuflar a carta.

Podemos nos perguntar se Riviere vai no mesmo sentido de Dupin: a mascarada seria uma falsa máscara de mulher? Ou, como a própria psicanalista formula: “o leitor poderá agora perguntar como defino a feminilidade, ou onde traço a linha divisória entre a feminilidade genuína e a máscara” (Riviere, 2005, p. 17). Ela resolve essa questão de uma forma surpreendente e original: “Minha sugestão é... a de que não existe essa diferença quer radical ou superficial, elas são a mesma coisa” (Riviere, 2005, p. 17).

Essa elaboração que Riviere extrai de um caso, segundo ela, pode nos ajudar a “enfrentar a questão: o que é a natureza essencial de uma feminilidade inteiramente desenvolvida? O que é *das ewig Weibliche*³¹? A concepção de feminilidade como uma máscara... joga um pouco de luz sobre esse enigma” (Riviere, 2005, p. 22).

Nesse sentido, o que é bastante original nesse artigo é o fato de Riviere localizar algo legítimo nessa máscara, nesse se fazer passar por mulher. Entre parecer mulher (mascarada) e sê-lo (genuinamente), a psicanalista não coloca qualquer diferença. Seria o mesmo. Assim, não é a utilização da máscara como véu que é incompatível com a feminilidade, mas antes o uso que a paciente em questão faz dessa máscara. Assim, adiante, tentaremos entender melhor a conexão deste manejo com a máscara e a feminização. O que isto esclareceria sobre a feminização como apassivação? E sobre relações do feminino com o falo? Ou ainda, como interpretaríamos aí as questões levantadas sobre gozo?

I.4. Feminização: apassivação, falo e gozo

I.4.a. O tratamento simbólico do falo e a apassivação dos homens de ação

³¹Tal como comenta (cf. Miller, 2011a, p.12), a tradução de *das ewig Weibliche* é o eterno feminino.

Ao acompanharmos o artigo de Riviere, percebemos como o caso e sua discussão enfocam questões centrais para nosso trabalho. Se, no efeito de feminização, tal como assevera Laurent (2010), se trata de uma preocupação com a aparência, encontramos o mesmo movimento na mascarada feminina.

Podemos nos servir do que Joan Riviere demonstrou no caso clínico para entender o que seria uma leitura do efeito de feminização como a “apassivação dos homens de ação” (Laurent, 2010, p. 70). No caso, tal como já dissemos, isso apresentava-se em dois movimentos. No primeiro, tínhamos a paciente masculina e ativa, e, no segundo, ela apresentava-se como castrada e, portanto, feminina e passiva. Ela usava o artifício da máscara para apresentar-se como mulher para o outro, ora seduzindo-o, ora sacrificando-se. Esses artifícios eram correlatos da sua posição edípica com o casal parental. Na leitura de Riviere, tratava-se de um movimento de reconhecimento de ter o pênis para depois escondê-lo, ou oferecê-lo, especialmente à mãe, de cuja vingança era mais difícil se defender. De qualquer forma, embora ocorresse a apassivação nessas duas formas (sedução e sacrifício), na leitura de Riviere, seus objetivos eram o mesmo: ela desejava ter o pênis.

Interessa observarmos que, nesse ponto, a concepção de Riviere da mascarada como aquela que, ao deter o pênis, pretende restituí-lo ao casal parental, mais especificamente à mãe, evoca a interpretação de Marie Bonaparte do conto de Poe. Recordemos que, para a psicanalista francesa, a posição feminina seria típica daquela que, castrada do pênis, deseja recuperá-lo. No caso de “A Carta Roubada”, essa carta seria a metáfora do pênis, do qual a Rainha teria sido privada. Dupin, como um filho zeloso, teria resgatado esse pênis e o restituído à Rainha, neste caso, no lugar de uma mãe.

É relevante o fato de que Bonaparte e Riviere sejam psicanalistas contemporâneas e discípulas de Freud, às voltas com o enigma da feminilidade. Em ambas fica clara a referência freudiana ao feminino como aquele que, castrado, se orientaria por uma busca ativa de fins passivos, ou, dito de outra forma, “o desejo de pênis” como, “*par excellence*, um desejo feminino” (Freud, 1932-33/1996, p. 128). Logo, tanto no caso de Riviere quanto naquele de Bonaparte, poderíamos entender o pênis como um órgão. Com a ressalva de que, no caso da última, como foi possível expor, essa era, de fato, sua posição.

A nosso ver, ambas as contribuições têm sua importância. Cada uma à sua maneira, mesmo que para servirem de contraponto, nos ajudam a ter a dimensão do que Lacan propõe em termos de novidade sobre o efeito de feminização a partir do falo no *Seminário 18*.

No caso de Bonaparte, vimos que é provável que Lacan tenha lido o seu texto, mas este lhe serviu para uma crítica. Por outro lado, Lacan (1958/1999) mostra grande interesse

pelo texto de Riviere, por tratar-se “da análise de um caso específico – não na função da feminilidade em geral” (p. 264).

Assim, para uma melhor noção da proposta de Lacan ao retomar o efeito de feminização nos anos 1970, vejamos alguns passos que lhe permitiram introduzir uma novidade ao articular falo e feminino. Podemos ler um deles quando, ainda na década de 1950, ele comenta sobre a mascarada de Riviere.

Nessa ocasião, ele radicaliza a posição de Freud, na qual este esclarece que o que se deve destacar quanto ao feminino e o masculino em relação ao pênis (órgão masculino) “não é a primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*” (Freud, 1923/1996, p. 158 – grifo do autor). Assim, ao se referir à mascarada, Lacan valida as interpretações de Riviere, considerando que, quando essa se refere ao pênis, o psicanalista deve tomá-lo como falo.

Percebemos isso claramente quando Lacan condensa os comportamentos da paciente e seu uso da máscara feminina:

Toda vez que... essa mulher dava mostras de sua potência fálica, ela se precipitava numa série de providências, fosse de sedução, fosse até de um processo sacrificial – *fazer tudo pelos outros* – nisso adotando, aparentemente, as formas mais elevadas da dedicação feminina, como se ela dissesse: – *Vejam bem, eu não tenho falo, sou mulher, e puramente mulher* (LACAN, 1958/1999, p. 265).

Como adiantamos, isso não deixa de ir na mesma direção do que Freud apresentou como o paradoxo da sexualidade feminina: uma busca ativa por fins passivos. Assim, nesse momento, Lacan (1958/1999) diz estar em “conformidade” com as elaborações freudianas (p. 285). Nas suas palavras: o que “Freud nos diz: – *O que me mostra a minha experiência é que também na mulher, e não apenas no homem, o falo está no centro*” (Lacan, 1958/1999, p. 285 – grifos no original).

Contudo, para ajudá-lo a formular e transmitir sua leitura freudiana, Lacan (1958/1998, p. 695) faz uma conexão da psicanálise com a linguística³². Desse modo, Lacan

³² Embora não seja nosso objetivo esgotar as relações entre psicanálise e linguística, julgamos importante situar suas principais convergências e divergências, já que elas são citadas por Lacan em nossos textos de referência, como é o caso do texto “O seminário...” e do *Seminário 18*.

Para o linguista Michel Arrivé (1999), a linguística é a ciência que tem como objeto a língua e, sendo assim, compõe uma parte da semiologia. Ainda em seu entendimento, “a relação da psicanálise e da linguística não se trata de “distorções” e “desvios”, como é comum ouvirmos críticas dos linguistas, mas de duas posições que incluem “divergências” e “convergências” (Arrivé, 1999, p. 30).

Um dos principais pontos de convergência seria a proposta de transportar o signo saussuriano para a psicanálise. Contudo, Lacan apresenta essa interseção já subvertendo-a. Para Saussure, o signo une “um conceito e uma imagem acústica”, e “não uma coisa e um nome” (Saussure *apud* Arrivé, 1999, p. 39). Para Lacan (1957/1998), o “conceito” é traduzido por significado e a “imagem acústica” por significante. A partir dessa conclusão, o psicanalista situa seu interesse pela linguística pelo fato de a temática desta ciência estar “presa à posição primordial do significante e do significado, como ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira resistente à significação” (Lacan, 1957/1998, p. 500). Isso permite a Lacan (p. 500) propor que o signo em Saussure seja lido com o algoritmo S/s (“significante sobre significado”): ou seja, que é a ação do

transpõe as questões edípicas a partir de referências daquela ciência. O falo que falta à mãe, inicialmente situado pela criança pela falta no campo da imagem, deverá ser significantizado, ou seja, ganhará o estatuto de um significante.

Para que isso se opere, o pai, em sua dimensão simbólica de Nome-do-pai, metaforiza a falta da mãe e transforma a falta imaginária do falo em significante do desejo. Enquanto significante, o falo é articulado à linguagem e permitirá ao sujeito atribuir significações a seus significantes e situar-se na partilha dos sexos como homem e mulher (cf. Quinet, 2011, p. 13).

Podemos ler essa concepção de falo nas palavras de Lacan (1958/1998):

Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. Tampouco um objeto... É menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza... Pois o falo é um significante... ele é o significante destinado a designar em seu conjunto os efeitos de significado na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante (p. 697).

O psicanalista ainda assevera que, além do falo ser o significante que permite ao sujeito sua instalação no inconsciente, ele possibilita uma orientação “sem a qual ele não poderia se identificar com o tipo ideal de seu sexo, nem tampouco responder, sem graves incidentes, às necessidades de seu parceiro sexual, ou até mesmo... as da criança daí procriada” (Lacan, 1958/1998, p. 692).

É nesse contexto que Lacan apresenta um comentário esclarecedor sobre a mascarada. Como vimos, para ele, o feminino também se orienta a partir de um tratamento simbólico do falo, mas de forma diferente do masculino. Tal como no exemplo da mascarada de Riviere, quando um sujeito situa-se como quem tem o falo (profissionalmente, por exemplo), apresenta-se como homem. Por outro lado, quando se mascara, apresenta-se como mulher (pelo coquetismo ou como sacrificada) e, portanto, enquanto castrada do falo. Nos termos lacanianos, podemos dizer que nesta posição ela situa-se como aquela que é o significante do desejo do Outro. Nas palavras de Lacan (1958/1998):

significante que, independente dos significados, determinam o inconsciente, dado que, no seu entendimento, este é estruturado como uma linguagem. Vimos que é exatamente essa noção que influencia toda a leitura lacaniana em “O seminário...”. Assim, podemos perceber que embora existam confluências entre a linguística e a psicanálise lacaniana, desde o início já existem diferenças, já que Lacan (1957/1998), maneja os conceitos daquela ciência de uma forma muito própria.

Outro importante momento da linguística, que se articula com nossa pesquisa, é quando, na década de 1970, em *O seminário 18*, Lacan acirra suas divergências com ela. Neste seminário, na aula de 10 de fevereiro de 1971, “Contra os linguistas”, Lacan (1971/2009) declara um rompimento. Já adiantamos que tal ruptura se relaciona com a mudança de posição de Lacan ao articular o gozo à linguagem, operação que poderá ser melhor compreendida com o desenvolvimento da presente pesquisa.

Para um estudo aprofundado da articulação linguística-psicanálise, mostra-se interessante o livro de Arrivé: *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1999.

Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na *mascarada*. É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada. Mas ela encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada (p. 701 – grifo nosso).

Assim, podemos dizer que essa leitura lacaniana da mascarada nos permite reinterpretarmos a formulação de Freud concernente à busca ativa por fins passivos.

O que Riviere apresenta como a máscara, como o disfarce de mulher? Trata-se de encarnar o que essa psicanalista entende como signos femininos, sejam aqueles da sedução, da dona de casa, da filha dedicada, da colega de trabalho submissa etc. São comportamentos variados, mas que comportam uma convergência: todos eles se prestam a um “parecer mulher para alguém”, isto é, são endereçados ao outro. Assim, aquilo que Riviere resume como sendo a visada da paciente castrada do pênis e visando a posse do mesmo, Lacan interpreta como a busca pelo falo, por este ser o significante do desejo do Outro.

Poderíamos, em vista disso, pensar que essa seria a apassivação da mascarada. Tratar-se-ia, portanto, de jogar com os atributos da mulher e da sombra, tal como fizeram o Ministro D. e Dupin. Nesse sentido, quando estes tentavam esconder seu ter, dissimulando a carta/letra, também apresentavam uma aparência de castração. Logo, essa posição de encobrimento acabava por ter efeitos sobre os próprios personagens, que se feminizavam. E assim, confirmaríamos a ideia de Laurent (2010) de que um primeiro sentido da feminização pela carta/letra seria uma referência à apassivação dos homens de ação, pois, tanto no caso clínico como em “A Carta Roubada” parte-se de uma posição masculina que encena um parecer mulher, que significaria a castração do falo, mas, sempre, visando tê-lo.

Diante desse jogo de encobrimentos e aparências, nos resta interrogar, então, a questão da genuinidade dessa feminização. Vimos que para Riviere, a feminilidade, quer seja radical ou superficial, é a mesma coisa. Nesse momento, parece que a posição da mulher, para Lacan, é compatível com vestir a máscara do significante do desejo do Outro. Assim, não podemos pensar a feminização como uma ilusão.

Contudo, mais uma vez nos resta uma questão. O ponto mais curioso do comentário de Lacan (1958/1998) sobre a paciente de Riviere é que, ao se mascarar, ela rejeitava “uma parcela essencial da feminilidade” (p. 701). Entretanto, ele não explica o que seria isso. Lembremos que no artigo de Riviere (2005) resta uma questão que podemos articular a esta: embora a paciente tivesse a “capacidade” feminina, sua estratégia com a máscara indicava mais uma defesa do que uma forma primária de satisfação.

Para entendermos esses comentários, lembremos que o uso da máscara naquela paciente determinava uma apassivação com finalidades fálicas. Assim, podemos nos perguntar se o problema não era exatamente a exclusividade desse objetivo. Avaliados por esse prisma, parece que ambos comentários indicam que a busca pelo falo não abarca completamente o que seria o feminino. Contudo, veremos que esse ponto só poderá ser explicado, quando, como anuncia Laurent (2010), o gozo for incluído na discussão.

1.4.b. A mascarada para além da apassivação: o falo e o gozo

Pois bem, como sugeriu Laurent (2010), a mascarada nos permitiu uma leitura do efeito de feminização a partir da articulação do falo como significante, assim como da apassivação dos homens de ação. Contudo, como vimos, o enigma ainda fica do lado da mulher. Afinal, o que Lacan queria dizer com rejeitar “uma parte essencial da feminilidade” (Lacan, 1958/1998, p. 701)? Ou como entender o comentário de Riviere (2005) de que a máscara não é incompatível com a feminilidade genuína, mas, sim, o uso que sua paciente faz da mesma? Vimos que para Laurent (2010) as discussões sobre o efeito de feminização só podem avançar caso incluamos o gozo na discussão. Para tratarmos disso, retomemos algumas leituras que apresentamos sobre a articulação falo e feminino.

No caso de Bonaparte, entende-se o falo como o pênis e o feminino como sua ausência, o que leva à busca pelo mesmo. Como o gozo se apresentaria nesse caso? Podemos fazer uma hipótese, a partir de um comentário do psicanalista francês Serge André (2011). Este situa quais as consequências de se interpretar o gozo feminino como possível de ser extraído por um deslocamento metonímico do pênis para o clitóris. Bonaparte aparece, aqui, não como teórica, mas como um exemplo clínico: “Marie Bonaparte,... afetada por uma frigidez irreduzível, submeteu-se a uma operação cirúrgica que consistia em aproximar o clitóris da entrada da vagina” (André, 2011, p. 21). Sua posição em relação ao seu sintoma de frigidez parece ser compatível com sua leitura biológica da psicanálise: em ambos percebemos uma hipótese de que a ausência do pênis seria um impedimento para um gozo feminino. Segundo André (2011), para Bonaparte a esperança de experimentar tal gozo estaria no clitóris, por esse ser um órgão na mulher mais próximo do pênis no homem. Trata-se de uma noção da feminilidade que remete a uma anatomia genital.

Nesse sentido, já poderíamos localizar uma diferença entre a concepção lacaniana e a bonapartiana sobre o feminino. Ao radicalizar a leitura freudiana e definir o falo como significante, Lacan (1958/1998) critica a “existência da genitalidade, da maturação genital

como um conceito psicanalítico” (Rabinovich, 1995, p. 12). Por outro lado, ainda não apresenta elementos para pensarmos o gozo.

Façamos a transposição da questão do gozo para o artigo de Riviere. Neste, resta pouco explicada a observação sobre “o puro deleite do gozo” (Riviere, 2005, p. 17): o problema da mascarada não é que sejam falsos seus semblantes de mulher, mas que ela os vive com uma defesa. Assim, a paciente tinha “a capacidade feminina” (Riviere, 2005, p. 17), mas sua feminilidade teria um papel secundário, e não seria uma forma primária de prazer.

Riviere, portanto, estava atenta às questões do gozo. Quanto a isso, o que é exemplar no caso é a observação de que, ao manter relações sexuais com o marido, ela só conseguia extrair prazer quando assumia a posição masculina. Se traduzirmos isso em termos lacanianos, podemos dizer que para se satisfazer essa paciente rejeitava uma parcela importante de sua feminilidade, pois seu modo de satisfação estava completamente condicionado ao falo.

Contudo, para André (2011), existe um ponto deste caso que nos permite pensar no gozo, para além das questões fáticas. Assim, como vimos, ao ter uma posição masculina reconhecida pelos homens, a paciente se identifica com o pai e toma suas insígnias masculinas exatamente para restituir à mãe, ou às mulheres mais frágeis que ela, o falo. Assim, temos aqui dois tipos de reconhecimento: aquele da sua masculinidade pelos colegas de trabalho e o seu disfarce como mulher para se salvar da possível vingança. Este último, já trabalhado por nós, seria apenas um primeiro objetivo. O segundo seria o reconhecimento materno: uma vez identificada como aquela que não tem o falo, ela precisa restituí-lo às mulheres. Tal situação era ainda mais complexa que a primeira, pois gerava uma angústia mais difícil de ser evitada e apresenta maiores dificuldades para a paciente³³. Mas por quê?

Para André (2011), isso se deve ao fato de que, na mascarada, a feminilidade, vivida como castração, tenta velar o horror da posição da qual uma mulher tem que se haver com o que ultrapassa o falo. Portanto, conclui-se que a mascarada só pode se aceitar como não fálica sob a forma de um abandono, de uma cessão: se algo passa ao largo do falo, é porque ela o tinha e se desfez dele. Desta forma, para este psicanalista, ao encenar a castração, a mascarada estaria defendendo-se de um gozo alhures ao falo.

Podemos pensar que essa hipótese é compatível com a observação de Riviere (2005). Ou seja, o problema da paciente não seria a máscara, mas tentar encerrar todas suas possibilidades de satisfação no falo. Ela se prendia na dialética de tê-lo ou ser castrada do

³³Recordemos que Riviere (1929/2005) observa que essa estratégia foi usada pela paciente por toda sua vida, e, às vezes, quase a levou à morte.

mesmo e, assim, defendia-se de uma “parcela essencial da feminilidade” (Lacan, 1958/1998, p. 701): de um gozo que “não fosse” fálico.

Esse ponto é fundamental para nossa discussão. Lembremos que nossa leitura do efeito de feminização pela carta/letra orienta-se pelo *Seminário 18*. Neste seminário, embora não descarte suas elaborações do falo como significante, Lacan (1971/2009) confere-lhe o estatuto de semblante. Esta noção, como veremos, terá uma importância teórica para a psicanálise e possibilitará uma articulação entre o gozo e falo e o que está para além dele.

Aqui, como introduz Laurent (2010), temos um desafio, pois, em “O seminário...”, a questão do gozo não aparece explicitamente. Poderíamos pensar que, tal como a carta/letra, o gozo circula “envelopado”, o que não deixa de ter suas consequências sobre aqueles que detêm a carta.

Assim, vale notarmos que é exatamente com o efeito de feminização que Lacan assinala algo do campo do gozo que parece trazer questões que ultrapassam o que pode ser investigado a partir da referência ao tratamento simbólico do falo. Em relação a esse, o feminino resta na sombra, como o *continente negro* freudiano.

I.5. A feminização pelo semblante e pelo “que não fosse”...

Neste primeiro capítulo, até este momento, investigamos diversas articulações entre feminino e falo, visando possibilitar diferentes leituras da noção de efeito de feminização pela carta/letra. Lembremos que o que nos conduziu a esse caminho foi a afirmação lacaniana de que em “O seminário...” ele estava “*falando é do falo [e que] ninguém nunca falou melhor dele*” (Lacan, 1971/2009, p. 88 – grifos nossos).

Como vimos, essa frase se refere à retomada no *Seminário 18* da primeira leitura que Lacan havia feito do conto de Edgar Allan Poe. No contexto da década de 1970, Lacan confere um destaque ao efeito de feminização pela via do falo. Em que pese isso, adiantemos, desde agora, a novidade que essa retomada introduz: trata-se da introdução do gozo.

Como afirmou Laurent (2010), para entendermos e extrairmos as devidas consequências do efeito de feminização, é imprescindível que a dimensão do gozo seja considerada. De fato, veremos que este é um passo importante e que terá consequências teóricas e clínicas na psicanálise, pois para Lacan (1971/2009) “o exercício autêntico da teoria analítica” (p.40) visa e permite uma formulação sobre o gozo. Segundo o psicanalista francês

Jacques-Alain Miller (2011a), uma consequência teórica imediata da inclusão do gozo na discussão seria o “semblante” como uma categoria que se opõe ao real³⁴.

Dessa forma, o falo, nos anos 1970, se apresentará exatamente como um elemento que articula algo do gozo ao semblante. Logo, para relemos o efeito de feminização, é fundamental entendermos o que seriam essas noções no contexto do *Seminário 18*.

1.5.a. Semblante, gozo e efeito de feminização

Começemos com os semblantes.

Para Lacan (1971/2009), os semblantes estão na natureza: um arco-íris, um meteoro. Por serem capturados pelo olhar, poderíamos pensar que eles estariam no campo das imagens, do imaginário. Contudo, para Lacan os trovões também entram naquela série. Desta forma, os semblantes não se definiriam apenas pelas imagens, mas “por serem um sinal, mesmo não sabendo sinal de quê” (Lacan, 1971/2009, p. 15). De fato, eles estão no campo do parecer, do sinalizar algo para alguém. Assim, ao qualificá-los como um sinal, convocamos a dimensão do signo. Nesse sentido, tanto a imagem como um significante podem funcionar como semblante, o que coloca os registros do imaginário e do simbólico em certa equivalência.

Essa é uma posição diferente da que acompanhamos em Lacan nos anos 1950. Naquele tempo, em que Lacan formalizava a psicanálise em termos linguísticos, existia uma promoção do simbólico em detrimento do imaginário. Reconhecemos esse movimento inclusive em “O seminário...” (1956). Acompanhamos a importância dessas elaborações lacanianas, mas, também, é possível reconhecer seus limites, por exemplo, ao abordar o gozo.

Nesse sentido, o efeito de feminização produziria um “resto” do que não foi explicado pelo simbólico ou pelo imaginário. Em psicanálise, como o próprio Lacan (1956/1998, p. 14) recomenda, não devemos desprezar os restos. Assim, o efeito de feminização da carta/letra é retomado vinte anos depois, no *Seminário 18*. Neste, tal efeito ocupa um lugar central:

Fica claro que é unicamente em função dessa circulação da carta que o ministro nos mostra, no correr do deslocamento da referida carta, variações tais como as variações de cor de um peixe a deslizar. Na verdade, sua *função essencial*, com a qual todo o meu texto joga um pouco abundante demais – *porém é impossível insistir nisso em demasia para nos fazer ouvir* – articula-se ao fato de que a carta tem um *efeito feminizante* (LACAN, 1971/2009, p. 96 – grifos nossos).

Assim, se em “O seminário...”, diante da circulação da carta/letra se destacava a determinação do sujeito pelos deslocamentos significantes, na década de 1970 o “essencial”

³⁴ Isso seria, segundo Miller (2011a), um importante passo para a equivalência dos três registros simbólico, imaginário e real (p. 12).

daquela circulação é o “efeito feminizante”. É interessante observarmos que, embora esse efeito tenha sido descrito de forma abundante naquele texto, tal como um peixe escorregadio que desliza n’água e sofre lânguidas variações de cor, ele não foi apreendido. Lacan (1971/2009) justifica essa dificuldade: “é impossível insistir nisso [efeito feminizante] em demasia para nos fazer ouvir” (p. 96). Dessa maneira, o efeito feminizante não foi totalmente explicado pela “insistência” da articulação significativa. Trata-se de algo que não é totalmente apreendido pelos semblantes, embora tenha sido coordenado por eles. Situar-se-ia, também, como algo “que não fosse” dos semblantes.

A forma hipotética “que não fosse” já anuncia que existe uma dificuldade em articular o que está alhures aos semblantes. Contudo, Lacan, ao valorizar o efeito de feminização, não deixa de colocar essa questão: mas, então, “do que [se] trataria ali onde isso não fosse semblante?” (Lacan, 1971/2009, p. 19).

Para Lacan (1971/2009, p. 19) esse campo foi preparado por Freud em “Para Além do Princípio do Prazer”, a partir da repetição e do gozo. De acordo com Miller (cf. 2011a, p. 11), desde que Lacan redefine o gozo em *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*, imaginário e simbólico se confundem. Tomando o gozo como o que ultrapassa o princípio do prazer, podemos situá-lo como o que não é totalmente absorvido pelo imaginário ou pelo simbólico.

Desta forma, embora o gozo não seja o real³⁵, não deixa de indicá-lo, pois demonstra que algo insiste e resta ao que pode ser situado pela linguagem. Assim, uma forma de caracterizarmos o real seria como um “‘resto’ impossível de transmitir” (Roudinesco e Plon, 1998, p. 645). É a partir dessas considerações que podemos entender o que Miller (2011a, p. 12) propôs quando afirmou que, quando Lacan introduz o gozo em *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*, isso teve como efeito que o simbólico e imaginário fossem representados pela categoria de semblante e se opusessem à categoria do real.

No *Seminário 18*, uma das formas de pensar o real seria a partir do aforismo lacaniano de que para os humanos: “não existe relação sexual” (Lacan, 1971/2009, p. 60). Isso pode ser explicado pelo fato de que o homem, ao ser afetado pela linguagem, cria um paradoxo: a relação sexual distancia-se do orgânico e passa a não ser mais inscritível na determinação da sexualidade instintiva ou biológica. Nesta, situamos tranquilamente um macho e uma fêmea

³⁵ Vale aqui uma rápida introdução do que seria o real para Lacan, ainda que corramos o risco de fornecer uma definição muito simplificada, dado a complexidade dessa noção. Na concepção de Roudinesco e Plon (1998), o real é um termo introduzido inicialmente por Lacan em 1953 para designar “uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar” (p. 645). Mais adiante no ensino de Lacan, o real é abordado como uma categoria. Assim, o real, o imaginário e o simbólico ganham o estatuto de registros diferentes, a partir dos quais a subjetividade humana se constitui: “Lacan deu o nome de R.S.I. (Real, Simbólico e Imaginário) ao tríptico em que o real é assimilado a um ‘resto’ impossível de transmitir, e que escapa à matematização” (Roudinesco e Plon, 1998, p.645).

pela sua anatomia. Com essa polaridade escrita em nível orgânico, teríamos uma prescrição da sexualidade determinada pelo instinto.

Por outro lado, nos humanos não há como escrever a relação sexual. Como formula Vieira (1998), “a linguagem não dá conta da relação sexual como algo que poria em relação o homem e a mulher, o masculino e o feminino; deste modo a relação sexual não é enunciada na linguagem, ela não é inscriível...” (p. 169). Para Lacan (1971/2009), um exemplo disso seria o que se pode escrever da sexualidade através do “cromossomo e sua combinação XY ou XX ou XX, XY. Isso não tem absolutamente nada a ver com aquilo de que se trata... [n]as relações entre o homem e a mulher” (p. 29).

Vimos que, tanto o exemplo da mascarada como aquele dos personagens feminizados no conto de Poe, testemunham que, embora um ser humano possa nascer com as características anatômicas de um gênero (homem ou mulher), ele pode apresentar-se como masculino ou feminino ou, alternadamente, como ambos. Nessas ocorrências, trata-se de um “parecer”, de algo no campo da aparência.

Ora, se não nos situamos a partir da inscrição biologia como machos ou fêmeas, como explicar que nos apresentemos como homens ou mulheres? Por exemplo, como explicar que um homem viril como o Ministro D. feminize-se ao tentar esconder a carta de Dupin? Que a paciente de Riviere, embora masculina, disfarce-se de mulher sedutora diante dos colegas de trabalho? Então, como entender que “afinal, nós fazemos amor...”? (Lacan, 1971/2009, p. 101).

É exatamente para responder a essas perguntas que a releitura dos efeitos de feminização é importante. Pois, para avançarmos nessa questão, é preciso acrescentar a consideração de algo que é do campo dos semblantes ao que originalmente não pertence a esse campo: o gozo.

Tal como já adiantamos, a novidade para Lacan é que no seminário dos anos 1970 o falo é um semblante, que se presta a coordenar algo do campo do gozo. Assim, o falo permitirá pensar “o gozo sexual como coordenado com um semblante, como solidário a um semblante” (Lacan, 1971/2009, p. 31)

Para isso, se retomarmos a frase lacaniana que orienta nossa leitura do efeito de feminização neste capítulo – “Estou falando sobre o falo e *ninguém nunca falou* melhor dele” (Lacan, 1991/2009, p. 88 – grifos nossos) –, observamos que no *Seminário 18*, temos uma interpretação ainda mais radical para essa frase. Talvez, trate-se, aqui, de pensarmos os limites do dizer. Lembremos que uma das principais características dos personagens de Poe é que aquele que detém a carta/letra “cala-se” (Lacan, 1955/1985, p. 252).

Sendo assim, após situarmos as noções de falo, gozo e semblante podemos, enfim, determinar qual seria a novidade proposta por Lacan. Ela articula-se com os “limites do dizer” apresentados pelo efeito de feminização.

I.5.b. Efeito de feminização: “ninguém nunca falou”!

Vimos que a feminização pela carta/letra tem efeitos sobre o dizer. Nesse sentido, é interessante observarmos que é exatamente em um capítulo do seminário dos anos 1970, que se denomina “O escrito e a fala”, que Lacan reintroduz a discussão dos anos 1950. Aprofundaremos este ponto da feminização da carta/letra pela temática da letra e do escrito no segundo capítulo dessa dissertação.

Por ora, esclarecemos que Lacan (1971/2009, p. 77) entende a fala e o escrito como artifícios que possibilitam operações diferentes no campo da linguagem. Em relação ao efeito de feminização, a carta/letra circula sem que nunca saibamos de seu conteúdo, de seu sentido. Sobre este, “muito provavelmente, só a Rainha sabe o que a carta quer dizer” (Lacan, 1971/2009, p. 96). Contudo, todos os personagens, inclusive a Rainha que detém a carta/letra, nada podem dizer sobre ela, eles calam-se.

Assim, ao retomar a feminização de Dupin, Lacan (1971/2009) deixa evidente que ela inclui o gozo como novidade em sua interpretação: “[ao comentar a feminização de Dupin] indico também uma perspectiva que não me parece estar escrita de antemão:... O que podemos dizer é que Dupin goza” (p. 98). Como dissemos antes, se o efeito de feminização indica algo do gozo, existe uma dificuldade estrutural em dizer o gozo.

Por outro lado, para Lacan (1971/2009), o escrito permite uma outra operação com a linguagem: possibilita exatamente fazermos uma leitura nos limites do dizer, pois podemos fazer uma leitura da “estrutura em suas impossibilidades” (p. 91). Ou seja, Lacan produz sua leitura no ponto em que a estrutura simbólica deixa entrever o que lhe escapa. É essa perspectiva que ele seguirá ao reler o efeito de feminização e, por isso, destaca a importância do estar escrito. Admite, ainda, que, ao rever as elaborações de 1950, irá cotejá-las com um outro escrito, o mito freudiano de “Totem e Tabu”³⁶ (cf. Lacan, 1971/2009, p. 91). Assim,

³⁶ Este mito é extraído do texto de Freud “Totem e Tabu” e conta a história de um “estado primitivo da sociedade que nunca foi objeto de observação” (Freud, 1913 [1912-13]/1996, p. 145). Trata-se de um pai primevo, “violento e ciumento que guarda todas as fêmeas para si mesmo e expulsa os filhos à medida que crescem... Certo dia, os irmãos expulsos... mataram o pai [e também o] devoraram” (Freud, 1913 [1912-13]/1996, p. 145). Freud ainda comenta que este ato foi o começo da organização social, das restrições morais e da religião, pois, após matar o pai, os irmãos parricidas foram dominados por um sentimento de culpa e o que “até então fora interdito por sua existência real [a do pai] foi doravante proibido pelos próprios filhos... [estes proibiram] a

Lacan (1971/2009) destaca esse mito escrito no ponto em que ele transmite duas impossibilidades: não existe “A” mulher e também “não existe relação sexual” (p. 99)³⁷.

Lacan (1971/2009) explica porque nesse caso recorre ao pai primevo e não ao pai do Édipo. Se neste último o gozo ficava escamoteado pelo poder, naquele fica explícito que se goza: o pai primevo goza de todas as mulheres. Assim, esse pai excessivo funda uma exceção mítica de um homem que goza. A morte desse pai mítico que goza articula a lei que proíbe o excesso de gozo (cf. Lacan, 1971/2009, p. 101) e interdita o gozo de todas as mulheres. Desse modo, a relação sexual fica articulada a uma lei sexual e o gozo fica articulado ao gozo sexual.

Contudo, se existe um homem que como exceção veiculou uma lei que permite o gozo fálico, em momento nenhum o mito possibilita dizer “todas as mulheres”. Esta impossibilidade de dizer todas as mulheres é patente, pois, se antes da morte do pai sua presença impedia tal acesso, com o parricídio e o totem a situação se mantém: os irmãos renunciam aos frutos do assassinato “abrindo mão da reivindicação às mulheres que agora tinham sido libertadas” (Freud, 1913/1996, p. 146-147). Deste modo, com relação às mulheres, se antes da lei elas eram inacessíveis por estarem submetidas ao gozo do pai primevo, após a morte desse pai todas as mulheres ficam proibidas. Portanto, segundo esse mito, tanto no primeiro momento como no segundo é impossível ter acesso a todas as mulheres. Lacan (1971/2009) conclui que, por isso, o mito do pai primevo transmite o signo de uma impossibilidade do acesso a “todas as mulheres”.

Lacan (1971/2009) depreende disso que é impossível pensar em uma relação complementar entre homens e mulheres, dado que não existe simetria entre os mesmos, ou seja, não existe relação sexual. Como não é possível essa relação, é o falo que orienta a lei sexual e exerce a função de um semblante que coordena esse gozo. Isso funcionaria como um terceiro elemento que possibilitaria uma relação sexuada, embora nunca sexual.

Portanto, como não podemos nos valer da inscrição biológica para tal, o falo se prestaria a fazermos semblante de homem e de mulher. De certa forma, enquanto Lacan pensava o falo como significante nos anos 1950, isso já estava colocado. Contudo, pensar o falo como um semblante é considerar o impossível da relação sexual, portanto incluir a questão do gozo. Mas o gozo sexual não é tratado diretamente. Como vimos, para Lacan

morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram aos seus frutos *abrindo mão da reivindicação às mulheres que agora tinham sido libertadas*. Criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo” (Freud, 1913[1912-13]/1996, p. 146-147 – grifos nossos).

³⁷ Nas palavras de Lacan: “o mito *Totem e Tabu* escrito poderia muito bem passar pela inscrição do que acontece com a relação sexual” (Lacan, 1971/2009, p. 99). Ou, ainda, “*Totem e Tabu* foi feito exatamente para nos apontar que é impensável dizer *A* mulher” (Lacan, 1971/2009, p. 99).

(1971/2009), o falo é um semblante que se presta a coordenar algo do campo do gozo, no caso do gozo sexual.

É a partir dessas constatações do mito de “Totem e Tabu” que Lacan rearticula a carta e o efeito feminizante:

Se não é indiferente eu ter partido do texto *A carta roubada* é porque, se essa carta pode, no caso, ter essa função feminizante é porque o mito escrito, *Totem e Tabu*, foi feito exatamente para nos apontar que é impensável dizer *A* mulher (LACAN, 1971/2009, p. 99 – grifos no original).

Assim, após a articulação do gozo ao falo, como podemos pensar o efeito feminizante pela carta/letra a partir do falo e da castração? Quais as consequências clínicas disso para a leitura de Lacan sobre o feminino e sobre a mulher?

Vimos que não se trata de equivaler a carta ao pênis, como fez Bonaparte. Em nossa concepção, o que Lacan consegue extrair dos escritos de Bonaparte é que a carta/letra faz circular, de forma envelopada, algo do gozo de uma mulher, no caso a Rainha.

Por isso, também nesse conto demonstra-se que é “impensável dizer *A* mulher” (LACAN, 1971/2009, p. 99). Recordemos que os personagens que detêm a carta acabam arrebatados por ela, exatamente porque sobre ela não é possível dizer nada. Com ela em mãos, eles se calam, não é possível compreender nada do que a carta diz.

Além disso, a carta/letra é exemplar para pensarmos como é preciso um terceiro para que uma relação sexuada se coloque. Ou seja, para que os humanos se posicionem como homens ou mulheres, é preciso recorrer ao falo. Nesse sentido, Lacan (1971/2009) afirma que

É nisso que a carta de que parto para abrir meus *Escritos* designa-se por ser o que é e por indicar tudo o que o próprio Freud desenvolveu: ela serve para alguma coisa da ordem do sexo, certamente não é para uma relação sexual, mas para uma relação, digamos, sexuada (p. 122).

Lacan (1971/2009) comenta que o Ministro D. recorre à carta quando ele quer parecer para a Rainha o viril dos viris: o homem “*que ousa qualquer coisa*”, um “*monstrum horrendum*” (p. 97– grifos no original). O que, segundo Lacan (1971/2009, p. 97), tem ressonância na Rainha, pois ela se sente ameaçada e tenta reaver a carta. Podemos pensar que é exatamente o semblante fálico que permite que algo do gozo sexual se articule.

Assim, percebemos que, ao retomar o efeito de feminização, a leitura do feminino pelo falo enquanto semblante e, portanto, ao considerar o gozo, tais pontos servem para Lacan formular que, ao contrário do universal do homem, não existe um universal para a mulher. Não existe “*A*” mulher. Desse modo, fica claro que existe uma mudança de posição em relação ao feminino da década de 1950 para a década de 1970. Nesta última, Lacan (1971/2009) afirma sobre as mulheres: “a importância da função dessa carta, no caso: com a

carta, A mulher não tem nada a ver, se é que ela existe... Como A mulher, ela não tem nada a ver com a lei” (p. 100). E conclui que “A mulher, insisto, essa que não existe, é justamente a letra – a letra como significante de que não há Outro, S (de A barrado)” (p. 102).

Essa citação nos leva a pensar que, se por um lado a feminização pela letra/carta convoca a discussão sobre um gozo que comporta uma articulação ao semblante fálico e, portanto, se presta ao sentido e a uma interpretação, por um outro lado, Lacan vai além. Como consequência, aparece uma nova concepção de feminino que destaca a letra. Lembremos que, segundo o psicanalista, ele só conseguiu deduzir a inexistência d’A mulher a partir da leitura de um escrito.

Assim, a nosso ver, para entendermos o que Lacan extrai dos efeitos de feminização em “A Carta Roubada”, é preciso nos debruçarmos sobre o tema da escrita e da letra.

II. LETRA E FEMINIZAÇÃO: SEMBLANTES QUE ROMPEM, SEMBLANTES QUE TREMEM

Vimos que o efeitos de feminização pela carta/letra contribuíram para que Lacan formulasse um impasse: existe um limite do semblante fálico para abordar o feminino. Nisto, os personagens do conto de Poe são exemplares: quando se encontram sob tais efeito, na perspectiva da mascarada, eles nada podem dizer sobre a carta/letra. Silenciam.

A grande contribuição de Lacan é que ele não toma essa dificuldade como uma incompletude ou impotência, e propõe uma forma de abordá-la. Diante das impossibilidades do discurso, tal como dizer “A” mulher, Lacan interessa-se pela letra. Com esse enfoque, sua releitura de “A carta roubada” e “O seminário...” no *Seminário 18* contribuem para que ele deduza a inexistência d’A mulher e compare esta à letra como S (de A barrado). Conclusão complexa que, a nosso ver, merece uma apreciação mais detalhada.

Para tanto, o percurso de Lacan pode ser tomado como uma orientação: ele desliza da feminização dos personagens de “A carta roubada” para uma leitura que enfoca o escrito, a letra.³⁸ Nesse contexto, é bastante instigante que o conto de Edgar Allan Poe tenha sido introduzido no *Seminário 18* em uma lição de 10 de março de 1971 sobre “O escrito e a fala” da seguinte forma: “Para mostrar a carta de que se trata hoje, vamos chamá-la com toda ambiguidade que isso pode representar, de escrito” (Lacan, 1971/2009, p. 73). Conservaremos a ambiguidade aí indicada em dois sentidos. O primeiro refere-se a uma pluralidade de leituras e o segundo tratará da ambiguidade da natureza da letra.

³⁸ Vale notar que, embora nosso recorte seja a pesquisa da letra a partir do conto de Poe, o interesse de Lacan pela letra e pelo escrito permeia todo o *Seminário 18*, assumindo formas diversas. Por exemplo, Lacan (1971/2009) comenta diversas práticas com a letra (como as línguas chinesa e japonesa, a lógica aristotélica, a ciência e a literatura). Além disso, interessa-se pela história da escrita, como é o caso dos estudos de Alfred Metraux sobre a Ilha de Páscoa e do livro raro de Madeleine David: *Le Débat sur les Écritures et L’hiéroglyphe aux XVIIe et XVIIIe Siècles et l’application de la notion de déchiffrent aux écritures mortes* (1965).

II.1. Pluralidade de leituras: “*O que a letra não é*”³⁹ :

Diante deste panorama podemos nos perguntar: por que Lacan busca na letra um elemento para enfrentar seus impasses? E, ainda, como “A Carta Roubada” pode contribuir para essa investigação? Para pensarmos essas questões, as reflexões de Lacan (2003, 2009) sobre “*Lituraterra*”⁴⁰ são fundamentais. Tais elaborações combinam de forma instigante apólogos poéticos, histórias biográficas, neologismos e discussões teóricas, criando, por um lado, desafios para a leitura e, por outro, a transmissão precisa de um refinamento na concepção de letra.

Para tanto, Lacan faz uma espécie de revisão deste tema. Além de discuti-lo quanto à abordagem literária e em um contexto teórico que lhe era contemporâneo, Lacan “critica a si próprio” (Laurent, 2010, p. 68) e redimensiona suas próprias teses sobre a letra. Ele relê principalmente dois textos: “O seminário...” (1956) e “A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”⁴¹ (1957).

Esses artigos, célebres em seu ensino, comportam algumas afinidades. Os filósofos Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe (1991) situam bem tal relevância e convergência⁴². Segundo esses autores, tais textos tinham como objetivo:

endireitar ou retificar a prática analítica na medida que esta... seguia a via de um ‘reforço do ego’... Para despojar a psicanálise dessa função ortopédica, era necessário, portanto, reajustá-la a si mesma. E

³⁹Esse título remete ao texto de Laurent, “A carta roubada e o voo sobre a letra” (2010), já citado nesta dissertação como uma das referências orientadoras de nossas leituras. Neste artigo também existe um subtítulo, “*O que a letra não é*”, que se dedica a apurar, a partir de “*Lituraterra*”, a noção de letra em Lacan. Assim, esse item faz menção àquele.

⁴⁰Lembremos que referimo-nos aqui a dois textos: “Lição sobre *Lituraterra*” (12 de maio de 1971), uma das aulas que compõe o *Seminário 18* (2009), e “*Lituraterra*” (1971), a versão escrita desta lição que faz parte da coletânea *Outros Escritos* (2003). Como a contribuição desses textos tem grande relevância para nossa discussão e eles têm muitos pontos em comum, por várias vezes será necessário fazer menção a ambos. Nesses casos, nos referiremos a eles como elaborações, comentários ou reflexões sobre “*Lituraterra*”.

⁴¹A partir desse momento nos referiremos a “A Instância da letra no inconsciente e a razão desde Freud” como “A Instância...”.

⁴²Em *O Seminário, livro 20: mais, ainda*, Lacan recomenda a leitura de *O título da letra*, obra de Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe a que estamos fazendo referência, afirmando que, “de certo modo, se se trata de ler, eu não fui jamais tão bem lido” (Lacan, 1972-73/1985, p. 88). Contudo, Lacan acrescenta uma ressalva às “trinta últimas páginas” (Lacan, 1972-73/1985, p. 88), quando fica exposta as piores intenções de crítica de Nancy e Lacoue-Labarthe. Isso faz Lacan supor que eles estariam em um “papel de bagrinhos” (Lacan, 1972-73/1985, p. 88). Essa posição atribuída por Lacan aos autores é um reconhecimento daqueles como discípulos de um opositor teórico: Jacques Derrida. Isso se confirma, uma vez que, na introdução de *O título da letra*, explica-se que parte de seu conteúdo foi apresentado pela primeira vez “num seminário animado por Jacques Derrida” (Nancy e Lacoue-Labarthe, 1991, p. 14).

⁴³Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe (1991) referem-se à abordagem americana e anglo-saxã da psicanálise, que tomou os contornos de uma psicologia do ego. Vertente da psicanálise criticada por Lacan de forma veemente em vários textos desse tempo.

essa é a razão pela qual o empreendimento prático implicava uma reconstrução teórica (NANCY e LACOUÉ-LABARTHE, 1991, p. 19).

Para esses filósofos, em “O seminário...”, tratar-se-ia de uma intervenção sobre a prática direcionada aos analistas e, em “A instância...”, de um esforço de sistematização teórica. Contudo, apesar de este último ter sido inicialmente um trabalho apresentado na Faculdade de Letras, mantinha-se endereçado aos analistas, pois “a *universitas literarum*... é o lugar que Freud quis para a formação prévia dos analistas” (Nancy e Lacoue-Labarthe, 1991, p. 24). Tais considerações, em uma leitura retroativa, permitem pensar que Lacan já indicava, na década de 1950, a importância da letra para a elaboração e transmissão da psicanálise.

Ainda para esses comentadores, “A instância...” é a marca de uma teoria psicanalítica autoral de Lacan. Esta observação é corroborada por um comentário de Jacques-Allain Miller sobre as enigmáticas letras que encerram aquele artigo: “*T.t.y.m.u.p.t.*”⁴⁴. Miller (2011b) afirma que, tempos depois, Lacan revelou que essa abreviação significaria: “T’y es mis un peu tard...Você se colocou aí um pouco tarde” (p. 15-16). Para Miller (2011b), essa frase é “a marca de um arrependimento seu: ...de ter-se tornado ele próprio no momento em que já era, senão tarde demais, pelo menos um ‘pouco tarde’” (p. 15-16). Observações que, mais uma vez, permitem medirmos a expressão da tese de Lacan em “A instância...”.

Neste texto, o psicanalista fundamenta sua ideia de que é “a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (Lacan, 1957/1998, p. 498), a partir de uma leitura subversiva da linguística de Ferdinand de Saussure⁴⁵. Com isso, as leis encontradas por esta ciência são adaptadas ao sujeito lacaniano e a letra aparece como o “suporte material” (Lacan, 1957/1998, p. 489) do significante. Nas palavras de Lacan (1957/1998):

Por onde se vê que um elemento essencial na própria fala [o significante] estava predestinado a fluir nos caracteres móveis, qual Didots e Garamonds⁴⁶, a se imprimirem em caixa baixa, presentificam validamente aquilo a que chamamos *letra*, ou seja, a estrutura essencialmente localizada do *significante* (p. 504-505 – grifos nossos).

Assim, a letra seria um elemento tipográfico da linguagem, materialidade incluída no significante. Ou seja, um caractere que, despojado de toda sua significação, sustentaria os

⁴⁴Encontramos estas letras, sem maiores explicações, ao lado da data no final do artigo.

⁴⁵No primeiro capítulo, inserimos uma nota de rodapé sobre as relações entre psicanálise e linguística nas páginas 34-35. Lembremos que, naquele contexto, tratava-se de um comentário de esclarecimento do texto “A significação do falo”, referente a uma Conferência de 1958. “A instância da letra...” é um texto de 1957 e, portanto, participa do mesmo momento desse projeto lacaniano.

⁴⁶ Segundo nota do editor dos *Escritos*: “Unidades tipométricas do sistema tipográfico europeu em geral” (Lacan, 1957/1998, p. 504).

fonemas que compõem as palavras e se submetem às mesmas leis que orientam o funcionamento da fala. Logo, da mesma forma que uma letra sozinha não determina uma palavra, um significante só produz sentido *a posteriori*, como um efeito surpresa, pela ação da metáfora e da metonímia.

Nancy e Lacoue-Labarthe (1991) resumem de uma forma interessante as consequências dessa ideia para o sujeito do inconsciente. Para eles, “esta literalização do sujeito é... dupla” (Nancy e Lacoue-Labarthe, 1991, p. 35). De um lado, a linguagem pré-existe ao sujeito e este será determinado e submetido às leis que regem o significante. De outro, pelo fato de a linguagem ser constitutiva para esse sujeito, ele toma de sua estrutura “o suporte material de seu discurso⁴⁷” (Nancy e Lacoue-Labarthe, 1991, p. 36 – grifos dos autores). Portanto, aqui, a definição de letra está associada a uma materialidade, mas submetida ao significante e a seus efeitos sobre o sujeito do inconsciente.

A proximidade entre esses dois elementos da linguagem para Lacan, letra e significante, na década de 1950, se confirma quando nos voltamos para “O seminário...”. Em uma leitura próxima de “A instância...”, a carta/letra é entendida como um significante que, submetido às leis de deslocamento da cadeia simbólica, produz efeitos subjetivos de forma independente do conteúdo da mensagem.

Desta forma, a carta/letra está sempre atrelada a um trajeto que lhe é próprio e, ao se deslocar, nunca se extravia. Pois é exatamente seu percurso como um significante encadeado a outro significante que “determina os sujeitos em seus atos, seu destino, suas recusas, suas cegueiras, seu sucesso, sua sorte... sem levar em conta o caráter ou o sexo” (Lacan, 1956/1998, p. 34). Como vimos, essa é uma das perspectivas da conclusão de Lacan de que “a carta roubada... é a que sempre chega a seu destino” (Lacan, 1956/1998, p. 45). Portanto, não pode ser desviada, destruída ou dividida. Inferência que define para a carta/letra uma materialidade muito peculiar e distinta da instância da letra como um suporte material.

É exatamente quando descreve essa materialidade singular da carta/letra que Lacan usa pela primeira vez uma expressão que remete ao escritor James Joyce: “a *letter*, a *litter*”⁴⁸, uma carta, uma letra, um lixo” (Lacan, 1956/1998, p. 28). Trata-se de um comentário da cena

⁴⁷ Segundo Nancy e Lacoue-Labarthe (1991), o discurso nesse contexto “é determinado por sua relação, ao mesmo tempo, com a linguagem enquanto estrutura e com a fala (no sentido saussuriano, como execução individual da língua)” (p. 36). Sendo assim, cabe uma especificação deste “discurso” para o momento do *Seminário 18*. No seminário anterior a este (*O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*), Lacan complexificou e conferiu a tal termo uma definição específica, que, embora mantenha uma estrutura, acolhe elementos que não são abordados pela linguística, como, por exemplo, os efeitos de gozo que a linguagem produz.

⁴⁸ Segundo o psicanalista Ram Mandil (2003), “essa expressão provém do livro *Examination round his factification of incamination of Work in progress*, editado por Sylvia Beach” (p. 25).

do conto de Poe em que a polícia parisiense tenta encontrar a missiva nos aposentos do Ministro D. Como sabemos, eles falham por confiarem demais na descrição que tinham da epístola. Recuperemos esse trecho tal como ele aparece na interpretação de Lacan (1956/1998):

E com efeito, voltando a nossos policiais, como poderiam eles apoderar-se da carta, eles que a apanharam no lugar em que estava escondida? Naquilo que reviravam nos dedos, que outra coisa segurava eles senão o que correspondia à descrição que tinham dela? *A letter, a litter*, uma carta, uma letra, um lixo. Fizeram trocadilhos, no cenáculo do Joyce, com a homofonia dessas duas palavras em inglês. A espécie de dejetos que os policiais manipulam nesse momento tampouco lhes revela sua outra natureza por estar meio rasgada (p. 28).

Assim, Dupin, que também é poeta (e, portanto, tem uma relação íntima com as letras), percebe que a carta/letra pode ter uma outra natureza. Trata-se de pensar o significante não associado às suas significações e seus efeitos imaginários, mas como um objeto, um papel escrito que pode ser dobrado, rasgado e reendereçado. Lembremos que, se o detetive é bem sucedido em sua busca, é por se orientar mais por essa característica material da missiva do que por um saber prévio sobre sua aparência.

Neste momento, a carta/letra pode ser entendida por uma dupla dimensão que inclui uma “função de transmissão de uma mensagem, *a letter*, mas com um destino que concerne à sua materialidade, *a litter*... Esta não podendo ser concebida sem a simultaneidade das duas vertentes” (Mandil, 2003, p. 28). Tal característica ambivalente determinaria a materialidade “*odd... singular*” (Lacan, 1956/1998, p. 26) da carta/letra como um significante que “estará e não estará onde estiver, onde quer que vá” (Lacan, 1956/1998, p. 27).

Impossível não mencionarmos aqui a crítica de Derrida. Já comentamos que ele questiona a leitura da carta/letra como o falo, significante transcendental, cuja materialidade *odd* e indivisível garantiria que a carta/letra sempre chegasse ao seu destino. Assim, Derrida (2007) discorda de Lacan:

...uma carta pode sempre não chegar ao seu destino. Sua “materialidade”, sua “topologia” resulta de sua divisibilidade, de sua partição sempre possível... Não é que a carta nunca chegue ao seu destino, mas pertence à estrutura ela poder, sempre, não chegar a ele... Aqui a disseminação ameaça a lei do significante e da castração como contrato de verdade, ela atinge a unidade do significante, isto é, o falo (p. 491).

Para termos o alcance deste questionamento, é importante observarmos que ele se inclui no contexto da promoção do escrito, movimento contemporâneo com o qual Lacan (2003, 2009) discute nos comentários sobre “*Lituraterra*”. Como resume Miller (1998): Derrida, como partidário dessa corrente de pensamento, propõe uma “arquiescritura, uma

escritura primária – [...] a letra tem uma função primária... ela precede a linguagem” (p. 101 – tradução nossa)⁴⁹.

Segundo Laurent (2010), esse posicionamento do filósofo é anterior a sua crítica de “O seminário...”, pois já tinha seus contornos bem definidos na sua conferência sobre Freud de 1966⁵⁰. Nesta, Derrida postulou a existência de um primeiro traço, fundamental, que situar-se-ia como fora do sentido. A partir dessa impressão inicial, o sentido não cessaria de tentar ser atingido, em um movimento metonímico que tenta recuperá-lo, sem sucesso, sem metáfora possível. Assim, defende-se uma primariedade do escrito, da letra em detrimento da fala.

Com esse esclarecimento, entendemos porque essa posição opõe-se às ideias de Lacan tal como essas se apresentam em “A instância...” e em “O seminário...”. Em ambos os textos, o psicanalista submete as dimensões da letra e do escrito ao significante e privilegia a fala e as leis da linguística (metáfora e metonímia), associando a carta/letra ao falo. Dessa maneira, a discordância do filósofo incide sobre tal promoção do simbólico e da fala, já que, para ele, o que prevalece em “A carta roubada” é uma questão sobre o escrito.

Assim, Derrida (2007) defende que a exposição de Lacan sobre a materialidade da *letter* como *litter* não se resolve ao reduzir-se à dimensão simbólica. De certa forma, ao lermos o conto de Poe, também encontramos subsídios para questionarmos a dimensão de objeto da carta/letra reduzida ao significante: a polícia falha por procurar a missiva a partir de um saber estruturado pelos semblantes, mas Dupin, ao focar a outra natureza da carta/letra, é bem sucedido. Lembremos que algo similar acontece com os efeitos de feminização. Também sobre estes, *a posteriori*, localizamos indicações do próprio Lacan de que o silêncio dos personagens denuncia os limites do saber e dos semblantes quanto aos efeitos de gozo da carta/letra. Desta forma, a *letter* como *litter*, bem como os efeitos de feminização, parecem adiantar que a natureza de uma letra não pode ser reabsorvida pelo simbólico ou pelo significante.

Tanto é que, anos mais tarde, em “*Lituraterra*” (1971), Lacan (2009) demonstra-se empenhado em redimensionar tais elaborações e interroga-se: “seria letra morta eu ter colocado, no título de um desses textos que chamei de *Escritos...*, *da letra a instância* como razão do inconsciente?” (p. 109 – grifos do autor).

⁴⁹ No original : « d’archi-écriture, d’écriture primaire – que la lettre a une fonction primaire, qu’elle précède le langage » (Miller, 1998, p. 101).

⁵⁰ Aqui, Laurent (2010) faz alusão a “Freud e a cena da escritura” – Conferência pronunciada no Instituto de Psicanálise em março de 1966, publicada no Brasil em Derrida, J. (1995). *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva.

Em seguida, afirma que não retira o que formulou sobre o sujeito do inconsciente, mas, por outro lado, separa radicalmente a letra do significante: “nada permite confundir... a letra com o significante. O que escrevi com a ajuda de letras sobre as formações do inconsciente não autoriza a fazer da letra um significante” (Lacan, 1971/2009, p. 110).

Não podemos deixar de observar que, embora Lacan negue tal equivalência entre esses dois elementos, concordamos com Milner (1996) quando ele afirma que, em “A instância...”, “a distinção entre eles pode ter ficado confusa” (Milner, 1996, p. 104).

Contudo, ao retomar suas teorias sobre a letra a propósito dos comentários sobre “*Lituraterra*”, Lacan (2003, 2009) pretende separar a letra e o significante e posicionar-se diante de uma pluralidade de leituras. Por um lado, não podemos ignorar que com essa retomada ele responde às críticas que lhe eram endereçadas pela promoção do escrito. Por outro, percebemos que o psicanalista discute não só com os seus oponentes (visto que ele manterá suas discordâncias com Derrida), mas está orientado principalmente por suas próprias dificuldades e impasses. Podemos pensar que, diante dos limites que a estrutura simbólica impõe, Lacan está empenhado em pesquisar os efeitos de gozo da linguagem, desarticulados de qualquer sentido, tal como nos deparamos em vários momentos de uma experiência psicanalítica⁵¹.

II.2. A ambiguidade da natureza da letra: efeitos de feminização pela *letter/litter*

Consideramos que não é por acaso que, nas elaborações sobre “*Lituraterra*”, Lacan (2003, 2009) retoma “O seminário...” exatamente a partir dos efeitos de feminização e do aspecto “*letter/litter*” da carta/letra. A nosso ver, isso se dá porque ambos problematizam a letra e suas relações com o gozo para além dos semblantes e ganham, nesse contexto, uma nova apreciação.

Iniciemos essa releitura pelos efeitos de feminização. Vale recuperar o trecho em que eles são destacados:

⁵¹Lembremos que, como comentado no capítulo anterior, na página 41, para Lacan (1971/2009), esses momentos já foram preparados por Freud no “Para Além do Princípio do Prazer” (1920) pelo campo da compulsão à repetição. Nesse texto, Freud (1996) descreve situações da experiência e da clínica psicanalítica em que a repetição demonstra-se refratária a qualquer interpretação, o que delimita um desafio para a condução de um tratamento.

...é digno de nota que eu abra essa coletânea [os *Outros Escritos*] com um artigo que isolo de sua cronologia, e que se trate de um conto... sobre o que acontece com a postagem de uma missiva, com o conhecimento daqueles que se encarregam de sua remessa, e em que termos se apoia eu poder dizer que ela chegou a seu destino, depois de, com os desvios por ela sofridos, o conto e sua conta se sustentarem sem nenhum recurso a seu conteúdo. *Ainda mais notável é que o efeito* que ela exerce sobre os que a cada vez a detêm, por mais que estes arguam o poder que ela confere, para aspirar a tê-la, *possa ser interpretado, como faço eu, como uma feminização* (LACAN, 2003, p. 16 – grifos nossos).

Para entendermos porque a feminização, embora previamente discutida, volta a ser destacada e torna-se tão “notável”, é preciso dar um passo atrás e situar o novo contexto em que ela está inserida.

Nesse momento, o psicanalista já havia constatado que o feminino não se restringe totalmente aos semblantes. Isso o conduz à percepção de que: “a mulher... essa que não existe, é justamente a letra – letra como significante de que não há Outro, S (de A barrado)” (Lacan, 1971/2009, p. 102). Essa frase, que se encontra em uma lição exatamente anterior à “Lição sobre *Lituraterra*”, explicita o interesse de Lacan (1971/2009) pela letra e levanta questões para serem abordadas naquela lição.

Na nossa interpretação, quando Lacan (1971/2009) afirma que a mulher é a letra como S (de A barrado)), ele pretende ressaltar que não existe um significante para dizer tudo sobre o gozo feminino. Portanto, se os semblantes falham em recobrir totalmente o campo do gozo, algo permanecerá sempre silencioso, opaco. Talvez por isso, para Lacan (1971/2003), tenha sido inevitável redimensionar as relações entre letra e significante, de forma que “se turvam os efeitos significantes da *lettre*, fazendo surgir, à margem do conteúdo que a letra transporta, uma materialidade desconectada de qualquer sentido” (Mandil, 2003, p. 47). Assim, aquela frase parece marcar uma transição: define uma transformação na concepção sobre o feminino que exige uma mudança de leitura sobre a letra. O que acontece nos comentários sobre “*Lituraterra*”.

Nestes, como consequência daquelas alterações, teremos uma nova aceção para o silêncio dos personagens que pode ser lido para além da castração: se Dupin e o Ministro D., quando feminizados, calam-se, é porque a carta/letra acolhe um gozo que encontra-se fora do domínio do saber. Desta forma, tal como sugere Laurent (2010), a feminização pela carta/letra:

...permite considerar que nem o sentido ou os sentidos do conto, nem os efeitos de significação ou o próprio relato, nada disso dá conta da posição de gozo, do enigma da feminização induzida pela carta. Basta que esse lugar enigmático seja um lugar de reserva. A esse respeito o lugar do gozo emerge como enigma, furo⁵² no sentido e ao mesmo tempo, lugar desse gozo (p. 70).

⁵²A psicanalista Maria Josefina Fuentes apresenta uma interessante noção de furo que é relevante para nosso contexto: “o furo, noção topológica, indica a impossibilidade de passar de um registro ao outro sem

A ideia da feminização como uma antecipação sobre os efeitos de gozo da letra fica ainda mais clara sob a perspectiva do trocadilho referente a James Joyce. Como vimos, uma *letter* como *litter* já apresentava em “O seminário...” uma dupla vertente da missiva, ainda encerrada sob a característica *odd* do significante.

No contexto de “*Lituraterra*”, Lacan (2003, 2009) retoma aquela frase que remete a Joyce para sugerir que seus escritos demonstram um manejo com a língua que prioriza uma satisfação em detrimento da produção de sentido. Assim, aqui, é preciso considerar de outra forma a natureza ambígua da carta/letra: sua dimensão de *litter* evoca sua característica de dejetivo⁵³, de inutilidade do gozo, como aquilo que não serve para nada. Não se trata aqui da materialidade do significante, mas de uma substância que se desconecta do encadeamento simbólico, que borra todas as significações e aparências dos semblantes. Por outro lado, não podemos esquecer que a natureza de *letter* da carta/letra não deixa de remeter a um elemento da língua. Logo, uma mesma *letter/litter* pode conectar dois tipos distintos de matéria: uma referente à linguagem e, outra, ao gozo.

Desta forma, tanto a expressão sobre Joyce como os efeitos de feminização parecem premonitórios ao indicarem algo da ambiguidade da natureza de uma letra. Mas, se essa dupla vertente da carta/letra já se esboçava em “O seminário...”, é em “*Lituraterra*”, quando Lacan compara a letra a um litoral, que essa característica ganha toda sua potência. Lacan (1971/2003) pergunta: “Não é a letra... litoral, mais propriamente, ou seja, figurando que um campo inteiro serve de fronteira para outro, por serem eles estrangeiros, a ponto de não serem recíprocos?” (p. 18).

Para desenvolver esse artifício litorâneo do literal, Lacan remete a um trecho de sua própria biografia. Ele evoca uma paisagem apreendida do avião em uma viagem de retorno do Japão. Por entre chuva e nuvens, ele vê a planície siberiana, cuja superfície desértica encontra-se recortada unicamente pelo curso das águas. De forma poética, Lacan faz uma analogia. Os significantes, os semblantes e o saber⁵⁴ são remetidos às nuvens e às suas formas (instáveis, mutantes e inapreensíveis em seu deslocamento). A terra está do lado do real. A chuva esburaca as próprias nuvens, escava o solo e cria leitões que recebem a água pluvial.

descontinuidade, sendo ele próprio o elemento que permite a articulação dos registros” (Fuentes, 2012, p. 146).

⁵³Nesse ponto, lembramos o texto de Jacques-Alain Miller (2010), “A salvação pelos dejetos”, que convoca a dimensão de dejetivo do gozo. O dejetivo nesse texto aparece como o que “cai, é o que tomba quando por um outro lado algo se eleva. É o que evacua, ou que se faz desaparecer quando o ideal resplandece. O que resplandece tem forma, enquanto o dejetivo é informe” (Miller, 2010, p. 20). Essas observações permitem, nesse mesmo texto, uma articulação com o gozo, como aquilo que “não puxa para o alto” (Miller, 2010, p. 20).

⁵⁴Como saber, podemos considerar o significante articulado na cadeia simbólica, o que também se remete ao discurso e, portanto, ao semblante.

Assim, nuvens e rios, embora impliquem em uma descontinuidade, podem conjugar-se por um litoral.

Por sua vez, os semblantes, tal como as nuvens, rompem-se. Uma matéria precipita e fura o saber como um ravinamento do significado, como gozo. E, da mesma forma que a chuva rasura a terra, o gozo faz sulcos no real. A letra, como litoral, faz borda a dois campos heterogêneos: o saber (que é da ordem do significante, dos semblantes) e o gozo (que supõe a matéria viva). Assim, embora entre estes exista uma ruptura impossível de ser mediada, a letra pode articulá-los. Desta forma, podemos pensar que o manejo com uma letra pode articular o real, o imaginário e o simbólico, fazendo-se, assim, uma “litura-terra”.

Com essa definição de letra, Lacan (1971/2003) pode afirmar que

a escrita... é, no real, o ravinamento do significado, aquilo que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante. A escrita não decalca esse último mas, sim, seus efeitos de língua (p. 22).

Assim, na década de 1970, fica claro que a letra não é o significante, nem mesmo seu registro. Para Miller (1988), se existe alguma relação entre esses dois é que o escrito, como a letra, situa-se “como efeito ou como produto... como erosão do significado ou como gozo” (p. 102 – tradução nossa)⁵⁵. É nesse sentido que Lacan (2009) extrai da letra sua dimensão de “*Litura, lituraterra*. Rasura de traço algum que seja anterior” (p. 113 – grifos no original).

Logo, entendemos porque Lacan (2003, 2009), ao voltar sua atenção para a letra, “não quer se meter com a promoção dada ao escrito” (Laurent, 2010, p. 66). Pois, se para este movimento a letra é primária à linguagem, “do ponto de vista de Lacan, [é] exatamente [o] oposto, ela é essencialmente secundária, consequência da linguagem” (Miller, 1988, p. 101 – tradução nossa)⁵⁶.

Portanto, Lacan segue discordando de Derrida (2007). Isso se mantém inclusive quanto ao destino da carta/letra, pois, na década de 1970, o psicanalista continua afirmando que aquela chega ao seu destino. Conforme comenta o psicanalista Alexandre Stevens (2008), isso se sustenta porque, com a mudança de concepção de letra, muda-se também o destino da carta/letra. Já não se trata mais dos percursos do significante, mas de seus destinos de gozo. Em um primeiro momento, Lacan opunha-se à metonímia infinita de Derrida, por considerar que os efeitos metafóricos do significante são determinantes para o sujeito. Neste segundo tempo, ao considerar a letra como um litoral, os sulcos, as marcas criadas pelas fixações de

⁵⁵ No original: « comme produit... comme ravinement du signifié ou comme jouissance » (Miller, 1988, p. 102).

⁵⁶ No original : « du point de vue de Lacan, exactement opposé, elle est foncièrement secondaire, conséquence du langage » (Miller, 1988, p. 101).

gozo determinam seu destino. E, desta forma, mantém-se a ideia de que o ser falante não desliza indefinidamente pela linguagem.

Assim, fica clara a diferença entre a leitura de Derrida e de Lacan sobre “A Carta Roubada”. Como Derrida é filósofo e suas elaborações são prioritariamente teóricas, ele não se ocupa da relação da letra e do escrito com o gozo. Já para Lacan, esta relação é fundamental, pois sua visada, pelo contrário, não é filosófica. Como ele indica: “*eu sei a que me ater...* esse lugar não é outro senão o que identifico com o de um psicanalista” (Lacan, 1971/2009, p. 40 – grifos do autor). Mas não qualquer psicanalista!

Como vimos, sua preocupação em investigar a letra, desde a década de 1950, é a de encontrar elementos para formalizar a psicanálise, inclusive visando separá-la de interpretações como as da psicologia do ego. Contudo, os efeitos de língua constatados na clínica não podem ser explicados apenas a partir do registro simbólico e foi preciso uma mudança na concepção de letra para que Lacan pudesse fazer dessa noção uma possibilidade para ir além dos limites dos semblantes. A letra como um litoral é uma resposta para esse impasse. E, embora ela nunca vá escrever o que do real não cessa de não se escrever, ela pode bordejar o furo no saber. E, por conseguinte, Lacan (1971/2009) se pergunta: “Será possível, do litoral, construir um discurso tal que se caracterize, como levantei a pergunta este ano, por não ser emitido pelo semblante?” (p. 116). Ou seja, como a letra, como um litoral, pode possibilitar transmitir ou formalizar algo nos limites do dizer, na impossibilidade da estrutura? Assim, na década de 1970, com a noção de litoral a letra torna-se um importante elemento de formalização da experiência psicanalítica, por possibilitar a conjugação entre gozo e linguagem. Nesse sentido, concordamos com a psicanalista Márcia Rosa Vieira (1998), quando ela explicita que

...a psicanálise é antes de tudo uma clínica, uma clínica que concerne ao sujeito que sofre, e não uma prática de interpretação literária; e o fato de que o trato com o significativo implica em que se leve em conta a existência de algo que a psicanálise nomeia “gozo” (p. 167).

Assim, a preocupação clínica de Lacan pode esclarecer tanto sua posição quanto seu interesse pelo conto literário “A Carta Roubada”, além de sua discordância da abordagem feita pela psicanalista Marie Bonaparte. Ele afirma:

Minha crítica, se tem alguma razão de ser tomada por literária, só pode referir-se, portanto – é nisso que me empenho –, ao que faz Poe, por ser ele mesmo escritor, para compor essa mensagem sobre a carta. É claro que, apesar de não dizê-lo com estas palavras, tal como eu o digo, não é de forma insuficiente, e sim ainda mais rigorosa, que ele o confessa.

No entanto, a elisão, a elisão dessa mensagem, não poderia ser elucidada por meio de um traço qualquer da psicografia de Poe. Antes seria obstruída por isso, essa elisão. Uma psicanalista que areou os outros

textos desse autor, como talvez estejamos lembrados, jogou a toalha e renunciou à faxina nesse ponto. Não tocou nele, a Marie (LACAN, 1971/2009, p. 108).

Marie Bonaparte (1958) interpreta “A Carta Roubada” ao cotejar os possíveis sentidos edípicos do conto com os dados da vida de Poe. Com essa leitura psicográfica, a mensagem que falta no conto é tomada como um enigma, um conteúdo recalcado a ser decifrado. Assim, o que prevalece é a proliferação de significados e saberes e a complexidade da composição de Poe sobre a carta/letra não é percebida, mas obstruída. Desta forma, Bonaparte produz uma faxina: limpa o texto de Poe dos efeitos de gozo da letra e não consegue tangenciar a sua qualidade litorânea.

Por outro lado, ao abordar um texto literário, Lacan (1971/2009) recomenda que devemos pensar no “recalcamento [como] uma ideia menos psicobiográfica” (p. 108). Desta forma, ao debruçar-se sobre “A Carta Roubada”, ele concentra-se exatamente na elisão da mensagem. Em “O seminário...”, essa já era sua visada, mas esta ainda submetia-se a um privilégio da estrutura e do significante. No *Seminário 18*, Lacan mantém o mesmo interesse, contudo suas elaborações mudam de enfoque. Para Lacan (1971/2009), neste momento, se a composição de Poe ensina, é que o manejo com as letras pode transmitir algo sobre o ponto de silêncio da linguagem. Assim, a partir de seu interesse pela letra, Lacan pôde ir além do simbólico e ler, naquilo que cala os personagens feminizados, as impossibilidades da estrutura, o furo no saber e os efeitos de gozo.

II.3. A feminização pela carta/letra: gosto dândi?

Como acompanhamos, com a retomada de “A Carta Roubada” no *Seminário 18*, Lacan (1971/2009) avança em suas pesquisas sobre um gozo que não se situa totalmente do lado dos semblantes, mas que pode ser acolhido pela letra. A nosso ver, o fato de o conto de Poe ter contribuído com essa nova apreciação torna-o ainda mais instigante e provoca novas questões. Tais como: se Lacan refletiu sobre o gozo a partir da escrita de “A Carta Roubada”, podemos concluir que este conto acolhe um gozo? Qual seria ele? Estaria ele coordenado pelos semblantes? Ou tratar-se-ia de um gozo opaco, que irrompe desses semblantes? Indagações que orientam uma releitura dos efeitos da carta/letra, fazendo retornar sobre o conto de Poe as perguntas e constatações que ele inspirou.

Para avançarmos nessas reflexões, lançaremos mão de uma hipótese do psicanalista Eric Laurent (2010). Para ele, ao escrever “A Carta Roubada”, Edgar Allan Poe nomeia o “gozo de sua época (o lugar do dândi reflete o gosto de sua época)” (p. 71):

Em outras palavras, com relação a este último [o dândi], certa forma de homem de ação (a ação da época era por excelência a do empresário) se verá inspirada por esse recolhimento com relação ao mundo que opera o dândi.

Temos, portanto, a cada vez, a inscrição e traço de alguma coisa que é primária e que ultrapassa todas as significações em jogo, e cada vez é esse recolhimento, esse acolhimento do gozo na letra, na escrita, que vem se inscrever (LAURENT, 2010, p.71).

Observação inusitada que ganha respaldo quando reconhecemos, nos comentários de Lacan sobre a feminização pela carta/letra, na década de 1950, a marca de um traço dândi. O psicanalista observa que, sob tais efeitos, o Ministro D. convoca “a impassibilidade do dândi” (Lacan, 1956/1998, p. 44) e “não deixa de nos fazer pensar no Sr. Chateaubriand”⁵⁷ (Lacan, 1955/1985, p. 252) ou mesmo em “um personagem romântico... em Stendhal”⁵⁸ (Lacan, 1955/1985, p. 254).

Contudo, para investigarmos o que significaria afirmar que “A Carta Roubada” acolhe um gosto dândi, é fundamental, primeiro, entender o que caracterizaria tal gozo.

II.3.a. A invenção do dândi

Para o psicanalista Jacques-Alain Miller (1995), uma das principais referências sobre o dandismo é a filósofa Françoise Coblance (1988), cujo livro *Le dandysme: obligation d'incertitude* dedica-se à complexa pesquisa sobre o tema. Desafio que já começa por sua origem híbrida. Pois,

a tradição do dandismo se constitui sob o polo dessas dualidades: dualidade dos fundadores, dualidade das esferas de aparição – a vida, a literatura –, ou antes pluralidade de seus entrecruzamentos, de suas misturas (COBLANCE, 1988, p. 15)⁵⁹.

Logo, segundo a filósofa, o dândi surge a partir da associação de um homem,

⁵⁷ François-René de Chateaubriand (1768-1848) foi um escritor, ensaísta, diplomata e político francês. É citado pelo escritor Charles Baudelaire (2009) como um dos ícones do dandismo. É interessante notar que Chateaubriand não perde esse posto nem mesmo em uma longa viagem às terras ainda pouco desbravadas da América. Nas palavras de Baudelaire: “O dandismo é uma instituição vaga... muito geral, pois Chateaubriand descobre-a nas florestas e às margens do Novo Mundo” (Baudelaire, 2009, p. 23).

⁵⁸ Henri-Marie Beyle, mais conhecido como Stendhal (1783-1842), citado por Miller (1995) como uma das importantes referências da literatura do dandismo.

⁵⁹No original : « la tradition du dandysme se constitue sous le pôle de ces dualités: dualité des fondateurs, dualité des sphères d'apparition – la vie, la littérature –, ou plutôt pluralité de leur entrecroisements, de leurs mélanges » (Coblance, 1988, p. 15).

Brummell⁶⁰, à literatura romântica do século XIX⁶¹. E, desta forma, sua invenção é indissociável desses autores e do contexto dessa época.

Em uma recente entrevista concedida ao programa portenho “*Otra trama*”, Laurent (2013) fez uma indicação precisa sobre aquela conjuntura em que surge o dândi. Para ele, no dandismo tratar-se-ia de uma resistência heroica ao discurso universalizante da Revolução Francesa e a seu lema de “igualdade, liberdade e fraternidade”.

O psicanalista fundamenta essa ideia com os comentários do filósofo Alexandre Kojève sobre Brummell, em “*Le dernier monde nouveau*” (1956). Neste, sustenta-se a tese de que após a Revolução Francesa inaugura-se um

mundo ainda novo e último em data, que é bem o nosso e que... tem por característica específica, que o distingue de todos os outros, o fato de que não há mais nele virtualmente nem verdadeiras guerras nem verdadeiras revoluções, e no qual, por conseguinte, muito em breve não poder-se-ia morrer gloriosamente (KOJÈVE, 1984, p. 4 – tradução nossa)⁶².

Assim, o “último mundo novo” é aquele que surge após Napoleão e a instituição da República. Neste, como não existem mais mortes gloriosas, grandes guerras ou verdadeiras revoluções, um heroísmo político, militar ou social não é mais possível. Para Kojève (1984), Brummell, contemporâneo dessas mudanças “a vu les choses [viu as coisas]” (p. 2) e inventou a última versão de herói, um heroísmo da vida cotidiana. Segundo Laurent (2013), foi por criar esse heroísmo inédito que Brummell teve um impacto tão forte e tantos adeptos entre os poetas de sua época.

Coblance (1988), assim como Laurent e Kojève, considera que a grande façanha do dândi consistia na forma extraordinária com que ele lidava com todos os seus atos cotidianos. Portanto, para ela, a invenção de Brummell é sua própria vida e, por isso, ela é recriada a cada momento, na mais efêmera ação do dia-a-dia. Logo, ela “opera a captura do instante, ela é criação sempre recomeçada. O dândi faz obra do efêmero, obra ela própria efêmera” (Coblance, 1988, p. 11 – tradução nossa)⁶³.

Desta forma, para entendermos a criação desse primeiro dândi, faz-se necessário saber sobre a história de sua vida. Ao seguir os estudos de Coblance (1988) e Miller (1995),

⁶⁰ Brummell será um personagem importante para nossas pesquisas e mais adiante será abordado mais detalhadamente.

⁶¹ Segundo Coblance (1988), o pioneiro a escrever sobre o dandismo foi Lord Byron, depois vários outros como Charles Baudelaire e D’Aurevilly, Stendhal, Chateaubriand etc.

⁶² No original : « monde encore nouveau et dernier en date, qui est bien le nôtre et qui... a pour caractère spécifique le distinguant de tous les autres, le fait qu’il n’y a virtuellement plus en lui ni véritables guerres ni vraies révolutions, et dans lequel, par conséquent, on ne pourra très bientôt plus mourir glorieusement » (Kojève, 1984, p. 04).

⁶³ No original : « opère la capture de l’instant; elle est création toujours recommencée. Le dandy fait oeuvre de l’éphémère, et oeuvre elle-même éphémère » (Coblance, 1988, p. 11).

descobrimos que Brummell viveu na Inglaterra, após a Revolução Francesa (1789-1799), no período da regência de Jorge IV. Momento que, como vimos, caracterizou-se por uma transição: a monarquia estava enfraquecida e esboçava-se uma nova configuração social que propunha uma igualdade generalizada. Nesse contexto peculiar, embora não tivesse títulos e não houvesse nascido em um berço nobre, Brummell foi acolhido pela aristocracia, foi amigo pessoal do príncipe e ditou as leis dos costumes durante duas décadas. Com isso, poderíamos pensar que Brummell era um sinal dos novos tempos, que permitia a todos igualar-se, juntar-se aos nobres, embora não tivessem brasões de origem. Mas não é esse o caso. Brummell não compõe nenhum grupo ou classe social. Em relação a estes, ele está sempre um pouco à parte. Não se enlaça por identificações e nunca acolheu nenhum ideal de massa. Tanto que, em um dado momento, isso se radicaliza. Embora não se saiba com justeza, acredita-se que por ter desagradado Jorge IV, Brummell foi banido da nobreza. Assim, após quase vinte anos de ditadura brummelliana, esse dândi afasta-se de Londres, morre só e um pouco louco.

Com esse panorama, podemos concluir que, em Brummell, destaca-se “l’aventure d’un homme seul [a aventura de um homem sozinho]” (Miller, 1995, p. 182). Contudo, a forma singular como isso se dava não se transmite por uma biografia generalista. Como vimos, o heroísmo de Brummell não se refere a feitos públicos (como glórias militares ou políticas), mas a atos da vida privada. Tanto que Miller (1995) afirma que o tipo de heroísmo deste dândi se revela por contrariar o adágio segundo o qual não há herói para seu camareiro⁶⁴. O significado desse dito popular é que, no geral, nas ações privadas, as pessoas perdem seu encanto. Mas não Brummell! Ele é o único herói que o é também para seu camareiro, “posto que ele é grande, sublime, em todos os atos da vida cotidiana – o que lhe coloca totalmente à parte” (Miller, 1995, p.185 – tradução nossa)⁶⁵. Desta forma, quando se trata do dândi, é preciso notar os pormenores de sua rotina, principalmente aqueles que um camareiro pode testemunhar na intimidade de seu ciclo social. Só assim poderemos captar a forma peculiar com que Brummell colocava-se “à parte”.

Nesse sentido, uma das formas em que isso também se evidencia são os dizeres do dândi. Sobre esses, Cobance (1988) observa que Brummell usava as palavras com parcimônia. Por isso, Miller (1995) conclui que “não é tanto pela fala que ele brilha, é por seu

⁶⁴ Um camareiro, segundo o Houaiss (2001), é um “fidalgão que serve um rei, rainha ou nobre, em seus aposentos... [ou um] criado que presta serviços relativos aos cuidados pessoais (vestuário, banho etc.) do patrão” (p. 582). Nos tempos de Brummell, um camareiro era um empregado que atuava em tudo que dizia respeito ao serviço interior da câmara de um nobre.

⁶⁵No original: « puisqu’il est grand, sublime, dans tous les actes de la vie quotidienne – ce qui le met tout à fait à part » (Miller, 1995, p. 185).

modo de ser [*allure*], é por... sua arte do silêncio” (p. 185 – tradução nossa)⁶⁶. Para o psicanalista, além do silêncio, uma outra forma de pensar a economia do dândi quanto aos dizeres demonstra-se em seus chistes. Parece que estes eram tão notáveis que o crítico literário William Hazlitt dedicou-lhes um estudo. Desta pesquisa, Miller destaca uma anedota que situa a quintessência do dito espirituoso (*Witz*) deste dândi: “Une Duchesse lui demande – *Monsieur Brummell, mangez-vous des légumes?* Et il répond – *Madam, I once ate a pea, j’ai une foi mangé un pois*” (Miller, 1995, p. 185)⁶⁷.

O psicanalista comenta sobre a especificidade desse *Witz*. Para ele, trata-se de “uma tirada muito especial na economia do dito espirituoso, tudo repousa na correspondência quase mimológica do significante com a referência” (Miller, 1995, p. 185 – tradução nossa)⁶⁸. A mimologia é a “composição sonora de uma palavra que imita o som dos objetos que ela designa” (Houaiss e Salles, 2001, p. 1924). No caso do *Witz* de Brummell, vemos que uma ervilha (“*a pea*” ou “*un pois*”), com seu reduzido som (em francês ou em inglês), imita não só a pequenez do legume em questão, como também o pouco que se comeu desse tipo de alimento. Assim, de forma inusitada, Brummell transmite sua inapetência pela comida que lhe era oferecida, embora não precise dissertar sobre isso.

Desta maneira, a nosso ver, ele usa as palavras com extremo rigor e moderação, e responde a uma pergunta prosaica de uma forma desproporcionalmente original. Além disso, com seu dizer, o dândi também surpreende por revidar com uma ofensa à gentileza da aristocrata. Por isso, para Cobrance (1988), essa anedota evidencia a posição de Brummell nas suas relações sociais. Nestas, podemos pensar que, com suas excentricidades e provocações, ele questiona os laços nos quais se insere, mas sem romper com os mesmos (pelo menos durante seus vinte anos de glória).

Já no que se refere à aparência do dândi, Cobrance (1988) observa que, assim como fazia com as palavras, Brummell usava os adereços com moderação. Miller (1995) descreve sua *toilette*⁶⁹ como simples e original. Parece que a assinatura de sua vestimenta concentrava-se no detalhe do nó de sua gravata. Para Miller (1995), isso se confirma com os comentários

⁶⁶ No original : « ce n’est pas tant par la parole qu’il brille, c’est par l’allure, c’est par... son art du silence » (Miller, 1995, p. 185).

⁶⁷ Tradução: “Uma duquesa pergunta-lhe – *Sr. Brummell, o senhor come legumes?* Ao que ele responde – *Madam, I once ate a pea* [Senhora, certa vez comi uma ervilha], certa vez comi uma ervilha”.

⁶⁸ No original : « un esprit très spécial dans l’économie de l’esprit, tout est dans la correspondance presque mimologique du signifiant et de la référence » (Miller, 1995, p. 185).

⁶⁹ Conservamos essa palavra em francês por ela ter uma abrangência maior do que seu equivalente “toalete” em português: refere-se “ao conjunto das peças de vestuário, adereços, enfeites, cosméticos e demais artificios utilizados no cultivo e manutenção de uma certa aparência” (Balzac, Baudelaire, D’Aureville, 2009, p. 9).

de *La Revue des Deux Mondes*⁷⁰. Nesta, afirma-se que, naquela época, havia três homens de relevo no mundo: o Imperador Napoleão, o poeta Lord Byron e o dândi Brummell. Contudo, embora a influência exercida pelos dois primeiros, “nenhum deles leva a cabo na ordem política ou literária uma revolução tão radical quanto aquela que Brummell efetuou no domínio da gravata” (Frémy, *apud* Miller, 1995, p. 183 – grifos do autor)⁷¹. Cabe ressaltar aqui o caráter inusitado dessa revolução por sua radical distinção daquelas que tem causas sociais, políticas ou mesmo literárias.

Ainda no que se refere às inovações no campo da *toilette*, à parte a célebre gravata, o dândi “evitava o detalhe vistoso. Era uma espécie de grau zero da elegância” (Miller, 1995, p. 182 – tradução nossa)⁷². Estilo cujo efeito era torná-lo único, exótico e, conseqüentemente, destacado dos demais. Traço que não o marginalizava, mas, ao contrário, desencorajava seus êmulos e arrebatava suspiros: “– Ninguém se veste como Brummell! Sua elegância é inimitável”⁷³ (Miller, 1995, p. 182 – tradução nossa).

Com esses exemplos, percebemos que, embora para o dândi sua aparência seja fundamental, esta não se refere apenas a uma imagem. A figura que ele talha na sociedade visa imprimir, em cada detalhe, palavra e gesto uma forma ímpar de se colocar à parte, uma “maneira de ser” (D’Aurevilly, 2009, p. 130). Ou, como escreve Barbey D’Aurevilly (2009):

Os espíritos que só veem as coisas pelo lado menor imaginaram que o dandismo era sobretudo a arte da aparência, uma feliz e audaciosa ditadura em matéria de toaleta e elegância exterior. Muito certamente é isso também, mas é muito mais. O dandismo é toda uma maneira de ser (p. 130).

Foi por esse jeito de ser que Brummell foi adorado pela nobreza e que arrebatou, com a mesma intensidade, os escritores do século XIX. Inclusive, foi a afinidade dessa literatura com a causa de Brummell que permitiu que as letras acolhessem e transmitissem algo da sutileza da obra desse primeiro dândi. Mais uma vez, D’Aurevilly (2009) demonstra isso muito bem:

Com efeito, o que menos permanece de toda sociedade – a parte dos costumes que não deixa restos, o aroma demasiadamente sutil para que se conserve – as maneiras, as intransmissíveis maneiras⁷⁴ pelas quais Brummel foi um príncipe ao seu tempo. Tal como todos esses espíritos que falam, como dizia

⁷⁰ Trata-se de uma revista mensal de literatura e cultura, publicada em Paris desde 1829, e, portanto, contemporânea a Brummell.

⁷¹ No original: « aucun d’eux n’accompli dans l’ordre politique ou littéraire une révolution aussi radicale que celle que Brummell effectua dans le domaine de la cravate » (Frémy, *apud* Miller, 1995, p. 183).

⁷² No original: « il fuyait le détail voyant. C’était une sorte de degré zéro de l’élégance (Miller, 1995, p. 182) ».

⁷³ No original: « – Personne n’est habillé comme Brummell! Son élégance est inimitable » (Miller, 1995, p. 182).

⁷⁴ Nota do autor: “as maneiras são a fusão do movimento do espírito e do corpo, movimentos não se pintam” (D’Aurevilly, 2010, p.186).

Buffon, ao corpo pelo corpo, Brummell não tem senão um nome, que brilha com um reflexo misterioso em todas as *Memórias* escritas de sua época (p. 134).

Segundo Coblance (1988), quando os escritores dedicam-se a nomear Brummell e sua efêmera experiência, o dandismo ganha materialidade e consistência. Assim, ele teoriza-se, torna-se uma doutrina. Podemos ler isso com clareza em textos de autores daquela época, por exemplo, em “O dândi” (1863), de Charles Baudelaire (2009). Neste, o poeta discute sobre as regras da aparência de um dândi:

Assim, aos seus olhos, obcecado, acima de tudo por *distinção*, a perfeição da toailete está na simplicidade absoluta que é, de fato, a melhor maneira de se distinguir. Que é, pois, essa paixão que transformada em doutrina, fez adeptos poderosos, essa instituição não escrita que formou uma casta tão alta? É, antes de tudo, a necessidade ardente de se equipar, dentro dos limites exteriores das conveniências, de uma certa originalidade... É o prazer de surpreender e a satisfação orgulhosa de jamais se surpreender (BAUDELAIRE, 2009, p. 15 – grifo do autor).

Vemos, pois, que a tentativa de escrever a experiência de Brummell torna o dandismo uma “instituição”, uma “casta”. Assim, por um lado, isso o distancia de sua essência transitória e inclassificável. Mas, por outro, a literatura designa sua marca: a radical impertinência de um dândi. É ainda em Baudelaire (2009) que podemos lê-lo:

O dandismo é uma instituição vaga, tão bizarra quanto o duelo; muito antiga, pois dela César, Catilina, Alcebiades nos dão exemplos impressionantes; muito geral, pois Chateaubriand descobre-a nas florestas e às margens dos lagos do Novo Mundo. O dandismo é uma instituição à margem das leis, tem leis rigorosas a que estão estritamente submetidos todos seus súditos, quaisquer que sejam, aliás, a impetuosidade e a independência próprias de seu caráter (p. 13).

Aqui, embora o dândi submeta-se a regras, ele se mantém independente e impetuosamente à parte. Por isso, concordamos com Coblance (1988) quando ela afirma que os escritores contemporâneos a Brummell dividem com este a invenção do dandismo, excêntricos gostos e a maneira de ser. Contudo, tanto para aquela filósofa quanto para o psicanalista Laurent (2013) o dândi, tal como foi criado no século XIX, restringe-se a este tempo. Depois disso, ele derivou, transformou-se. Por exemplo, no campo artístico, inspirou produções muito diferentes da literatura romântica. Já no âmbito social, influenciou um fenômeno social radicalmente distinto daquele que causou em sua origem. Assim, nos dias de hoje, se ainda podemos falar em dândi, isso não significa o mesmo dos tempos de Brummell e da literatura que lhe prestou homenagem.

II. 3. b. O dandismo nos dias de hoje

Nas artes, para Coblance (1988), a experiência de Brummell foi tão importante e original que tem o estatuto de uma obra. Para ela, o dândi faz a obra do efêmero, a obra ela mesma efêmera, e, por isso, podemos pensá-la como uma antecipação da noção contemporânea da arte como *work in progress*:

A obra do dândi, quer dizer, a obra que é o dândi, antecipa a este respeito a noção contemporânea de obra: obra instável, movente, fugidia ou evanescente, confrontada com os acasos de sua criação ou confundida com a própria duração de sua fabricação, *work in progress*” (COBLANCE, 1988, p. 11 – tradução nossa)⁷⁵.

Por sua vez, Laurent (2013) reflete sobre a influência do dandismo na sociedade contemporânea. Notamos que ele concorda com Kojève quando este último afirma que o mundo atual foi franqueado pela Revolução Francesa e seu discurso de uma igualdade generalizada. Contudo, Laurent (2013) vai além, e indica que tal conjuntura preparou o campo para que, tempos depois, o capitalismo se instaurasse. Com isso, o heroísmo cotidiano do dândi deixa de ser algo revolucionário e massifica-se. Hoje em dia, qualquer pessoa, embora não faça qualquer ato heroico, pode ter, como vaticinou Andy Warhol, seus quinze minutos de fama (por exemplo, pode tornar-se um vídeo “viral”⁷⁶ na internet). Assistimos diariamente à proliferação nas redes sociais, como *Instagram*, *Youtube*, *facebook* ou *blogs* de moda, de pessoas comuns, postando fotos e informações de detalhes prosaicos de sua vida privada. Por exemplo: o almoço requintado do dia, o *look*⁷⁷ do dia, ou mesmo as férias com a família. Como no caso do dândi do século XIX, valorizam-se as situações cotidianas, mas, no geral, de uma forma bem distinta daquele. Para Laurent (2013), a diferença está no fato de que os objetos e maneiras, tão valorizados e exclusivos do dandismo, foram fetichizados, instrumentalizados. Passam a ser produzidos em série e vendidos como objetos de consumo. Para o psicanalista, um exemplo disso é a indústria de luxo de cosméticos na França e a proliferação das cirurgias plásticas estéticas. Com estes recursos, a aparência do dândi, que se referia a um modo de ser e a um gosto tão singular, é absorvida por um discurso massificante e torna-se um imperativo de uma imagem perfeita. Assim, como condensa Coblance (1988),

⁷⁵ No original: « L’oeuvre du dandy, c’est-à-dire l’ouvre qu’est le dandy, antecipe à cet égard sur la notion contemporaine de l’oeuvre: oeuvre instable, mouvant, fuyante ou évanescence, confrontée aux hasards de sa création ou confondue avec la durée même de sa fabrication, *work in progress* » (Coblance, 1988, p. 11).

⁷⁶ Trata-se de um vídeo que, como uma epidemia, contagia muitas pessoas, já que pode ser visto por milhares a partir das redes sociais na internet. Mas, assim como um vírus que tem um curto ciclo de vida, após o contágio, ao passar a febre, ninguém se lembra mais dele.

⁷⁷ Expressão muito usada no circuito da moda para designar uma produção de roupa completa. Podemos pensar que se trata da versão *prêt-à-porter* do termo *toilette* tão usado pelo dândi de outrora.

hoje, o dandismo: “pode circular como... um culto do eu que se presta a uma ética” (Coblance, 1998, p. 10 – tradução nossa)⁷⁸.

Vemos, assim, a diferença radical entre o dandismo do século XIX e suas consequências atuais. Naquele tempo, o dândi foi uma resistência obstinada a um discurso que generaliza. Ele situava-se à parte deste, mas sem romper os laços nos quais estava inserido. Por outro lado, no mundo contemporâneo, o dandismo se transformou: produz uma massificação e prioriza um culto do eu, diante do qual os laços se afrouxam e, muitas vezes, se acentua um imperativo de gozo. Desta forma, embora o dandismo do século XIX não seja o mesmo da atualidade, para Laurent (2013) e Coblance (1988), o estudo daquele é muito importante para entendermos alguns fenômenos eminentemente contemporâneos.

II.4. Gozo dândi, Lacan e “A Carta Roubada”

O dandismo nos interessa, pois pretendemos investigar a hipótese de que “A Carta Roubada” nomeia o “gozo de sua época” (Laurent, 2010, p.71). Se considerarmos o período em que Edgar Allan Poe viveu (1809-1849), fica claro que, se existe algo do dandismo naquele conto, não se trata de sua versão contemporânea, mas de como ele surgiu no século XIX. É deste momento de invenção que extrairemos o que caracterizaria tal gozo e o que dele podemos ler na letra de Poe. Para essa pesquisa, será fundamental avaliarmos o paradigma do dândi e a forma como ele opera com os semblantes.

II.4.a. Dândi: semblantes e gozo

Sabemos que a ascendência de Brummell sobre a aristocracia de seu tempo não foi creditada a uma origem nobre e nem garantida por bajulações ou mesuras. Ele não procurava agradar, mas, ao contrário, preferia impactar, surpreender, provocar. Estratégia que, vale observar, só tinha efeitos porque, embora desestabilizasse, mantinha cativa sua fidalga assistência. Desta forma, o jeito impertinente do dândi deixa-o sempre um pouco só, porém estruturalmente ligado aos laços que perturbava. O curioso é que, como vimos, para sustentar

⁷⁸ No original : « peut circuler comme... un culte du moi qui se donne au besoin comme une éthique » (Coblance, 1998, p. 10).

essa posição, ele não fazia nada exótico. Partia de elementos comuns, situações rotineiras, mas as manejava de uma forma contundente e singular. Reconhecemos isso em seus chistes, seus silêncios e sua *toilette*. Empreendimentos que, a nosso ver, exemplificam como o dândi operava com os semblantes.

Lembremos que, para Lacan (1971/2009), os semblantes compõem uma categoria e referem-se às imagens e aos significantes, ou seja, àquilo que tem uma representação prévia e que, portanto, opõe-se ao registro do real. Definição que pode ser ilustrada com a feminização pela via da mascarada. No caso clínico mencionado, o semblante fálico prevalecia para determinar tanto um “parecer” homem (quando a paciente portava o falo) quanto um “parecer” mulher (quando ela encenava a castração daquele). Logo, tratava-se de um semblante que valia “para todos” (masculino e feminino) e que, diante do real da impossibilidade da relação sexual, forjou uma posição sexuada, a partir da qual a paciente podia dizer algo⁷⁹ e, assim, endereçar-se ao outro. Esse exemplo ilustra como os semblantes referem-se ao campo do dizer e da aparência, revelando sua vocação para uma universalização e para o laço social.

Desta forma, a experiência da mascarada sugere que, em Brummell, aqueles campos também se referem aos semblantes. Contudo, não nos parece que a essência da experiência do dândi revele uma generalização. Lembremos como seus ditos eram raros e inusitadamente espirituosos e como sua *toilette* era impossível de ser imitada⁸⁰. Assim, ao refletirmos sobre os dizeres e a aparência de Brummell, estes não parecem situar o que pode ser expresso a partir de um semblante (por uma imagem ou por um significante), mas, ao contrário, permitem entrever seu “grau zero”, seus silêncios, seus limites. Por isso, consideramos esclarecedora a observação de Miller (1995) quando, à luz da psicanálise, ele faz uma leitura de Brummell como um “ce semblant qui fait trembler les semblants [este semblante que faz tremer os semblantes]” (p. 185). Posição que, a nosso ver, condensa o que caracteriza o modo de gozo do dandismo.

⁷⁹ Algo, mas não tudo! Cabe lembrar que, na tentativa de encerrar seu gozo no semblante fálico, a paciente tinha consequentes momentos de angústia. Assim, o problema não estaria no fato dela fazer um uso das máscaras femininas, mas na constatação que estes semblantes se reduziam à dialética fálica e eram usados mais como uma defesa ao gozo feminino do que como uma forma de satisfação.

⁸⁰ Sobre essa fugacidade da imagem do dândi, Cobrance (1988) faz um interessante comentário. Parece que tinha algo tão inapreensível nela que, em todos os retratos de Brummell da época, o dândi é pintado com uma fisionomia extremamente diferente em cada um deles. Isso deu origem aos boatos de que essas variações se deviam ao fato de o dândi ter sofrido alguns acidentes (quedas) que foram alterando sua aparência. A nosso ver, esse é mais um exemplo de como a aparência de Brummell não se capturava por uma reprodução de uma imagem.

Pois bem, ao invés de respaldar os semblantes como uma categoria que define algo “para todos” (como acontece no caso da paciente de Riviere), o dândi exibe um gozo que faz vacilar toda representação pré-estabelecida, regra genérica e até a inerência dos laços sociais. Contudo, para ostentar essa forma peculiar de colocar-se à parte, Brummell não prescinde dos semblantes ou se desconecta daqueles laços. Ele faz o contrário: valoriza e maneja-os com tanto rigor que demonstra sua inconsistência, seu caráter artificial para abordar um real impossível de ser apreendido. Nesse sentido, o dândi ilustra de forma paradigmática a afirmação de que “só a partir dos semblantes pode-se denunciar os semblantes” (Miller, 2012, p. 61). E, assim, o dandismo se mantém excêntricamente ligado àquilo que ele faz estremecer.

Para Miller (1995), é esse gozo subversivo de Brummell que conquista a literatura. Isso porque, naquela época, os escritores encontravam-se embaraçados e insatisfeitos com as mudanças dos tempos. Por um lado, eles não pretendiam pertencer à nobreza e submeter-se aos ideais da monarquia; por outro, era insuportável render-se às generalizações que a democracia instaurava. Nesse contexto, o dandismo surge como um saber, uma orientação de como resistir, um jeito singular de colocar-se à parte. Nas palavras de Miller (1995):

É essa resistência heroica do dândi à prosa do mundo moderno, a seu desencantamento, que levou à celebração do dândi na primeira metade do século XIX como uma forma de sabedoria moderna (p. 187 – tradução nossa)⁸¹.

Desta forma, concordamos com este psicanalista quando ele conclui que, ao considerar a operação de Brummell e seus efeitos (inclusive na literatura), Kojève não se excedeu ao chamá-lo de herói do cotidiano. Brummell foi, de fato, revolucionário ao sustentar algo da singularidade em uma conjuntura que se dispunha a um discurso universalizante.

II.4.b. O dandismo e “A Carta Roubada”

As conexões entre o dandismo e a literatura remetem-nos novamente a “A Carta Roubada”. Como vimos, Lacan (1985, 1998), ainda na década de 1950, já havia indicado naquele conto traços dândis.

Dentre os apontamentos do psicanalista, dois deles estão ligados à cena em que Dupin visita o Ministro D., quando este ainda encontra-se sob os efeitos de feminização. Nesse contexto, Lacan (1956/1998) atribui ao Ministro “a impassibilidade do dândi” (p. 44).

⁸¹ No original : « C’est cette résistance héroïque du dandy à prose du monde moderne, à son désenchantement, qui a fait célébrer le dandy dans la première moitié du XIX siècle comme une forme de sagesse moderne » (Miller, 1995, p. 187).

Característica que nos remete imediatamente a uma das regras destacadas por Baudelaire⁸² (2009) na doutrina do dandismo: unilateralizar o efeito de surpresa. Segundo essa máxima, o dândi pretende sempre impressionar sua audiência, mas, de seu lado, deve manter-se inabalável.

É ainda no escopo deste episódio que se passa no gabinete do Ministro D. que Lacan (1955/1985) faz uma outra alusão ao dandismo: ele compara o impassível personagem de Poe aos personagens românticos de Henri-Marie Beyle, mais conhecido como Stendhal⁸³. Tal como os personagens desse escritor, diante de Dupin, o Ministro D. cuida de sua aparência: exhibe-se lânguido, entediado. Vale recuperar as palavras de Lacan (1955/1985):

O ministro dá mostras de uma bela indolência... a audácia terrível do personagem romântico, capaz de tudo, para o qual o termo sangue-frio, veja isso em Stendhal, parece ter sido inventado. Ei-lo deitado, entediado, que sonha – *Nada é suficiente, numa época decadente, para ocupar os pensamentos de um grande espírito. O que fazer quando tudo vai por água a baixo* (p. 254).

Além de um comentário sobre a aparência do Ministro D., reconhecemos naquele trecho um dos ideais do dandismo, que fica ainda mais claro quando o lemos juntamente a Baudelaire. Com este autor, depreendemos que o “grande espírito”, na citação acima, seria um herói dândi⁸⁴. Contudo, tais excêntricas figuras teriam seus dias contados, pois o discurso democrático, que tudo iguala, jogaria “por água abaixo” toda a distinção e singularidade características de um dândi. Nas palavras do escritor:

o dandismo é o último rasgo de heroísmo nas decadências... Mas, desgraçadamente, a maré montante da democracia – que invade tudo e tudo nivela – afunda diariamente esses últimos representantes do orgulho humano (BAUDELAIRE, 2009, p. 17).

Vemos, portanto, que, quando Lacan comenta a impassibilidade do Ministro D. e cita o escritor Stendhal, ele reconhece no conto de Poe características clássicas do dandismo e de sua literatura do século XIX.

Contudo, é em um terceiro trecho que, a nosso ver, Lacan (1955/1985) explicita que leu no conto de Poe algo que remete ao gozo específico do dândi, o que nos permite mais uma vertente de leitura de “A Carta Roubada”. Novamente, trata-se de uma observação sobre o

⁸² Lembremos que Charles Baudelaire foi um grande admirador de Edgar Allan Poe, a quem rendeu os maiores elogios em “O homem e a obra”. Baudelaire inicia este texto avaliando a aparência daquele autor, e depois, de sua obra. Reconhece e enaltece em ambos a mesma característica: uma excentricidade, que dá o tom de uma combinação de bom gosto entre a estranheza e a simplicidade. Assim, Poe destaca-se por saber operar com as exceções: “Nenhum homem jamais contou com maior magia as exceções da vida humana e da natureza” (Baudelaire, 2001, p. 50 – grifo do autor). Isso, para Baudelaire, se dá porque o autor de “A Carta Roubada”, “analisa o que há de mais fugidio, sopesa o imponderável” (Baudelaire, 2001, p. 50).

⁸³ Lembremos que, como comentamos, este escritor tinha fortes ligações com a causa dândi.

⁸⁴ Trata-se da mesma ideia de heroísmo que atribuímos a Alexandre Kojève. Portanto, podemos dizer que Baudelaire antecipa o filósofo em sua tese.

feminizado Ministro D., quando este detém a carta/letra, de modo que Lacan (1985) comenta as semelhanças entre ele e François-René Chateaubriand. Avaliemos esse trecho:

... [o Ministro D.] não deixa de nos fazer pensar no Sr. Chateaubriand... Pois se lermos o verdadeiro sentido de suas *Memórias*⁸⁵, será que ele não se declara ligado à monarquia por fê jurada só para poder dizer que são uns sacanas?... Há uma maneira de defender os princípios, como se vê ao se ler Chateaubriand, que é a melhor maneira de aniquilá-los (LACAN, 1955/1985, p. 252).

Aqui, reconhecemos na forma com que Chateaubriand aniquila os princípios da monarquia uma operação similar à de Brummell com os semblantes: cuida destes com tantas minúcias que acaba por demonstrar seus limites. Da mesma forma, a relação de Chateaubriand e do Ministro D. com a realeza lembra-nos a impertinência com que Brummell afronta a aristocracia, embora mantenha-se ligado a esta. Ainda vale ressaltarmos que essa posição de D. diante da Rainha, e mesmo do Rei, não é um pormenor deste conto, mas acompanha toda sua trama. Para comprová-lo, basta lembrarmos que a história de “A Carta Roubada” inicia quando o Ministro desafia a augusta dama, ao subtrair sua missiva.

Para além de toda doutrina e atributos do dandismo, o Ministro D. parece indicar o que constitui a marca da experiência do dândi quando ele demonstra a dimensão de semblante da lei do Rei. Podemos pensar que a lei, assim como o semblante fálico, colocar-se-ia como uma lei inquestionável, divina, que subjugaria todos. Ao furtar a carta/letra, D. coloca aquela em questão, pois não só desafia a Rainha, mas é infiel ao Rei, já que não tem a menor intenção de informar-lhe da traição de sua companheira. Porém, para que seu projeto se cumpra, três pontos nos chamam a atenção. O primeiro se refere ao fato de que, embora a subversão de D. questione os semblantes monárquicos, suas intenções só funcionam no próprio campo desses princípios, em que a suposta deslealdade de uma Rainha é um crime. Isso nos leva à segunda observação: com suas ameaças, D. não rompe com a monarquia, mas acirra os laços entre eles (por exemplo, a Rainha fica sob sua influência, ou seja, permanece ligada a ele). Desta forma, mesmo que o impertinente político faça tremer os semblantes e princípios universais da monarquia em seu próprio favor, ele só pode fazê-lo levando os mesmos em consideração, por exemplo: um Rei não pode ser traído!

Por fim, o terceiro ponto. Ao deter a carta/letra e não dizer nada sobre ela, o Ministro ocupa a mesma posição ocupada antes pela Rainha. Quando esta recebe uma carta/letra supostamente de um amante ou de conspiração contra o Rei, ela é a primeira a colocar-se à parte dos princípios que sustentam uma monarquia e mesmo o matrimônio. Desta forma, a

⁸⁵ Lacan se refere ao livro *Ouvres complète de Chateaubriand: Mémoire D'outre tombe*, Libraires- Éditeurs, Paris, 1904.

Rainha demonstra que não está totalmente submetida a tais princípios, embora devesse, pois tratam-se das leis do Rei, que, teoricamente, valem para todos. Por outro lado, ela não está totalmente desconectada dessa lei, tanto que, quando o monarca entra em cena, ela se controla, não age e cala-se, tentando, assim, esconder a carta/letra. Reação que é repetida pelo Ministro e entendida por Lacan (1998) como uma feminização induzida pela detenção da carta/letra. É quando sofre tal efeito que podemos reconhecer no Ministro os traços do dandismo.

Assim, após comparar Brummell, Chateaubriand e o Ministro D., reconhecemos nestes a marca de um gozo dândi. Ou seja, nos três exemplos, a partir de uma operação com os próprios semblantes, os princípios são enfraquecidos e os semblantes estremecidos. Vimos ainda que, por indicar os limites dos semblantes, tal gozo apresenta uma dificuldade para ser apreendido, representado por palavras ou imagens. Por outro lado, a dimensão litorânea da letra permite acolher e transmitir o dandismo. Desta forma, podemos concordar com Laurent (2010) quando ele afirma que a escrita de Poe em “A Carta Roubada” nomeia um gozo dândi.

Ainda é interessante ressaltar que os comentários de Lacan (1995/1998) sobre o dandismo aparecem a propósito da feminização do Ministro D.. Assim, ao pesquisar tal hipótese de Laurent (2010), confirma-se a ideia, sustentada no início deste capítulo, de que, quando a carta/letra é tomada como um escrito, a feminização indica as relações entre gozo e letra. Ou, como situou Laurent (2010), aqueles efeitos de feminização passam a denotar um lugar de reserva, de “furo no sentido, e, ao mesmo tempo, lugar desse gozo” (Laurent, 2010, p. 70).

II.5. O silêncio, “A” mulher e as letras

Neste capítulo, investigamos o conto de Poe como um escrito. Direção definida pela proposta de Lacan (1971/2009) de uma leitura que fosse diferente da que ele havia primeiramente feito com um enfoque fálico, na medida em que esta revelou um impasse: não se pode dizer tudo sobre o gozo. Isso é ilustrado no conto quando, sob o efeito de feminização, os personagens calam-se. Assim, a nosso ver, quando Lacan (2009), a propósito de “A Carta Roubada”, interessa-se pela letra, ele pretende ler, no limite dos semblantes, seus pontos de silêncio, para que eles possam ganhar uma nova apreciação. Isso é possível, porque,

como acompanhamos, a letra como um litoral pode acolher um gozo que não é coordenado pelo semblante fálico.

Todas essas derivações do conto de Poe o tornaram ainda mais instigante para nós. E nos interrogamos se poderíamos localizar e especificar o gozo que a letra de “A Carta Roubada” bordejava. Nesse sentido, foi possível concordar com a ideia de Laurent (2010) de que o conto de Poe nomeava um gozo dândi.

Constatação que, em primeiro lugar, confirmou que o artifício da letra pode nomear um gozo que irrompe dos semblantes e que, portanto, pode estar desarticulado do falo. Este, como vimos, é um semblante que determina algo para todos, partindo de uma referência já pré-estabelecida, como uma imagem, um significante. Quanto a estes, a experiência do dândi indica um manejo subversivo: aborda-os de forma a extrair um “grau zero”, uma “arte do silêncio”. Como efeito, o dândi exhibe a própria dimensão de semblante do falo, por exhibir um gozo que questiona um semblante que vale para todos.

Em segundo lugar, ao aceitar a hipótese de que o conto nomeia o gozo dândi, isso nos faz indagar se, de alguma forma para Lacan (1971/2009), a letra de Poe transmitiu exatamente um gozo que não se articula pelos semblantes. Ou seja, ao ler em “A Carta Roubada” um gozo que faz estremecer os semblantes, será que isso não possibilitou que Lacan vislumbrasse e formalizasse um gozo que não é completamente coordenado pelo falo? Talvez isso tenha contribuído para as mudanças que acompanhamos nas noções de letra e de feminino, pois, como vimos, em ambos os casos trata-se de notar algo que indica a opacidade do gozo.

Esse ponto em comum já foi mencionado e nos leva novamente à afirmação de Lacan (1971/2009) de que “A” mulher, que não existe, é a letra como S (de A barrado). Mas quais seriam, enfim, as relações entre letra e feminino? Será que há uma indicação em Lacan de que, embora “A” mulher não possa ser dita, ela possa ser apreendida pela letra? “A” mulher pode ser escrita?

Segundo o psicanalista Roger Cassin (1997-1998), na década de 1970, quando Lacan formulou a tese da inexistência d’A mulher, houve quem a tomasse em várias vertentes de leitura. Para demonstrá-las, ele retoma algumas psicanalistas daquela época que também eram ligadas à política feminista, como Michèle Montrelay, Julia Kristeva e Luce Irigaray. Esta última, por exemplo, concorda com a ideia de Lacan de que não existe um significante para dizer “A” mulher, porque entende que a linguagem tem um regime patriarcal. Por isso, ela recusa toda a possibilidade de conceitualizar o feminino através de uma linguagem masculina. Para apreender algo sobre a mulher seria preciso sair da referência masculina da linguagem e criar uma escrita especificamente feminina. Ou seja, criar uma língua escrita que abandonasse

toda a retórica, deixasse aflorar a fluidez, as expressões de uma sensibilidade peculiar, o prazer que existe nas experiências físicas. Já para Kristeva, não se trataria de criar um novo código de linguagem, mas de dar expressão ao que é pré-linguístico. No caso de Montrelay, defende-se que a mulher tem uma relação com o significante mais direta. Ela justifica isso ao observar que, no caso dos homens, o gozo extraído do pênis criaria uma distância entre o homem e o significante. Por não ter aquele órgão masculino, o significante seria o verdadeiro órgão de gozo feminino. Cassin (1997-1998) não deixa de observar que Lacan discordava radicalmente dessas leituras. A prova disso seria que uma das motivações para a dissolução da “École Freudienne”⁸⁶ foi sua vontade de se separar das feministas de sua escola, cujos textos eram o testemunho “d’une déviation de son enseignement [de um desvio de seu ensino]” (Cassin, 1997-1998, p. 80).

Podemos pensar que essas três interpretações da teoria lacaniana sobre o feminino têm em comum o fato de que, diante do fato da inexistência de um significante para “A” mulher, elas tentam encontrar um saber específico sobre o feminino, ou encontrar um significante novo para dizer “A” mulher, ou escrevê-la. São tentativas de dar consistência ou de escrever esse gozo feminino. Ou, como afirma Cassin (1997-1998):

suas pesquisas testemunham o ressurgimento de uma tentativa de exprimir alguma coisa que seria A feminilidade, em referência a um saber que, ao mesmo tempo, ela nega... O erro das feministas no debate com a psicanálise é o de perseguir uma definição de uma feminilidade intrínseca (p. 80 – tradução nossa)⁸⁷.

Contudo, quando Lacan afirma que “A” mulher não existe, é para indicar que não se pode dizer esse gozo. Como disse o psicanalista, não existe um significante que possa articular uma palavra ou um saber sobre este gozo. Mas, se não há um significante para o feminino, poderíamos concluir que a letra pode escrever “A” mulher? Não. Concordamos com Cassin (1997-1998) quando ele esclarece que “La femme n’existe pas, cela peut se dire autrement: elle ne ‘cesse pas de ne pas s’écrire [A mulher não existe, isso pode ser dito de outra forma: ela não ‘cessa de não se escrever’]”⁸⁸ (Cassin, 1997-1998, p. 80).

Por fim, nossa investigação sobre a leitura de Lacan (2009) de “A Carta Roubada” como um escrito sugere que é exatamente isso que podemos extrair do que Lacan leu no conto

⁸⁶ A Escola Freudiana foi a instituição psicanalítica fundada por Lacan. Após tal dissolução, pouco tempo antes de sua morte, o psicanalista fundou uma nova instituição, a École de la Cause Freudienne, que se mantém até hoje.

⁸⁷ No original : « leurs recherches témoignent de la résurgence d’une tentative d’exprimer quelque chose qui serait La féminité, en référence à un savoir qu’en même temps elle dénie... L’erreur des féministes dans le débat avec la psychanalyse est d’être à la poursuite d’une définition d’une féminité intrinsèque » (Cassin, 1997-1998, p. 80).

⁸⁸ No original : « La femme n’existe pas, cela peut se dire autrement: elle ne ‘cesse pas de ne pas s’écrire’ » (Cassin, 1997-1998, p. 80).

de Poe como o silêncio dos personagens. Em todos os seus comentários sobre aquele conto que abordamos, Lacan observa que, ao portarem a carta/letra, a Rainha, o Ministro D. e Dupin silenciam-se. No primeiro capítulo, como já inferimos, isso indica os limites do dizer, os limites do falo como um semblante para abarcar todo o gozo feminino.

Contudo, neste capítulo, ao tomarmos a carta/letra como um escrito, o silêncio pôde ser entendido como a indicação de um furo inerente ao saber e como o efeito de um gozo irrepresentável. Além disso, agora podemos também pensar o silêncio como um nome para aquilo que se repete, exatamente por não encontrar palavras, representação, inscrição. Assim, ao escrever “silêncio”, nomeia-se o lugar de um gozo opaco. Desta forma, o que em termos de articulação significante se reiterava como um calar-se – e, portanto, como um déficit, uma falta de palavras – com a escrita de Lacan ganha um nome. Isso não quer dizer que foi possível escrever “A” mulher ou aquilo que do gozo feminino não pode, e não pôde, ser articulado pelos semblantes. O que foi escrito e transmitido pela letra de Lacan foi o que ele pôde ler nas impossibilidades das estruturas, fazendo, assim, com a sua letra, rasura de traço nenhum que lhe seja anterior.

Isso significa que, em psicanálise, é preciso operar não apenas com o indizível, mas também com o não inscritevel! A nosso ver, se a letra e a mulher têm alguma relação, é porque no ponto em que falta um significante que possa dizê-la, à mulher, a escrita pode dar lugar a esse ponto silencioso do gozo no artifício da letra como um litoral.

Assim, talvez por isso, Lacan tenha se interessado e se debruçado sobre o conto de Poe no *Seminário 18*, em que ele se perguntava e tentava formalizar aquilo que “não fosse dos semblantes”.

CONCLUSÃO

Os efeitos de feminização pela carta/letra foram localizados e comentados pontualmente por Lacan a propósito do conto de Edgar Allan Poe, “A Carta Roubada”. Contudo, embora aquela noção não seja recorrente em seu ensino, nossa investigação demonstrou sua contribuição para uma importante transição nas concepções de feminino e de letra.

Vimos também que Lacan não foi o único a se inspirar neste conto. Ainda sob o recorte da feminização, acompanhamos como “A Carta Roubada” instigou as produções da psicanalista Marie Bonaparte e do filósofo Jacques Derrida (esse último, pelo que parece, a partir do seu debate com aquele psicanalista). Variedade de interpretações que não deixaram de ter sua influência nas elaborações lacanianas.

Quanto a estas, a nosso ver, uma das características fundamentais que as distingue das demais é que a experiência de Lacan com a psicanálise o mantém atento a um gozo refratário a qualquer interpretação ou representação. Logo, a localização da feminização pela carta/letra no conto de Poe pode ser entendida como um exemplo desse exercício de leitura que inclui os pontos de opacidade. Pois, desde “O seminário...” (1956), tais efeitos demonstram-se impenetráveis, ainda que, nesse momento, tenham os contornos de um enigma.

Nosso percurso demonstrou que essa primeira concepção da feminização referia-se aos embaraços da psicanálise diante da noção de feminino. Esta, desde Freud (1932-33/1996), foi pensada a partir da busca ativa por fins passivos, ao priorizar-se uma interpretação pelo falo. Contudo, com a mascarada de Joan Riviere, inferimos que, embora o falo coordenasse algo do gozo da paciente em questão, não abarcava-o totalmente. Assim, um outro gozo, não interpretável, apresentava-se de maneira mortífera, causando forte angústia.

Desta forma, não é ao acaso que, vinte anos mais tarde, ao retomar os efeitos de feminização pela carta/letra em *O seminário 18*, Lacan o faz a partir de uma discussão sobre o gozo fálico. Com isso, ele pôde formalizar os impasses do falo como um semblante e denunciar um limite do dizer. O que não deixa de estar escrito em “A Carta Roubada”, pois, ao deter a carta/letra, os personagens calam-se.

Trata-se de uma dificuldade epistêmica e prática para a psicanálise: como formalizar uma experiência que é refratária às articulações do significante e aos recursos das imagens? Como conduzir um tratamento que tem como principal instrumento o dizer, se, por estrutura,

aquilo que talvez cause mais sofrimento não pode ser dito? Como teorizar aquilo que resiste a um saber coordenado por semblantes?

Diante desse desafio, Lacan (1971/2009) recorre novamente ao conto de Poe, mas com um novo enfoque: a dimensão do escrito e da letra. Depreende-se que, se a feminização faz calar, não se trata de um enigma a ser desvendado, mas, sim, de uma impossibilidade do gozo feminino em ser totalmente apreendido pelos semblantes. Com isso, o psicanalista apresenta uma nova versão para o feminino, ao observar que “a mulher,... essa que não existe, é justamente a letra – a letra como significante de que não há Outro, S (de A barrado)” (p. 102). O que corresponde ao aforismo: “A” mulher não cessa de não se escrever.

Frase que também prepara uma mudança de concepção de letra que passa a ser entendida como um litoral que pode conjugar duas matérias distintas e acolher na linguagem um gozo que irrompe dos semblantes. Logo, seu artifício permite articular e transmitir o que está para além dos semblantes.

Esta nova definição nos fez indagar se poderíamos reconhecer, em “A Carta Roubada”, o gozo que sua letra acolhia. Concordamos com a hipótese de Laurent (2010) de que se tratava de um gozo dândi. Ou seja, um gozo que, embora tenha uma relação com os semblantes, faz um uso desses completamente distinto do que faz, por exemplo, a mascarada com o falo. Por dominar a arte do silêncio, o dândi faz tremer os semblantes e, com seu gozo, vacila as generalizações do falo, evidenciando sua dimensão de semblante. Assim, onde a mascarada só pode dizer da castração, o dândi pode indicar uma impossibilidade, o ponto de silêncio nos semblantes.

Essas constatações nos levaram a uma pergunta: será que foi por ler algo deste gozo dândi na letra de Poe que Lacan pôde formalizar algo que “não fosse” do semblante, como, por exemplo, que o gozo feminino não pode ser totalmente coordenado pelo falo?

Além desta, uma outra questão pode ser formulada levando em conta nossa investigação sobre o dandismo. Por exemplo, é interessante observarmos que Miller (1995) faz uma leitura da posição do dândi em termos lacanianos com a noção de objeto *a* como “objet-cause [objeto-causa]” (p. 168). Vale lembrarmos que tal objeto é uma noção complexa no ensino de Lacan, inclusive por sofrer várias metamorfoses ao longo de seu percurso (cf. Miller, 2011a). Miller (2011a), ao apresentar um panorama dessas mudanças, comenta que inicialmente “este objeto era imaginário, luego simbólico y finalmente, real [este objeto era imaginário, logo simbólico e, finalmente, real]” (p. 141). Acrescenta ainda uma “cuarta etapa, que refere o objeto *a* al semblante [quarta etapa, que refere o objeto *a* ao semblante]” (Miller, 2011a, p. 141). Assim, poderíamos então nos perguntar se o dandismo não refere-se a esta

última. Ou seja, um semblante sustentado a partir de uma posição de objeto *a*, e, portanto, diferente da noção de falo.

Além disso, a lembrança do *a* no contexto de nosso trabalho ainda nos remete a uma outra forma de feminização indicada por Lacan, que não se refere à carta/letra. Trata-se do seu comentário, no *Seminário, livro 17, o avesso da psicanálise*, sobre o “efeito feminizante que é o *a*” (Lacan, 1970/1992, p. 152). Logo, podemos perceber que, ao inserir a noção de objeto na discussão, temos um relevante campo de pesquisa para seguir nossas investigações.

Por fim, a nosso ver, a feminização pela carta/letra, tal como recuperado no *Seminário 18*, contribuiu não só para levantarmos questões instigantes, como também nos conduziu por um importante franqueamento nas elaborações de Lacan. A partir daqueles efeitos, o psicanalista pôde ler, em um dos signos da posição feminina da Rainha, o calar-se, o signo de uma impossibilidade: o silêncio. Desta forma, além de ter lido na letra de Poe a impossibilidade para dizer e escrever “A” mulher, Lacan nomeou o silêncio, e, ao contrário dos personagens de Poe, não se calou. Ao invés disso, encontrou uma maneira de comunicar e de escrever seus achados, um estilo próprio em formalizar aquilo que resiste à representação. Assim, pudemos concluir: feminização, efeitos de transmissão.

REFERÊNCIAS

- Alemán, J. & Larriera, S. (1996). Dichos sobre un decir. In *Lacan: Heidegger*. (pp. 76-84). Buenos Aires: Ediciones del Cifrado.
- André, S. (2011). *O que quer uma mulher?* (D. D. Estrada, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Arrivé, M. (1999). O curso de lingüística geral: uma releitura. In *Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. (L. Magalhães, trad., pp. 29-114). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Baudelaire, C. (2001). O homem e a obra. In Poe, E. A. *Ficção Completa, Poesia e Ensaio*. (pp. 47-52). Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Baudelaire, C.; Balzac, H. & D'aurevilly, B. (2009). *Manual do dândi: a vida com estilo*. (T. Tadeu, trad., Org. e Notas). Belo Horizonte: Autêntica.
- Bonaparte, M. (1953). Psychoanalytic and biological hypotheses. In *Female Sexuality*. (pp. 5-13). London: Imago Publishing.
- Bonaparte, M. (1958). Le chat noir. In *Edgar Poe: sa vie-son oeuvre, étude analytique*. (Tome II, pp. 553-583). Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1933)
- Cassin, R. (1997-1998). Feminité et féminisme. In *Spicilège: les destins sexu's du sujet*. (pp. 67-86). Paris: Institute du Champ Freudien (Université de Paris VIII).
- Chateaubriand, F. (1904) *Ouvres complète de Chateaubriand: Mémoire D'outré tombe*. Paris : Libraires- Éditeurs.
- Coblance, F. (1988). *Le dandysme: obligation d'incertitude*. Paris: Presses Universitaires de France.
- David, M. (1965). *Le débat sur les écritures et l'hiéroglyphe aux XVIIe et XVIIIe siècle et l'application de la notion de déchiffrent aux écriture mortes*. Paris: S.E.V.P.E.N.
- Derrida, J. (1995). Freud e a cena da escritura In *Escritura e a Diferença*. (M. B. M. Nizza da Silva, trad.). São Paulo: Perspectiva.

- Derrida, J. (2007). O carteiro da verdade. In *O cartão postal: de Sócrates a Freud e além*. (S. Perelson & A. V. Lessa, trad., pp. 457-542). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Freud, S. (1996). Totem e Tabu. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. (J. Salomão, trad., Vol. 13, pp. 13-163). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1996). Para além do princípio do prazer. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. (J. Salomão, trad., Vol. 22, pp. 17-75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996). A organização genital infantil. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. (J. Salomão, trad., Vol. XIX, pp. 155-161). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996). A questão da análise leiga. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. (J. Salomão, trad., Vol. 20, pp. 179-251). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1996). Feminilidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. (J. Salomão, trad., Vol. 22, pp. 113-134). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932-33)
- Freud, S. (1996). Prefácio a “A vida e as obras de Edgar Allan Poe: uma interpretação psicanalítica”, de Marie Bonaparte. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. (J. Salomão, trad., Vol. 22, p. 252). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Fuentes, M. (2012). A mulher não existe, mas pode ser nomeada. In *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*. (pp. 125-130). Belo Horizonte: Scriptum.
- Houaiss, A. & Villar, M. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kojève, A. (1984). *Le dernier monde nouveau Françoise Sagan*. Recuperado em 15 de outubro de 2013, de <https://www.yumpu.com/fr/document/view/17135988/a-kojeve-le-dernier-monde-nouveau-association-freudienne-de->.

- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. (M. C. Lasnik, trad., pp. 221-240). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1954-55)
- Lacan, J. (1985). A Excomunhão. In *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (M. D. Magno, trad., pp. 9-23). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1964)
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1972-73)
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. (A. Roitman, trad., pp. 142-155). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1969-70)
- Lacan, J. (1998). Abertura desta coletânea. In *Escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 9-11). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1966)
- Lacan, J. (1998). O seminário sobre “A carta roubada”. In *Escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 11-45). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1956)
- Lacan, J. (1998). A instância da letra e sua razão desde Freud. In *Escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 496-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1957)
- Lacan, J. (1998). A significação do falo. In *Escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 692-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1958)
- Lacan, J. (1999). A menina e o falo. In *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. (V. Ribeiro, trad., pp. 280-298). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1958)
- Lacan, J. (2003). Lituraterra. In *Outros Escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 15-25). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse do semblante*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1971)
- Lacoue-Labarthe, P. e Nancy, J.-L. (1991). *O Título da letra: uma leitura de Lacan*. (S. J. de Almeida, trad.). São Paulo: Escuta. (Trabalho original proferido em 1972)

- Laurent, E. (2010) A carta roubada e o vôo sobre a Letra. *Correio* (65), 61-93. (V. Ribeiro, trad.). São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.
- Laurent, E. (2013). Entrevista concedida à “Otra trama”. Recuperado em 19 de dezembro de 2011, de <http://www.youtube.com/watch?v=kUieOUBuHlk>
- Mandil, R. (2003). *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Contra Capa.
- Mendes, O. (2001). Prefácio – Influência de Poe no estrangeiro. In Poe, E. A. *Ficção Completa, Poesia e Ensaio*. (pp. 53-58). Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Miller, J.-A. (1988). Remarques e questions. In *Lacan et la chose japonaise*. (pp. 95-107). Paris: Navarin.
- Miller, J.-A. (1995). Bonjour sagesse. In *Barca poésie, politique, psychanalyse*. (4) (pp. 173-193). Paris.
- Miller, J.-A. (2001). *Elementos de biologia lacaniana*. (Y. Vilela, trad.). Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise-MG. (Trabalho original publicado em 1999)
- Miller, J.-A. (2010). A salvação pelos dejetos. In *Correio* (67). (pp. 19-26). São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.
- Miller, J.-A. (2011a) *La natureza dos semblantes*. (N. A. González, trad.). Buenos Aires: Paidós.
- Miller, J.-A. (2011b) *Vida de Lacan*. (V. Ribeiro, trad.). São Paulo: Litteraterra.
- Miller, J.-A. (2012). Mulheres e semblantes. In *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. (H. Caldas; A. Murta & C. Murta, Orgs., pp. 49-90). Belo Horizonte: Scriptum.
- Milner, J.-C. (1985). Retour a la lettre vollé. In *Detectins Fictives*. (pp. 9-44). Paris: Seuil.
- Milner, J.-C. (1996). O segundo classicismo lacaniano. In *A obra clara*. (P. Abreu, trad., pp. 95-118). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Poe, E. (2001) *Ficção Completa, Poesia e Ensaio* (O. Mendes, Org., trad.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Poe, E. A. (2003). The Purloined Letter. In *Tales of Mystery and Imagination*. (pp. 220-244). London: RW Publishing Limited.
- Quinet, A. (2011). Psicose: uma estrutura clínica. In *Teoria e clínica da psicose*. (pp. 3-28). Rio de Janeiro: Forence Universitária.
- Rabnovich, D. (2005). *A significação do falo: uma leitura*. (A. L. Lopes, trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Riviere, J. (2005). A feminilidade como máscara. *Psychê*, ano IX (16), pp. 13-24. (A. C. Carvalho & E. Carvalho, trans.). São Paulo: Unimarco. (Trabalho original publicado em 1929)
- Redyson, D. (2007). Sobre o conceito de verdade em Martin Heidegger. *Studia Diversa*, 1 (1), 6-22. CCAE-UFPB.
- Stevens, A. (2008). Clinique de la lettre. *Quarto, Revue de psychanalyse*. (92), 6-9. Bruxelles: École de la cause freudienne en Belgique.
- Staton, S. F. (1987). Edgar Allan Poe's "The Purloined letter". In *Literary theories in praxis*. (pp. 42-52). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Todorov, T. (1939) Introdução à literatura fantástica. (M. C. C. Castello, trad.). São Paulo: Perspectiva.
- Vieira, M. (1998). *Poe, Lacan e Derrida: O destino da Letra*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ANEXO

THE PURLOINED LETTER⁸⁹

Edgar Allan Poe

Nil sapientiae odiosius acumine nimio Seneca.

At Paris, just after dark one gusty evening in the autumn of 18--, I was enjoying the twofold luxury of meditation and a meerschaum, in company with my friend C. Auguste Dupin, in his little back library, or book-closet, au troisieme, No. 33, Rue Dunot, Faubourg St. Germain. For one hour at least we had maintained a profound silence; while each, to any casual observer, might have seemed intently and exclusively occupied with the curling eddies of smoke that oppressed the atmosphere of the chamber. For myself, however, I was mentally discussing certain topics which had formed matter for conversation between us at an earlier period of the evening; I mean the affair of the Rue Morgue, and the mystery attending the murder of Marie Roget. I looked upon it, therefore, as something of a coincidence, when the door of our apartment was thrown open and admitted our old acquaintance, Monsieur G--, the Prefect of the Parisian police.

We gave him a hearty welcome; for there was nearly half as much of the entertaining as of the contemptible about the man, and we had not seen him for several years. We had been sitting in the dark, and Dupin now arose for the purpose of lighting a lamp, but sat down again, without doing so, upon G.'s saying that he had called to consult us, or rather to ask the opinion of my friend, about some official business which had occasioned a great deal of trouble.

"If it is any point requiring reflection," observed Dupin, as he forbore to enkindle the wick, "we shall examine it to better purpose in the dark."

"That is another of your odd notions," said the Prefect, who had a fashion of calling every thing "odd" that was beyond his comprehension, and thus lived amid an absolute legion of "oddities."

⁸⁹ Poe, E. A. (2003) "The PulnoinedLetter" In: *Tales of Mystery and Imagination*, London: CRW Publishing Limited.

"Very true," said Dupin, as he supplied his visitor with a pipe, and rolled towards him a comfortable chair.

"And what is the difficulty now?" I asked. "Nothing more in the assassination way, I hope?"

"Oh no; nothing of that nature. The fact is, the business is *very* simple indeed, and I make no doubt that we can manage it sufficiently well ourselves; but then I thought Dupin would like to hear the details of it, because it is so excessively *odd*."

"Simple and odd," said Dupin.

"Why, yes; and not exactly that, either. The fact is, we have all been a good deal puzzled because the affair is so simple, and yet baffles us altogether."

"Perhaps it is the very simplicity of the thing which puts you at fault," said my friend.

"What nonsense you *do* talk!" replied the Prefect, laughing heartily.

"Perhaps the mystery is a little *too* plain," said Dupin.

"Oh, good heavens! who ever heard of such an idea?"

"A little *too* self-evident."

"Ha! ha! ha! --ha! ha! ha! --ho! ho! ho!" --roared our visitor, profoundly amused, "oh, Dupin, you will be the death of me yet!"

"And what, after all, is the matter on hand?" I asked.

"Why, I will tell you," replied the Prefect, as he gave a long, steady, and contemplative puff, and settled himself in his chair. "I will tell you in a few words; but, before I begin, let me caution you that this is an affair demanding the greatest secrecy, and that I should most probably lose the position I now hold, were it known that I confided it to anyone.

"Proceed," said I.

"Or not," said Dupin.

"Well, then; I have received personal information, from a very high quarter, that a certain document of the last importance, has been purloined from the royal apartments. The individual who purloined it is known; this beyond a doubt; he was seen to take it. It is known, also, that it still remains in his possession."

"How is this known?" asked Dupin.

"It is clearly inferred," replied the Prefect, "from the nature of the document, and from the nonappearance of certain results which would at once arise from its passing *out* of the robber's possession; --that is to say, from his employing it as he must design in the end to employ it."

"Be a little more explicit," I said.

"Well, I may venture so far as to say that the paper gives its holder a certain power in a certain quarter where such power is immensely valuable." The Prefect was fond of the cant of diplomacy.

"Still I do not quite understand," said Dupin.

"No? Well; the disclosure of the document to a third person, who shall be nameless, would bring in question the honor of a personage of most exalted station; and this fact gives the holder of the document an ascendancy over the illustrious personage whose honor and peace are so jeopardized."

"But this ascendancy," I interposed, "would depend upon the robber's knowledge of the loser's knowledge of the robber. Who would dare--"

"The thief," said G., is the Minister D--, who dares all things, those unbecoming as well as those becoming a man. The method of the theft was not less ingenious than bold. The document in question --a letter, to be frank --had been received by the personage robbed while alone in the royal *boudoir*. During its perusal she was suddenly interrupted by the entrance of the other exalted personage from whom especially it was her wish to conceal it. After a hurried and vain endeavor to thrust it in a drawer, she was forced to place it, open as it was, upon a table. The address, however, was uppermost, and, the contents thus unexposed, the letter escaped notice. At this juncture enters the Minister D--. His lynx eye immediately perceives the paper, recognises the handwriting of the address, observes the confusion of the personage addressed, and fathoms her secret. After some business transactions, hurried through in his ordinary manner, he produces a letter somewhat similar to the one in question, opens it, pretends to read it, and then places it in close juxtaposition to the other. Again he converses, for some fifteen minutes, upon the public affairs. At length, in taking leave, he takes also from the table the letter to which he had no claim. Its rightful owner saw, but, of course, dared not call attention to the act, in the presence of the third personage who stood at her elbow. The minister decamped; leaving his own letter --one of no importance --upon the table."

"Here, then," said Dupin to me, "you have precisely what you demand to make the ascendancy complete --the robber's knowledge of the loser's knowledge of the robber."

"Yes," replied the Prefect; "and the power thus attained has, for some months past, been wielded, for political purposes, to a very dangerous extent. The personage robbed is more thoroughly convinced, every day, of the necessity of reclaiming her letter. But this, of

course, cannot be done openly. In fine, driven to despair, she has committed the matter to me."

"Than whom," said Dupin, amid a perfect whirlwind of smoke, "no more sagacious agent could, I suppose, be desired, or even imagined."

"You flatter me," replied the Prefect; "but it is possible that some such opinion may have been entertained."

"It is clear," said I, "as you observe, that the letter is still in possession of the minister; since it is this possession, and not any employment of the letter, which bestows the power. With the employment the power departs."

"True," said G. "and upon this conviction I proceeded. My first care was to make thorough search of the minister's hotel; and here my chief embarrassment lay in the necessity of searching without his knowledge. Beyond all things, I have been warned of the danger which would result from giving him reason to suspect our design."

"But," said I, "you are quite au fait in these investigations. The Parisian police have done this thing often before."

"Oh yes; and for this reason I did not despair. The habits of the minister gave me, too, a great advantage. He is frequently absent from home all night. His servants are by no means numerous. They sleep at a distance from their master's apartment, and, being chiefly Neapolitans, are readily made drunk. I have keys, as you know, with which I can open any chamber or cabinet in Paris. For three months a night has not passed, during the greater part of which I have not been engaged, personally, in ransacking the D-- Hotel. My honor is interested, and, to mention a great secret, the reward is enormous. So I did not abandon the search until I had become fully satisfied that the thief is a more astute man than myself. I fancy that I have investigated every nook and corner of the premises in which it is possible that the paper can be concealed."

"But is it not possible," I suggested, "that although the letter may be in possession of the minister, as it unquestionably is, he may have concealed it elsewhere than upon his own premises?"

"This is barely possible," said Dupin. "The present peculiar condition of affairs at court, and especially of those intrigues in which D-- is known to be involved, would render the instant availability of the document --its susceptibility of being produced at a moment's notice --a point of nearly equal importance with its possession."

"Its susceptibility of being produced?" said I.

"That is to say, of being *destroyed*," said Dupin.

"True," I observed; "the paper is clearly then upon the premises. As for its being upon the person of the minister, we may consider that as out of the question."

"Entirely," said the Prefect. "He has been twice waylaid, as if by footpads, and his person rigorously searched under my own inspection.

"You might have spared yourself this trouble," said Dupin. "D--, I presume, is not altogether a fool, and, if not, must have anticipated these waylayings, as a matter of course."

"Not *altogether* a fool," said G., "but then he's a poet, which I take to be only one remove from a fool."

"True," said Dupin, after a long and thoughtful whiff from his meerschaum, "although I have been guilty of certain doggerel myself."

"Suppose you detail," said I, "the particulars of your search."

"Why the fact is, we took our time, and we searched *everywhere*. I have had long experience in these affairs. I took the entire building, room by room; devoting the nights of a whole week to each. We examined, first, the furniture of each apartment. We opened every possible drawer; and I presume you know that, to a properly trained police agent, such a thing as a secret drawer is impossible. Any man is a dolt who permits a 'secret' drawer to escape him in a search of this kind. The thing is so plain. There is a certain amount of bulk --of space --to be accounted for in every cabinet. Then we have accurate rules. The fiftieth part of a line could not escape us. After the cabinets we took the chairs. The cushions we probed with the fine long needles you have seen me employ. From the tables we removed the tops."

"Why so?"

"Sometimes the top of a table, or other similarly arranged piece of furniture, is removed by the person wishing to conceal an article; then the leg is excavated, the article deposited within the cavity, and the top replaced. The bottoms and tops of bedposts are employed in the same way."

"But could not the cavity be detected by sounding?" I asked.

"By no means, if, when the article is deposited, a sufficient wadding of cotton be placed around it. Besides, in our case, we were obliged to proceed without noise."

"But you could not have removed --you could not have taken to pieces *all* articles of furniture in which it would have been possible to make a deposit in the manner you mention. A letter may be compressed into a thin spiral roll, not differing much in shape or bulk from a

large knitting-needle, and in this form it might be inserted into the rung of a chair, for example. You did not take to pieces all the chairs?"

"Certainly not; but we did better --we examined the rungs of every chair in the hotel, and, indeed, the jointings of every description of furniture, by the aid of a most powerful microscope. Had there been any traces of recent disturbance we should not have failed to detect it instantly. A single grain of gimlet-dust, for example, would have been as obvious as an apple. Any disorder in the glueing --any unusual gaping in the joints --would have sufficed to insure detection."

"I presume you looked to the mirrors, between the boards and the plates, and you probed the beds and the bed-clothes, as well as the curtains and carpets."

"That of course; and when we had absolutely completed every particle of the furniture in this way, then we examined the house itself. We divided its entire surface into compartments, which we numbered, so that none might be missed; then we scrutinized each individual square inch throughout the premises, including the two houses immediately adjoining, with the microscope, as before."

"The two houses adjoining!" I exclaimed; "you must have had a great deal of trouble."

"We had; but the reward offered is prodigious.

"You include the grounds about the houses?"

"All the grounds are paved with brick. They gave us comparatively little trouble. We examined the moss between the bricks, and found it undisturbed."

"You looked among D--'s papers, of course, and into the books of the library?"

"Certainly; we opened every package and parcel; we not only opened every book, but we turned over every leaf in each volume, not contenting ourselves with a mere shake, according to the fashion of some of our police officers. We also measured the thickness of every book-cover, with the most accurate admeasurement, and applied to each the most jealous scrutiny of the microscope. Had any of the bindings been recently meddled with, it would have been utterly impossible that the fact should have escaped observation. Some five or six volumes, just from the hands of the binder, we carefully probed, longitudinally, with the needles."

"You explored the floors beneath the carpets?"

"Beyond doubt. We removed every carpet, and examined the boards with the microscope."

"And the paper on the walls?"

"Yes.

"You looked into the cellars?"

"We did."

"Then," I said, "you have been making a miscalculation, and the letter is *not* upon the premises, as you suppose.

"I fear you are right there," said the Prefect. "And now, Dupin, what would you advise me to do?"

"To make a thorough re-search of the premises."

"That is absolutely needless," replied G--. "I am not more sure that I breathe than I am that the letter is not at the Hotel."

"I have no better advice to give you," said Dupin. "You have, of course, an accurate description of the letter?"

"Oh yes!" --And here the Prefect, producing a memorandum-book, proceeded to read aloud a minute account of the internal, and especially of the external appearance of the missing document. Soon after finishing the perusal of this description, he took his departure, more entirely depressed in spirits than I had ever known the good gentleman before.

In about a month afterwards he paid us another visit, and found us occupied very nearly as before. He took a pipe and a chair and entered into some ordinary conversation.

At length I said,--"Well, but G--, what of the purloined letter? I presume you have at last made up your mind that there is no such thing as overreaching the minister?"

"Confound him, say I --yes; I made the reexamination, however, as Dupin suggested --but it was all labor lost, as I knew it would be."

"How much was the reward offered, did you say?" asked Dupin.

"Why, a very great deal --a *very* liberal reward --I don't like to say how much, precisely; but one thing I *will* say, that I wouldn't mind giving my individual check for fifty thousand francs to any one who could obtain me that letter. The fact is, it is becoming of more and more importance every day; and the reward has been lately doubled. If it were trebled, however, I could do no more than I have done."

"Why, yes," said Dupin, drawlingly, between the whiffs of his meerschaum, "I really -think, G--, you have not exerted yourself--to the utmost in this matter. You might --do a little more, I think, eh?"

"How? --In what way?"

"Why --puff, puff --you might --puff, puff --employ counsel in the matter, eh? --puff, puff, puff. Do you remember the story they tell of Abernethy?"

"No; hang Abernethy!"

"To be sure! hang him and welcome. But, once upon a time, a certain rich miser conceived the design of spunging upon this Abernethy for a medical opinion. Getting up, for this purpose, an ordinary conversation in a private company, he insinuated his case to the physician, as that of an imaginary individual.

"We will suppose", said the miser, "that his symptoms are such and such; now, doctor, what would *you* have directed him to take?"

"Take!" said Abernethy, 'why, take *advice*, to be sure.'

"But," said the Prefect, a little discomposed, "I am *perfectly* willing to take advice, and to pay for it. I would *really* give fifty thousand francs to any one who would aid me in the matter."

"In that case," replied Dupin, opening a drawer, and producing a check-book, "you may as well fill me up a check for the amount mentioned. When you have signed it, I will hand you the letter."

I was astounded. The Prefect appeared absolutely thunderstricken. For some minutes he remained speechless and motionless, less, looking incredulously at my friend with open mouth, and eyes that seemed starting from their sockets; then, apparently in some measure, he seized a pen, and after several pauses and vacant stares, finally filled up and signed a check for fifty thousand francs, and handed it across the table to Dupin. The latter examined it carefully and deposited it in his pocket-book; then, unlocking an *escritoire*, took thence a letter and gave it to the Prefect. This functionary grasped it in a perfect agony of joy, opened it with a trembling hand, cast a rapid glance at its contents, and then, scrambling and struggling to the door, rushed at length unceremoniously from the room and from the house, without having uttered a syllable since Dupin had requested him to fill up the cheque.

When he had gone, my friend entered into some explanations.

"The Parisian police," he said, "are exceedingly able in their way. They are persevering, ingenious, cunning, and thoroughly versed in the knowledge which their duties seem chiefly to demand. Thus, when G-- detailed to us his mode of searching the premises at the Hotel D--, I felt entire confidence in his having made a satisfactory investigation --so far as his labors extended."

"So far as his labors extended?" said I.

"Yes," said Dupin. "The measures adopted were not only the best of their kind, but carried out to absolute perfection. Had the letter been deposited within the range of their search, these fellows would, beyond a question, have found it."

I merely laughed --but he seemed quite serious in all that he said.

"The measures, then," he continued, "were good in their kind, and well executed; their defect lay in their being inapplicable to the case, and to the man. A certain set of highly ingenious resources are, with the Prefect, a sort of Procrustean bed, to which he forcibly adapts his designs. But he perpetually errs by being too deep or too shallow, for the matter in hand; and many a schoolboy is a better reasoner than he. I knew one about eight years of age, whose success at guessing in the game of 'even and odd' attracted universal admiration. This game is simple, and is played with marbles. One player holds in his hand a number of these toys, and demands of another whether that number is even or odd. If the guess is right, the guesser wins one; if wrong, he loses one. The boy to whom I allude won all the marbles of the school. Of course he had some principle of guessing; and this lay in mere observation and admeasurement of the astuteness of his opponents. For example, an arrant simpleton is his opponent, and, holding up his closed hand, asks, 'are they even or odd?' Our schoolboy replies, 'odd,' and loses; but upon the second trial he wins, for he then says to himself, the simpleton had them even upon the first trial, and his amount of cunning is just sufficient to make him have them odd upon the second; I will therefore guess odd'; --he guesses odd, and wins. Now, with a simpleton a degree above the first, he would have reasoned thus: 'This fellow finds that in the first instance I guessed odd, and, in the second, he will propose to himself upon the first impulse, a simple variation from even to odd, as did the first simpleton; but then a second thought will suggest that this is too simple a variation, and finally he will decide upon putting it even as before. I will therefore guess even' guesses even, and wins. Now this mode of reasoning in the schoolboy, whom his fellows termed "lucky," --what, in its last analysis, is it?"

"It is merely," I said, "an identification of the reasoner's intellect with that of his opponent."

"It is," said Dupin;" and, upon inquiring of the boy by what means he effected the thorough identification in which his success consisted, I received answer as follows: 'When I wish to find out how wise, or how stupid, or how good, or how wicked is any one, or what are his thoughts at the moment, I fashion the expression of my face, as accurately as possible, in accordance with the expression of his, and then wait to see what thoughts or sentiments arise in my mind or heart, as if to match or correspond with the expression.' This response of the

schoolboy lies at the bottom of all the spurious profundity which has been attributed to Rochefoucauld, to La Bougive, to Machiavelli, and to Campanella."

"And the identification," I said, "of the reasoner's intellect with that of his opponent, depends, if I understand you aright upon the accuracy with which the opponent's intellect is admeasured."

"For its practical value it depends upon this," replied Dupin; and the Prefect and his cohort fall so frequently, first, by default of this identification, and, secondly, by ill-admeasurement, or rather through non-admeasurement, of the intellect with which they are engaged. They consider only their *own* ideas of ingenuity; and, in searching for anything hidden, advert only to the modes in which *they* would have hidden it. They are right in this much --that their own ingenuity is a faithful representative of that of *the mass*; but when the cunning of the individual felon is diverse in character from their own, the felon foils them, of course. This always happens when it is above their own, and very usually when it is below. They have no variation of principle in their investigations; at best, when urged by some unusual emergency --by some extraordinary reward --they extend or exaggerate their old modes of practice, without touching their principles. What, for example, in this case of D--, has been done to vary the principle of action? What is all this boring, and probing, and sounding, and scrutinizing with the microscope, and dividing the surface of the building into registered square inches --what is it all but an exaggeration of *the application* of the one principle or set of principles of search, which are based upon the one set of notions regarding human ingenuity, to which the Prefect, in the long routine of his duty, has been accustomed? Do you not see he has taken it for granted that all men proceed to conceal a letter, --not exactly in a gimlet-hole bored in a chair-leg --but, at least, in some hole or corner suggested by the same tenor of thought which would urge a man to secrete a letter in a gimlet-hole bored in a chair-leg? And do you not see also, that such recherches nooks for concealment are adapted only for ordinary occasions, and would be adopted only by ordinary intellects; for, in all cases of concealment, a disposal of the article concealed --a disposal of it in this recherche manner, --is, in the very first instance, presumable and presumed; and thus its discovery depends, not at all upon the acumen, but altogether upon the mere care, patience, and determination of the seekers; and where the case is of importance --or, what amounts to the same thing in the policial eyes, when the reward is of magnitude, --the qualities in question have never been known to fail. You will now understand what I meant in suggesting that, had the purloined letter been hidden anywhere within the limits of the Prefect's examination --in other words, had the principle of its concealment been comprehended within the principles of

the Prefect --its discovery would have been a matter altogether beyond question. This functionary, however, has been thoroughly mystified; and the remote source of his defeat lies in the supposition that the Minister is a fool, because he has acquired renown as a poet. All fools are poets; this the Prefect feels; and he is merely guilty of a *non distributio medii* in thence inferring that all poets are fools."

"But is this really the poet?" I asked. "There are two brothers, I know; and both have attained reputation in letters. The Minister I believe has written learnedly on the Differential Calculus. He is a mathematician, and no poet."

"You are mistaken; I know him well; he is both. As poet *and* mathematician, he would reason well; as mere mathematician, he could not have reasoned at all, and thus would have been at the mercy of the Prefect."

"You surprise me," I said, "by these opinions, which have been contradicted by the voice of the world. You do not mean to set at naught the well-digested idea of centuries. The mathematical reason has long been regarded as the reason *par excellence*."

"*Il y a à parièr,*" replied Dupin, quoting from Chamfort, "*'que toute idee publique, toute convention reçue, est une sottise, car elle a convenu au plus grand nombre.'* The mathematicians, I grant you, have done their best to promulgate the popular error to which you allude, and which is none the less an error for its promulgation as truth. With an art worthy a better cause, for example, they have insinuated the term 'analysis' into application to algebra. The French are the originators of this particular deception; but if a term is of any importance --if words derive any value from applicability --then 'analysis' conveys 'algebra' about as much as, in Latin, '*ambitus*' implies 'ambition,' '*religio*' religion or '*homines honesti*,' a set of honorable men."

"You have a quarrel on hand, I see," said I, "with some of the algebraists of Paris; but proceed."

"I dispute the availability, and thus the value, of that reason which is cultivated in any especial form other than the abstractly logical. I dispute, in particular, the reason educed by mathematical study. The mathematics are the science of form and quantity; mathematical reasoning is merely logic applied to observation upon form and quantity. The great error lies in supposing that even the truths of what is called pure algebra, are abstract or general truths. And this error is so egregious that I am confounded at the universality with which it has been received. Mathematical axioms are not axioms of general truth. What is true of relation --of form and quantity --is often grossly false in regard to morals, for example. In this latter

science it is very usually untrue that the aggregated parts are equal to the whole. In chemistry also the axiom falls. In the consideration of motive it falls; for two motives, each of a given value, have not, necessarily, a value when united, equal to the sum of their values apart. There are numerous other mathematical truths which are only truths within the limits of relation. But the mathematician argues, from his finite truths, through habit, as if they were of an absolutely general applicability --as the world indeed imagines them to be. Bryant, in his very learned 'Mythology,' mentions an analogous source of error, when he says that 'although the Pagan fables are not believed, yet we forget ourselves continually, and make inferences from them as existing realities.' With the algebraists, however, who are Pagans themselves, the 'Pagan fables' are believed, and the inferences are made, not so much through lapse of memory, as through an unaccountable addling of the brains. In short, I never yet encountered the mere mathematician who could be trusted out of equal roots, or one who did not clandestinely hold it as a point of his faith that $x^2 + px$ was absolutely and unconditionally equal to q . Say to one of these gentlemen, by way of experiment, if you please, that you believe occasions may occur where $x^2 + px$ is not altogether equal to q , and, having made him understand what you mean, get out of his reach as speedily as convenient, for, beyond doubt, he will endeavor to knock you down.

I mean to say," continued Dupin, while I merely laughed at his last observations, "that if the Minister had been no more than a mathematician, the Prefect would have been under no necessity of giving me this check. I knew him, however, as both mathematician and poet, and my measures were adapted to his capacity, with reference to the circumstances by which he was surrounded. I knew him as a courtier, too, and as a bold *intrigant*. Such a man, I considered, could not fail to be aware of the ordinary policial modes of action. He could not have failed to anticipate --and events have proved that he did not fail to anticipate --the waylayings to which he was subjected. He must have foreseen, I reflected, the secret investigations of his premises. His frequent absences from home at night, which were hailed by the Prefect as certain aids to his success, I regarded only as ruses, to afford opportunity for thorough search to the police, and thus the sooner to impress them with the conviction to which G--, in fact, did finally arrive --the conviction that the letter was not upon the premises. I felt, also, that the whole train of thought, which I was at some pains in detailing to you just now, concerning the invariable principle of policial action in searches for articles concealed -- I felt that this whole train of thought would necessarily pass through the mind of the Minister. It would imperatively lead him to despise all the ordinary nooks of concealment. He could not, I reflected, be so weak as not to see that the most intricate and remote recess of his hotel

would be as open as his commonest closets to the eyes, to the probes, to the gimlets, and to the microscopes of the Prefect. I saw, in fine, that he would be driven, as a matter of course, to simplicity, if not deliberately induced to it as a matter of choice. You will remember, perhaps, how desperately the Prefect laughed when I suggested, upon our first interview, that it was just possible this mystery troubled him so much on account of its being so very self-evident."

"Yes," said I, "I remember his merriment well. I really thought he would have fallen into convulsions."

"The material world," continued Dupin, "abounds with very strict analogies to the immaterial; and thus some color of truth has been given to the rhetorical dogma, that metaphor, or simile, may be made to strengthen an argument, as well as to embellish a description. The principle of the *vis inertiae*, for example, seems to be identical in physics and metaphysics. It is not more true in the former, that a large body is with more difficulty set in motion than a smaller one, and that its subsequent momentum is commensurate with this difficulty, than it is, in the latter, that intellects of the vaster capacity, while more forcible, more constant, and more eventful in their movements than those of inferior grade, are yet the less readily moved, and more embarrassed and full of hesitation in the first few steps of their progress. Again: have you ever noticed which of the street signs, over the shop doors, are the most attractive of attention?"

"I have never given the matter a thought," I said.

"There is a game of puzzles," he resumed, "which is played upon a map. One party playing requires another to find a given word --the name of town, river, state or empire --any word, in short, upon the motley and perplexed surface of the chart. A novice in the game generally seeks to embarrass his opponents by giving them the most minutely lettered names; but the adept selects such words as stretch, in large characters, from one end of the chart to the other. These, like the over-largely lettered signs and placards of the street, escape observation by dint of being excessively obvious; and here the physical oversight is precisely analogous with the moral inapprehension by which the intellect suffers to pass unnoticed those considerations which are too obtrusively and too palpably self-evident. But this is a point, it appears, somewhat above or beneath the understanding of the Prefect. He never once thought it probable, or possible, that the Minister had deposited the letter immediately beneath the nose of the whole world, by way of best preventing any portion of that world from perceiving it.

"But the more I reflected upon the daring, dashing, and discriminating ingenuity of D--; upon the fact that the document must always have been *at hand*, if he intended to use it to good purpose; and upon the decisive evidence, obtained by the Prefect, that it was not hidden within the limits of that dignitary's ordinary search --the more satisfied I became that, to conceal this letter, the Minister had resorted to the comprehensive and sagacious expedient of not attempting to conceal it at all.

"Full of these ideas, I prepared myself with a pair of green spectacles, and called one fine morning, quite by accident, at the Ministerial hotel. I found D-- at home, yawning, lounging, and dawdling, as usual, and pretending to be in the last extremity of *ennui*. He is, perhaps, the most really energetic human being now alive --but that is only when nobody sees him.

"To be even with him, I complained of my weak eyes, and lamented the necessity of the spectacles, under cover of which I cautiously and thoroughly surveyed the apartment, while seemingly intent only upon the conversation of my host.

"I paid special attention to a large writing-table near which he sat, and upon which lay confusedly, some miscellaneous letters and other papers, with one or two musical instruments and a few books. Here, however, after a long and very deliberate scrutiny, I saw nothing to excite particular suspicion.

"At length my eyes, in going the circuit of the room, fell upon a trumpery filigree card-rack of pasteboard, that hung dangling by a dirty blue ribbon, from a little brass knob just beneath the middle of the mantelpiece. In this rack, which had three or four compartments, were five or six visiting cards and a solitary letter. This last was much soiled and crumpled. It was torn nearly in two, across the middle --as if a design, in the first instance, to tear it entirely up as worthless, had been altered, or stayed, in the second. It had a large black seal, bearing the D-- cipher *very* conspicuously, and was addressed, in a diminutive female hand, to D--, the minister, himself. It was thrust carelessly, and even, as it seemed, contemptuously, into one of the upper divisions of the rack.

"No sooner had I glanced at this letter, than I concluded it to be that of which I was in search. To be sure, it was, to all appearance, radically different from the one of which the Prefect had read us so minute a description. Here the seal was large and black, with the D-- cipher; there it was small and red, with the ducal arms of the S-- family. Here, the address, to the Minister, was diminutive and feminine; there the superscription, to a certain royal personage, was markedly bold and decided; the size alone formed a point of correspondence. But, then, the *radicalness* of these differences, which was excessive; the dirt; the soiled and

torn condition of the paper, so inconsistent with the *true* methodical habits of D--, and so suggestive of a design to delude the beholder into an idea of the worthlessness of the document; these things, together with the hyperobtrusive situation of this document, full in the view of every visitor, and thus exactly in accordance with the conclusions to which I had previously arrived; these things, I say, were strongly corroborative of suspicion, in one who came with the intention to suspect.

"I protracted my visit as long as possible, and, while I maintained a most animated discussion with the Minister, on a topic which I knew well had never failed to interest and excite him, I kept my attention really riveted upon the letter. In this examination, I committed to memory its external appearance and arrangement in the rack; and also fell, at length, upon a discovery which set at rest whatever trivial doubt I might have entertained. In scrutinizing the edges of the paper, I observed them to be more chafed than seemed necessary. They presented the broken appearance which is manifested when a stiff paper, having been once folded and pressed with a folder, is refolded in a reversed direction, in the same creases or edges which had formed the original fold. This discovery was sufficient. It was clear to me that the letter had been turned, as a glove, inside out, re-directed, and re-sealed. I bade the Minister good morning, and took my departure at once, leaving a gold snuff-box upon the table.

"The next morning I called for the snuff-box, when we resumed, quite eagerly, the conversation of the preceding day. While thus engaged, however, a loud report, as if of a pistol, was heard immediately beneath the windows of the hotel, and was succeeded by a series of fearful screams, and the shoutings of a mob. D-- rushed to a casement, threw it open, and looked out. In the meantime, I stepped to the card-rack, took the letter, put it in my pocket, and replaced it by a fac-simile, (so far as regards externals,) which I had carefully prepared at my lodgings; imitating the D-- cipher, very readily, by means of a seal formed of bread.

"The disturbance in the street had been occasioned by the frantic behavior of a man with a musket. He had fired it among a crowd of women and children. It proved, however, to have been without ball, and the fellow was suffered to go his way as a lunatic or a drunkard. When he had gone, D-- came from the window, whither I had followed him immediately upon securing the object in view. Soon afterwards I bade him farewell. The pretended lunatic was a man in my own pay.

"But what purpose had you," I asked, in replacing the letter by a fac-simile? Would it not have been better, at the first visit, to have seized it openly, and departed?"

"D--," replied Dupin, "is a desperate man, and a man of nerve. His hotel, too, is not without attendants devoted to his interests. Had I made the wild attempt you suggest, I might never have left the Ministerial presence alive. The good people of Paris might have heard of me no more. But I had an object apart from these considerations. You know my political prepossessions. In this matter, I act as a partisan of the lady concerned. For eighteen months the Minister has had her in his power. She has now him in hers; since, being unaware that the letter is not in his possession, he will proceed with his exactions as if it was. Thus will he inevitably commit himself, at once, to his political destruction. His downfall, too, will not be more precipitate than awkward. It is all very well to talk about the *facilis descensus Averni*; but in all kinds of climbing, as Catalani said of singing, it is far more easy to get up than to come down. In the present instance I have no sympathy --at least no pity --for him who descends. He is the *monstrum horrendum*, an unprincipled man of genius. I confess, however, that I should like very well to know the precise character of his thoughts, when, being defied by her whom the Prefect terms 'a certain personage,' he is reduced to opening the letter which I left for him in the card-rack."

"How? did you put any thing particular in it?"

"Why --it did not seem altogether right to leave the interior blank --that would have been insulting. D--, at Vienna once, did me an evil turn, which I told him, quite good-humoredly, that I should remember. So, as I knew he would feel some curiosity in regard to the identity of the person who had outwitted him, I thought it a pity not to give him a clue. He is well acquainted with my MS., and I just copied into the middle of the blank sheet the words:

"--Un dessein si funeste,
S'il n'est digne d'Atree, est digne de Thyeste."

They are to be found in Crebillon's '*Atree*.'"